

TERAPÊUTICA ESPÍRITA PARA A DROGADIÇÃO E O ALCOOLISMO

P. Janet

**Luiz Guilherme Marques
(médium)**

Não cabe a nós medir a dor alheia.
(Chico Xavier)

Podemos dizer que o tóxico é um irmão mais inteligente da cachaça, não? Através do álcool, por gerações e gerações, temos perdido muita gente. Os espíritos consideram, e nós também acreditamos, que essa fascinação pelo tóxico é a necessidade de amor que a criança e o jovem sentem naturalmente no seu próprio desenvolvimento.

(Chico Xavier)

Espíritas, amai-vos e instruí-vos.
(Allan Kardec)

O jovem que se abandona ao tóxico habitualmente pode estar com mesadas muito grandes, mas está sem o carinho e sem o calor paterno ou materno. Isso é muito sério na vida de quem está começando a existir nesse mundo. Às vezes a privação do dinheiro e a doação de trabalho digno é que vai construir uma existência feliz.

(Chico Xavier)

ÍNDICE

Introdução

1 – Drogas e alcoólicos

1.1 – Irmão mais inteligente

1.1.1 – Tendência à dependência química

1.1.1.1 – Encarnações passadas

1.1.1.2 – Encarnação atual

1.2 – Não recebimento de carinho e calor paterno ou materno

1.2.1 – Pais e mães materialmente ausentes

1.2.2 – Pais e mães espiritualmente ausentes

1.2.3 – Pais e mães que não orientam seus filhos

1.2.4 – Ausência de trabalho digno

1.2.4.1 – Ociosidade

1.2.4.1 – Obsessão

1.3 – Riqueza

1.4 – Pobreza

2 – Solução

2.1 – Dar e receber Amor Universal

2.2 – Evangelização

2.3 – Exercer trabalho digno

2.4 – Exercer atividades filantrópicas

3 – Os defeitos morais

3.1 – Orgulho

3.2 – Egoísmo

3.3 – Vaidade

4 – As virtudes

4.1 – Humildade

4.2 – Desapego

4.3 – Simplicidade

5 – Oração do recuperando

6 – A evolução de Enriette

Notas

INTRODUÇÃO

Nosso propósito é de, verdadeiramente, sem nenhuma máscara de hipocrisia ou falso moralismo, apresentar às pessoas que se reconhecem dependentes das drogas e das bebidas alcoólicas, bem como seus parentes e pessoas que com elas convivem, as observações que nos parecem mais úteis, como proposta de tratamento para esse problema.

Dito isto, de início, devemos reconhecer que tais dependências normalmente provêm do passado do Espírito, que ainda vive atrelado a essas conjunturas e não se cura em uma única encarnação, normalmente reduzindo-se através de muitas jornadas terrenas, tal como acontece com as demais limitações de natureza moral, como o orgulho, o egoísmo e a vaidade, que vão perdendo sua força sobre cada Espírito à medida que eles evoluem, o que se processa em muitas encarnações seguidas e não apenas em uma só: por isso, os que encaram a vida como resumível a uma única encarnação, têm razão em afirmar que esses dependentes são incuráveis, uma vez que, realmente, até o final daquela encarnação, podem haver recaídas.

Tal afirmativa não deve, todavia, levar ninguém à desesperança nem à revolta, pois a evolução de cada Espírito é infinita e ninguém sai da condição de Espírito primitivo e passa à de mediano em uma única encarnação, nem de mediano a evoluído e de evoluído a Puro.

Não estamos querendo desconsolar ninguém, mas apenas apresentar a realidade da evolução dos Espíritos, os quais não foram criados como seres humanos, ao contrário do que afirmou Moisés, na Gênese, pois utilizou uma linguagem simbólica, mas como seres mais primitivos que os vírus e as bactérias e viemos evoluindo, passando pelos Reinos inferiores da Natureza, e, atualmente, vivenciamos a fase humana, mas nos tornaremos Espíritos Puros, como Jesus, O qual disse: *“Vós podeis tudo que Eu faço e muito mais ainda.”*

Nesta Introdução queremos citar o exemplo de Sócrates, o qual, apesar de ser um dos Espíritos mais evoluídos que

encarnou na Terra, tinha um ponto fraco, que era o gosto pela bebida. Senão, vejamos o que Montaigne afirma no seu livro *“Ensaaios”*: *“E, no entanto, se, por um dever de cortesia, precisava erguer um copo, era no exército quem melhor bebia.”*

Alguns podem estranhar o fato de um Espírito tão evoluído manter um elo com um dos vícios mais devastadores, no entanto, tal é a verdade verdadeira. Esses, então, se assustarão ao saber que Mohandas Gandhi, mesmo com toda a sinceridade que o caracterizava, como outro eminente discípulo e missionário de Jesus, que vivenciou a não violência, certa feita, ao ser acariciado de forma inconveniente por uma senhora, que visava seduzi-lo, deferiu-lhe uma tapa no rosto.

Sabemos que, de todos os Espíritos que passaram pela Terra, somente Jesus percorreu uma trajetória retilínea. Assim, não devemos ser extremistas quanto aos Seus discípulos mais eminentes: nem, por um lado, reduzirmos a consideração que temos por eles, nem, por outro lado, cobrar deles a perfeição que eles próprios afirmam não ter ainda alcançado, pois, apesar de serem Espíritos muito adiantados, não se enquadram ainda na categoria de Espíritos Puros.

Assim, reconhecendo que todo está evoluindo e cada um ainda apresenta certas limitações prejudiciais, igualemo-nos todos no Amor Universal, ou seja, na consideração de uns pelos outros, e melhorremo-nos, ao mesmo tempo, ajudando-nos uns aos outros, porém, sem julgamentos, pois assim Jesus afirmou: *“Eu a ninguém julgo.”*

A hipocrisia é um dos piores defeitos que possamos adotar, pois, com ela, visamos enganar os outros. Retiremos qualquer máscara do rosto e olhemos a nós mesmos, direto, no espelho da própria consciência e, assim, se nos reconhecemos atrelados a uma dessas duas dependências, comecemos por afirmar perante nós próprios, e os que puderem nos ajudar que somos realmente dependentes: trata-se da *“confissão”*, de que fala o apóstolo Tiago. Se, porém, somos mais corajosos ainda, afirmemos essa situação perante

todos, aconteça o que acontecer em nível de julgamento dos outros. Depois disso, então, já estaremos preparados para iniciarmos a trajetória da cura, que, como em tudo o mais, seguirá um caminho acidentado, com altos e baixos, curvas e retas, tempestades e bonanças, até, algum dia, estarmos totalmente livres da dependência.

A fé em Deus é que dará forças às nossas pernas para a caminhada: *“A tua fé te curou.”*; a certeza na evolução nos fará confiantes na vitória: *“Sede perfeitos, como vosso Pai, que está nos céus, é Perfeito.”*; a presença de amigos sinceros significará inestimável apoio: *“Confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis.”*; e as boas obras que realizarmos em favor dos outros serão a condição *“zine que non”* para nos transformarmos no *“homem novo”*: *“O Amor cobre a multidão dos pecados”*.

Que Deus, nosso Pai, e Jesus, nosso Divino Pastor, nos abençoem a todos.

1 – DROGAS E ALCOÓLICOS [1] [2]

Temos de esclarecer os prezados Leitores que, quando nos referimos às drogas, temos em mente apenas aquelas que detêm um tropismo maléfico e não os produtos utilizados pela Medicina para tratamento de doenças do sistema nervoso.

Pode-se dizer que, desde o início da civilização, a humanidade tem utilizado determinados produtos caracterizáveis como drogas, dentre as quais incluímos os alcoólicos, sendo que Chico Xavier igualou os dois produtos, que chamou de irmãos.

A procura pelas drogas e pelos alcoólicos sempre foi muito grande, devido ao primitivismo espiritual da maioria dos habitantes do nosso planeta.

Os efeitos danosos para a saúde física e psíquica dos dependentes são inquestionáveis, como se sabe, sendo grande o número dos que, todos os dias, no mundo inteiro, desencarnam por causa dessa situação e, no mundo espiritual, costumam continuar sofrendo dessa dependência.

1.2 – IRMÃO MAIS INTELIGENTE

Os estudiosos do tema poderão querer questionar a afirmação de Chico Xavier de que as drogas são os irmãos “mais inteligentes” da cachaça, mas preferimos aderir ao modo de pensar do grande missionário de Jesus. Assim, analisemos: por que irmãos “mais inteligentes”? Porque existe muita pesquisa sobre as drogas, que, a cada dia, ficam mais fortes nos seus efeitos, enquanto que os alcoólicos continuam sendo os mesmos, desde épocas muito antigas, mantendo seus princípios ativos básicos.

Atualmente há drogas que, conforme seja o nível de resistência dos usuários, levam-nos à desencarnação em pouquíssimo tempo.

Por isso, verificamos que Chico Xavier tinha razão ao utilizar aquela expressão.

Há cientistas encarnados e há outros desencarnados que se dedicam à elaboração de drogas cada vez mais ativas sobre o sistema nervoso.

1.2.4 – TENDÊNCIA À DEPENDÊNCIA QUÍMICA

A tendência que certas pessoas apresentam para a dependência química se deve, não à hereditariedade dos seus ancestrais, mas sim ao seu próprio passado espiritual, pois, nesse ponto, “cada um herda apenas de si mesmo”, havendo filhos de pais dependentes químicos que nenhuma tendência têm para essa dependência, sendo que, no máximo, herdam um organismo deficitário em certos setores, sobretudo no sistema nervoso.

Os dependentes químicos costumam ser Espíritos que vêm utilizando essas substâncias em muitas encarnações, a ponto de terem enraizado no próprio perísprito os prejuízos que elas causam.

Que ninguém acuse seus ancestrais pelo fato de ser dependente químico, pois vale aqui a Lição de Jesus: “*A cada um segundo suas obras*”.

1.2.4.1 – ENCARNAÇÕES PASSADAS

Sendo, como é, a dependência química o resultado danoso proveniente de muitas encarnações, por isso mesmo sua cura não é normalmente conseguida em uma única encarnação, mas no curso de muitas vidas sucessivas de esforço para alguém mudar a estrutura do seu próprio perísprito, onde se encontram as matrizes desse mal.

Somos o resultado do que fomos ontem e seremos amanhã o resultado do que somos hoje.

A iniciativa do processo de libertação deve começar “*aqui e agora*”, para que, gradativamente, a libertação seja alcançada. Todavia, como temos dito, a cura demanda, normalmente, um prazo mais longo, englobando várias encarnações.

1.1.1.2 – ENCARNAÇÃO ATUAL

Quem é dependente logo manifesta esse quadro doentio, identificável facilmente, tal como acontece com os demais vícios e os defeitos morais.

O mais importante, nesses casos, é o próprio dependente reconhecer que o é, sem o que nada se pode fazer em seu favor.

O conselho do apóstolo Tiago se aplica a este tipo de situação: “Confessai vossas culpas uns aos outros e orai uns pelos outros, para que sareis.” Tanto a confissão da “culpa” (dependência) quanto a “oração” (pedido de ajuda) são imprescindíveis para a “cura”: entendamos bem esta informação.

A “confissão” significa o reconhecimento do próprio dependente, que é o primeiro passo, e a “oração” deve ser interpretada como a prece propriamente dita, pedindo socorro, bem como a procura de tratamento, através de profissionais especializados, bem como dos parentes, amigos e grupos de apoio.

1.2 – NÃO RECEBIMENTO DE CARINHO E CALOR PATERNO OU MATERNO

Chico Xavier não quis dizer que sempre que alguém não receba dos seus pais e mães o carinho que lhes é devido passe a ser, necessariamente, um dependente químico, pois tal situação ocorreu igualmente com ele, que, durante um determinado tempo, na infância, além de não ter o carinho da mãe, que tinha desencarnado, não era objeto de grande afeição por parte do pai, sendo, além disso, verdadeiramente, torturado pela madrinha e, nem por isso, passou depois a ser dependente químico.

Chico Xavier quis alertar os pais e mães para a importância de dedicarem afeto aos seus filhos, quando eles, trazendo de vidas passadas, o vício a que nos referimos, podem reincidir, devido ao estado psíquico negativo, que, não sendo contrabalançado por uma sintonia de elevado nível de positividade, pode contribuir para a utilização do recurso nocivo das drogas.

Nesse caso, os pais e mães acabam sendo corresponsáveis pela dependência química dos filhos ou filhas.

***“O Amor cobre a multidão dos pecados”*: disse Jesus. É evidente que o Divino Mestre quis significar que o Amor que eu sentir cobrirá a multidão dos meus pecados, mas o Amor que os pais e mães sentirem ajudará seus filhos e filhas através do exemplo, além de neutralizarem, em parte, sua sintonia negativa de dependentes químicos, mesmo sem neutralizá-la totalmente.**

1.2.1 – PAIS E MÃES MATERIALMENTE AUSENTES

A pior ausência física é aquela em que os filhos e filhas percebem que se deve ao desinteresse dos pais e mães por eles, pois, quando há um motivo justificável, a tendência é os filhos e filhas aceitarem, com mais naturalidade a não presença diária dos seus pais e mães.

O que dói é o descaso, o sentimento explícito ou implícito de abandono, o que faz as pessoas menos evoluídas se inclinarem para a sintonia negativa com outros depressivos, viciosos ou, de qualquer forma, simpatizantes do Mal.

1.2.2 – PAIS E MÃES ESPIRITUALMENTE AUSENTES

A troca de energia psíquica não necessita propriamente do toque material nem da presença física, pois se efetiva pelo pensamento, que se irradia entre os seres que se amam: assim, mesmo distantes geograficamente, alimentam-se reciprocamente, enquanto que, não havendo Amor, essa troca fluídica ocorre em pequena escala, podendo ser até nociva, se há animosidade.

Entendamos as coisas com a lógica das informações de que a humanidade encarnada dispõe sobre os assuntos relacionados com o mentalismo.

Pais e mães que odeiam seus filhos e filhas ou lhes são indiferentes podem causar-lhes maiores males se estão fisicamente presentes do que estando distantes.

1.2.3 – PAIS E MÃES QUE NÃO ORIENTAM SEUS FILHOS

A melhor orientação é dada através do exemplo e não das palavras e, pior ainda, através de castigos e castração psicológica, que revoltam ou deprimem.

Infelizmente, devido ao baixo nível de elevação intelectual-moral da maior parte da humanidade terrena, muitos pais e mães não têm condições de bem orientar seus filhos e filhas, pois eles próprios vivem incorretamente, atrelados a vícios ou defeitos morais acentuados.

Orientar é mostrar como se deve viver de acordo com a Lei de Deus, que Jesus resumiu no “*Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.*”

1.2.4 – AUSÊNCIA DE TRABALHO DIGNO

Há o trabalho digno, que se reveste de verdadeira integridade moral, e o trabalho indigno, representado por uma série de atividades de moralidade questionável. Também é de se considerar que há um número significativo de pessoas que ganham o pão de cada dia de forma moralmente condenável, mesmo quando exercem profissões normalmente decentes. O que importa, no caso, é a honestidade com que cada um trabalha. Esta observação vale tanto para os pais e mães, que dão maus exemplos, quanto para os próprios dependentes, quando vivem desonestamente, pois o Mal atrai o Mal, enquanto que o Bem atrai o Bem.

Há quem queira livrar os filhos e filhas da dependência química, mas seja desonesto no exercício do próprio sustento e da família, o que muito dificulta a cura. Também há dependentes químicos que não primam pela honestidade no próprio trabalho, o que também dificulta a cura.

Somos uma só peça, um monobloco, que se movimenta, em última instância, em função do Bem ou do Mal. Por isso Jesus disse: *“Não se pode Amar a Deus e a Mamom.”* Alguém querer a cura de outrem ministrando-lhe maus exemplos ou o próprio dependente vivendo desonestamente tudo isso se apresenta como uma forma de querer enganar a própria consciência. Com razão Jesus afirmou: *“Seja o vosso dizer sim sim, não não.”*

O Mal é o Mal e o Bem é o Bem: não devemos fingir que não sabemos isso.

A questão do merecimento para a cura é clara: ou se merece ou não se merece, pela fé, que se complementa pelas obras.

1.2.4.1 – OCIOSIDADE

Se não se deve interpretar de forma absoluta o ditado que afirma que: “A ociosidade é a mãe de todos os vícios” é certo que a ociosidade provoca danos de monta no psiquismo de quem a escolha como forma de vida.

Trabalhar é imprescindível por uma série de razões, além de usufruir a satisfação de prover ao próprio sustento de forma a dar sua contribuição pessoal para o bem estar e o progresso da coletividade.

O salário que mais devemos fazer questão de receber o exercício do próprio trabalho, independente de ser bem ou mal remunerado.

Transcrevemos, a seguir, duas mensagens do livro “*Luz em Gotas*”, psicografado pelo então encarnado irmão Gilberto, membro da nossa equipe de “trabalhadores da última hora”, atualmente vivendo conosco no mundo espiritual:

O Trabalho (um amigo)

O trabalho é um dos principais educadores do caráter do ser humano, porque produz a disciplina, obediência, consciência, atenção, aplicação e a perseverança, dando ao homem habilidade na sua profissão.

A aptidão natural e a inteligência são necessárias para que o homem dirija os negócios da sua vida comum.

O trabalho é lei natural da Vida, o princípio que impele o homem individualmente e, em termos coletivos, as nações.

A maior parte dos homens acha-se obrigada pelo trabalho manual. Mas, ao trabalhar com o cérebro ou com os braços, todos devem dar sua cota de serviço à construção comum do edifício social.

O trabalho pode ser considerado como fardo ou castigo. Mas, para o trabalhador, pode ser interpretado como uma honra e glória. Sem ele, nada se pode realizar de construtivo. E tudo que é grande no homem prove do

trabalho. A civilização que desfrutamos é o seu resultado em milênios de acumulação operativa.

Se o trabalho fosse abolido, a humanidade receberia um golpe mortal.

A ociosidade rói o coração e o consome, assim como a ferrugem desgasta o ferro. A indolência degrada, nunca dá bom resultado, é sempre inútil, melancólica e miserável.

A preguiça é veneno do corpo e da alma.

O homem ocioso é inútil, e qualquer que seja a extensão cronológica da sua vida, ele simplesmente vegeta.

A vida de um homem é medida pelo seu trabalho útil.

Os primeiros mestres do Cristianismo também ensinaram, exemplificando o valor do trabalho. Dizia Paulo, o Apóstolo: “Aquele que não quiser trabalhar, também não comerá”. E ele mesmo glorificou-se de ter sobrevivido pelo seu próprio trabalho, sem ter sido peso a ninguém. São Bonifácio, ao desembarcar na Bretanha, trazia consigo um volume do Evangelho e sua régua de carpinteiro. E Lutero, no meio de suas múltiplas ocupações, ganhava a vida cultivando jardins, edificando e consertando relógios. Ele dizia: “Enquanto houver nesta cidade um homem que não trabalhe ou uma mulher preguiçosa, haverá gente sofrendo frio e fome”.

O hábito de uma ocupação útil é – tanto para o homem quanto para a mulher – uma condição essencial de felicidade e bem estar.

Só é trabalho a ocupação que seja útil, e o bom emprego do tempo é um dos maiores segredos da felicidade.

O Trabalho
(Lavoisier)

Não deveis deixar que a vossa existência transcorra através de uma luta acirrada – e, por vezes, feroz – no terreno simplesmente utilitarista. Não convém

que sejais exclusivamente “formigas”. Deveis ter, porém, alguma coisa das “cigarras”.

Dessa forma, aprendereis a viver de acordo com a Natureza e, portanto, de acordo com as Leis Divinas. A formiga ensina a perseverança, a ordem e o método, enfrentando e vencendo as escabrosidades do carreiro; e a cigarra mostra a vós o processo de amenizar as asperezas, e faz provações e vicissitudes inerentes à vossa condição atual.

O trabalho não é castigo; é benção. Ele deve, por isso mesmo, ser executado com prazer. E o meio de conseguirdes trabalhar prazerosamente é eliminar, o quanto possível, o cunho egoístico de que ele se reveste no mundo onde viveis.

O objetivo do trabalho não está, como se imagina, unicamente no lucro econômico que proporciona. Além desse aspecto mercantilista, há um outro que não pode passar despercebido por todos os que visam à própria paz de consciência: refiro-me à sua finalidade essencial, ao seu motivo elevado, que é promover, acoroçoar a evolução, despertando os poderes do espírito.

Tal é, em realidade, a razão superior do trabalho.

Portanto, quem trabalha sempre se enriquece.

O Espírito de Verdade – em belíssima passagem de “A Grande Síntese” – assim se manifesta acerca do magno assunto: “A vossa mentalidade utilitária tem feito do trabalho um condenação, num tormento insaciável de possessão”.

A “lei do mais forte”, que vigora no mundo econômico, fez do trabalho uma forma de luta e uma tentativa de furto ou extorsão.

O trabalho pode ser considerado como uma dor. Mas, ela é justa e está no seu posto certo como uma alavanca da Evolução; exprime nas suas formas atuais,

aí no mundo, exatamente o que mereceis e o que sois evolutivamente falando.

Todos os males de que padeceis individual e coletivamente são devidos a vossa impotência para fazer o melhor, e a vossa imperfeição social.

Mais do que uma necessidade econômica, o trabalho é uma necessidade moral. E o conceito de “trabalho econômico” deve ser substituído pelo de “trabalho função-social”. Direi mais, “trabalho função biológico-construtora”.

O trabalho tem a função de criar novos membros exteriores (como, por exemplo, a máquina), expressões do psiquismo e a função de fixação – pela repetição constante dos indivíduos dentro do esquema social.

Procurai entender o trabalho como instrumento de construção eterna, cujo fruto é também individual sob a forma de aptidões adquiridas para sempre – e não como acumulação de vantagens materiais, imediatas e transitórias.

Na figueira infecunda – e, por isso mesmo, castigada – prefigurou o Cristo a ociosidade e o parasitismo, quer considerados individualmente, quer relacionados a classes sociais inteiras, que consomem sem produzir.

Sabe-se que “a cada um é dado segundo as próprias obras”. Assim, o trabalho deve ser exercitado como verdadeira benção e graça divinas.

1.2.4.2 - OBSESSÃO

Uma pessoa que seja dependente químico está, realmente, vivendo debaixo de uma obsessão, seja médium ostensivo ou não. Por isso, transcrevemos abaixo o que consta sobre esse tema em “*O Livro dos Médiuns*”, traduzido e anotado por José Herculano Pires.

Os prezados leitores, por favor, atentem para os esclarecimentos do Codificador e, se lhes disserem respeito, apliquem-nos a si próprios e, em caso contrário, auxiliem outrem, a fim de se livrarem de processos obsessivos, que acometem quem quer que se desvie de uma vida consagrada ao auto aperfeiçoamento moral.

Devido à relevância do tema, ao invés de mencionarmos as lições de Allan Kardec como uma das Notas, preferimos apresenta-las como um tópico deste estudo, a fim de sejam lidas, ou melhor, estudadas pelos prezados leitores:

237. No número das dificuldades que a prática do Espiritismo apresenta é necessário colocar a da obsessão em primeira linha. Trata-se do domínio que alguns Espíritos podem adquirir sobre certas pessoas. São sempre os Espíritos inferiores que procuram dominar, pois os bons não exercem nenhum constrangimento. Os bons aconselham, combatem a influência dos maus, e se não os escutam preferem retirar-se. Os maus, pelo contrário, agarram-se aos que conseguem prender. Se chegarem a dominar alguém, identifica-se com o Espírito da vítima e a conduzem como se faz com uma criança.

A obsessão apresenta característica diversas que precisamos distinguir com precisão, resultantes do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que este produz. A palavra obsessão é portanto um termo genérico pelo qual se designa o conjunto desses fenômenos, cujas principais variedades são: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.

238. A obsessão simples verifica-se quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, intromete-se contra a sua vontade nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e substitui os que são evocados.

Não se está obsedado pelos simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso, pois o melhor médium está sujeito a isso, sobretudo no início, quando ainda lhe falta a experiência necessária, como entre nós as pessoas mais honestas podem ser enganadas por trapaceiros. Pode-se, pois, ser enganado sem estar obsedado. A obsessão consiste na tenacidade de um Espírito do qual não se consegue desembaraçar.

Na obsessão simples o médium sabe perfeitamente que está lidando com um Espírito mistificador, que não se disfarça e nem mesmo dissimula de maneira alguma as suas más intenções e o seu desejo de contrariar. O médium reconhece facilmente a mistificação, e como se mantém vigilante raramente é enganado. Assim, esta forma de obsessão é apenas desagradável e só tem o inconveniente de dificultar as comunicações com os Espíritos sérios ou com os de nossa afeição.

Podemos incluir nesta categoria os casos de obsessão física, que consistem nas manifestações barulhentas e obstinadas de certos Espíritos que espontaneamente produzem pancadas e outros ruídos. Quanto a este fenômeno, remetemos o leitor ao capítulo Das manifestações físicas espontâneas, n° 82.

239. A fascinação tem conseqüências muito mais graves. Trata-se de uma ilusão criada diretamente pelo Espírito no pensamento do médium e que paralisa de certa maneira a sua capacidade de julgar as

comunicações. O médium fascinado não se considera enganado. O Espírito consegue inspirar-lhe uma confiança cega, impedindo-o de ver a mistificação e de compreender o absurdo do que escreve, mesmo quando este salta aos olhos de todos. A ilusão pode chegar a ponto de levá-lo a considerar sublime a linguagem mais ridícula. Enganam-se os que pensam que esse tipo de obsessão só pode atingir as pessoas simples, ignorantes e desprovidas de senso. Os homens mais atilados, mais instruídos e inteligentes noutro sentido, não estão mais livres dessa ilusão, o que prova tratar-se de uma aberração produzida por uma causa estranha, cuja influência os subjuga.

Dissemos que as consequências da fascinação são muito mais graves. Com efeito, graças a essa ilusão que lhe é conseqüente o Espírito dirige a sua vítima como se faz a um cego, podendo levá-lo a aceitar as doutrinas mais absurdas e as teorias mais falsas como sendo as únicas expressões da verdade. Além disso, pode arrastá-lo a ações ridículas, comprometedoras e até mesmo bastante perigosas.(1)

Compreende-se facilmente toda a diferença entre obsessão simples e a fascinação. Compreende-se também que os Espíritos provocadores de ambas devem ser diferentes quanto ao caráter. Na primeira, o Espírito que se apega ao médium é apenas um importuno pela sua insistência, do qual ele procura livrar-se. Na segunda, é muito diferente, pois para chegar a tais fins o Espírito deve ser esperto, ardiloso e profundamente hipócrita. Porque ele só pode enganar e se impor usando máscara e uma falsa aparência de virtude.

As grandes palavras como caridade, humildade e amor a Deus servem-lhe de carta de fiança. Mas através

de tudo isso deixa passar os sinais de sua inferioridade, que só o fascinado não percebe; e por isso mesmo ele teme, mais do que tudo, as pessoas que veem as coisas com clareza. Sua tática é quase sempre a de inspirar ao seu intérprete afastamento de quem quer que possa abri-lhe os olhos. Evitando, por esse meio, qualquer contradição, está certo de ter sempre razão.

240. A subjugação é um envolvimento que produz a paralisação da vontade da vítima, fazendo-a agir malgrado seu. Esta se encontra, numa palavra, sob um verdadeiro jugo.

A subjugação pode ser moral ou corpórea. No primeiro caso, o subjugado é levado a tomar decisões frequentemente absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão considera sensatas: é uma espécie de fascinação. No segundo caso, o Espírito age sobre os órgãos materiais, provocando movimentos involuntários. No médium escrevente produz uma necessidade incessante de escrever, mesmo nos momentos mais inoportunos. Vimos subjugados que, na falta de caneta ou lápis, fingiam escrever com o dedo, onde quer que se encontre, mesmo nas ruas, escrevendo em portas e paredes.

A subjugação corpórea vai às vezes mais longe, podendo levar a vítima aos atos mais ridículos. Conhecemos um homem que, não sendo jovem nem belo, dominado por uma obsessão dessa natureza, foi constrangido por uma força irresistível a cair de joelhos diante de uma jovem que não lhe interessava e pedi-la em casamento. De outras vezes sentia nas costas e nas curvas das pernas uma forte pressão que obrigava, apesar de sua resistência, a ajoelhar-se e beijar a terra nos lugares públicos, diante da multidão. Para os seus conhecidos

passava por louco(2), mas estamos convencidos de que absolutamente não o era, pois tinha plena consciência do ridículo que praticava contra a própria vontade e sofria com isso horrivelmente.

241. Dava-se antigamente o nome de possessão ao domínio exercido pelos maus Espíritos, quando a sua influência chegava a produzir a aberração das faculdades humanas. A possessão corresponderia, para nós, à subjugação. Se não adotamos esse termo, é por dois motivos: primeiro, por implicar a crença na existência de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, quando só existem seres mais ou menos imperfeitos e todos eles suscetíveis de se melhorarem; segundo, por implicar também a ideia de tomada do corpo por um Espírito estranho, numa espécie de coabitação, quando só existe constrangimento. A palavra subjugação exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não existem possessos, no sentido vulgar do termo, mas apenas obsedados, subjugados e fascinados.(3)

242. A obsessão, como dissemos, é um dos maiores escolhos da mediunidade. É também um dos mais frequentes. Assim, nunca serão demais as providências para combatê-la. Mesmo porque, além dos prejuízos pessoais que dela resultam, constitui um obstáculo absoluto à pureza e veracidade das comunicações. A obsessão, em qualquer dos seus graus, sendo sempre o resultado de um constrangimento, e não podendo jamais esse constrangimento ser exercido por um Espírito bom, segue-se que toda comunicação dada por um médium obsedado é de origem suspeita e não merece nenhuma confiança. Se, por vezes, se encontrar nela algo de bom, é necessário restringir-se a isso e rejeitar tudo o que apresentar o menor motivo de dúvida.

243. Reconhece-se a obsessão pelas seguintes características:

1) Insistência de um Espírito em comunicar-se queria ou não o médium, pela escrita, pela audição, pela tipologia etc., opondo-se a que outros Espíritos o façam.

2) Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações recebidas.

3) Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem falsidades ou absurdos.

4) Aceitação pelo médium dos elogios que lhe fazem os Espíritos que se comunicam por seu intermédio.

5) Disposição para se afastar das pessoas que podem esclarecê-lo.

6) Levar a mal a crítica das comunicações que recebe.

7) Necessidade incessante e inoportuna de escrever.

8) Qualquer forma de constrangimento físico, dominando-lhe à vontade e forçando-o a agir ou falar sem querer.

9) Ruídos e transtornos em redor do médium, causados por ele ou tendo-o por alvo.

244. Em face do perigo da obsessão, ocorre perguntar se não é inconveniente ser médium, se não é essa

faculdade que a provoca, enfim, se não é isso uma prova da inconveniência das comunicações espíritas. Nossa resposta é fácil e pedimos que a meditem cuidadosamente.

Não tendo sido os médiuns nem os espíritas que criaram os Espíritos, mas sim os Espíritos que deram origem aos espíritas e aos médiuns, e sendo os Espíritos simplesmente as almas dos homens, é evidente que sempre exerceram sua influência benéfica ou perniciosa sobre a Humanidade. A faculdade mediúnica é para eles apenas um meio de se comunicarem, e na falta dessa faculdade eles se comunicam por mil outras maneiras mais ou menos ocultas. Seria errôneo, pois, acreditar que os Espíritos só exercem sua influência através das comunicações escritas ou verbais. Essa influência é permanente e os que não se preocupam com os Espíritos, ou nem mesmo creem na sua existência, estão expostos a ela como os outros, e até mais do que os outros, por não disporem de meios de defesa. É pela mediunidade que o Espírito se dá a conhecer. Se ele for mau, sempre se trai, por mais hipócrita que seja. Pode-se dizer, portanto, que a mediunidade permite ao homem ver o seu inimigo face a face, se assim se pode dizer, e combatê-lo com suas próprias armas. Sem essa faculdade ele age na sombra, e contando com a invisibilidade pode fazer e faz realmente muito mal.(4)

A quantos atos não é o homem impelido, para sua desgraça, e que seriam evitados se ele tivesse um meio de se esclarecer. Os incrédulos não supõem dizer uma verdade quando afirmam de um homem que se obstina no erro. “É o seu mau gênio que o impele a perder-se”. É assim que o conhecimento do Espiritismo, longe de facilitar o domínio dos maus Espíritos, deve ter como resultado, num tempo mais ou menos próximo, quando se achar divulgado, destruir esse domínio, dando a cada um

os meios de se manter vigilante contra as suas sugestões. E aquele que então sucumbir só poderá queixar-se de si mesmo.

Regra geral: quem quer que receba más comunicações espíritas, escritas ou verbais, está sob má influência; essa influência se exerce sobre ele, quer escreva ou não, isto é, seja ou não médium, creia ou não creia. A escrita oferece-lhe um meio de assegurar da natureza dos Espíritos em ação e de os combater, se forem maus, os que se consegue com maior êxito quando se chega a conhecer os motivos da sua atividade. Se a sua cegueira é bastante para não lhe permitir a compreensão, outros poderão lhe abrir os olhos.

Em resumo: o perigo não está no Espiritismo, desde que este pode, pelo contrário, servir-nos de controle e preservar-nos do risco incessante a que nos expomos sem saber. Ele está na orgulhosa propensão de certos médiuns a se considerarem muito levemente instrumentos exclusivos dos Espíritos superiores, e na espécie de fascinação que não lhes permite compreender as tolices de que são intérpretes. Mas mesmo os que não são médiuns podem se deixar envolver.

Façamos uma comparação. Um homem tem um inimigo secreto que ele não conhece e que espalha contra ele, às ocultas, a calúnia e tudo o que a mais negra maldade possa engendrar. Vê a sua fortuna se perder, os amigos se afastarem, perturbar-se a sua tranquilidade interior. Não podendo descobrir a mão que o fere, não pode se defender e acaba vencido. Mas um dia o inimigo secreto lhe escreve e se trai, apesar da sua astúcia. Eis descoberto o inimigo que ele agora pode fazer calar e com isso se reabilitar. Esse o papel dos maus Espíritos, que o Espiritismo nos dá a possibilidade de descobrir e anular.

245. Os motivos da obsessão variam segundo o caráter do Espírito. Às vezes é a prática de uma vingança contra pessoa que o magoou na sua vida ou numa existência anterior. Frequentemente é apenas o desejo de fazer o mal, pois como sofre, deseja fazer os outros sofrerem, sentido uma espécie de prazer em atormentá-los e humilhá-los. A impaciência das vítimas também influi, porque ele vê atingido o seu objetivo, enquanto a paciência acaba por cansá-lo. Ao se irritar, mostrando-se zangado, a vítima faz precisamente o que ele quer. Esses Espíritos agem às vezes pelo ódio que lhes desperta a inveja do bem, e é por isso que lançam a sua maldade sobre criaturas honestas.

Um deles se apegou como verdadeira tinha(5) a uma boa família nossa conhecida, que não teve aliás, a satisfação de enganar. Interrogado sobre o motivo do ataque a essa boa gente, ao invés de apegar-se a homens da sua espécie, respondeu: Esses não me dão inveja. Outros são levados por simples covardia, aproveitando-se da fraqueza moral de certas pessoas, que sabem incapazes de lhes oferecer resistência. Um destes, que subjugava um rapaz de inteligência muito curta, respondeu-nos sobre o motivo da sua escolha:

Tenho muita necessidade de atormentar alguém: uma pessoa capaz me repeliria; apego-me a um idiota que não pode resistir.

246. Há Espíritos obsessores sem maldade, que são até mesmo bons, mas dominados pelo orgulho do falso saber: têm suas ideias, seus sistemas sobre as Ciências, a Economia Social, a Moral, a Religião, a Filosofia. Querem impor a sua opinião e para isso procuram médiuns suficientemente crédulos para aceitá-las de olhos fechados, fascinando-os para impedir

qualquer discernimento do verdadeiro e do falso. São os mais perigosos porque não vacilam em sofismar e podem impor as mais ridículas utopias. Conhecendo o prestígio dos nomes famosos não têm escrúpulo em enfeitar-se com eles e nem mesmo recuam ante o sacrilégio de se dizerem Jesus, a Virgem Maria ou um santo venerado.(6)

Procuram fascinar por uma linguagem empolada, mais pretensiosa do que profunda, cheia de termos técnicos e enfeitada de palavras grandiosas, como Caridade e Moral. Evitam os maus conselhos, porque sabem que seriam repelidos, de maneira que os enganados os defendem sempre, afirmando: Bem vêes que nada dizem de mau. Mas a moral é para eles apenas um passaporte, é o de que menos cuidam. O que desejam antes de mais nada é dominar e impor as suas ideias, por mais absurdas que sejam.(7)

247. Os Espíritos sistemáticos são quase sempre escrevinhadores. É por isso que procuram os médiuns que escrevem com facilidade, tratando de fazê-los seus instrumentos dóceis e sobretudo entusiastas, por meio da fascinação. Esses Espíritos são geralmente verbosos, muito prolixos, procurando compensar pela quantidade a falta de qualidade. Gostam de ditar aos seus intérpretes volumosos escritos, indigestos e muitas vezes pouco inteligíveis, que trazem felizmente como contraveneno a impossibilidade material de ser lidos pelas massas. Os Espíritos realmente superiores são sóbrios nas palavras, dizem muita coisa em poucas linhas, de maneira que essa fecundidade prodigiosa deve ser sempre considerada suspeita.

Nunca será demais a prudência, quando se tratar da publicação de semelhantes escritos. As utopias e as excentricidades, que são neles frequentemente

abundantes e chocam o bom senso, provocam impressão muito desagradável nas pessoas que se iniciam, dando-lhes uma ideia falsa do Espiritismo, sem contar ainda que servem de armas aos adversários para ridicularizá-lo. Entre essas publicações há as que, sem serem más e sem provirem de uma obsessão, podem ser consideradas como imprudentes, intempestivas e inábeis.(8)

248. Acontece com muita frequência que um médium só pode comunicar-se com um Espírito que se ligou a ele e responde pelos que são evocados. Nem sempre se trata de obsessão, porque isso pode decorrer de uma falta de flexibilidade do médium e de uma afinidade especial de sua parte com este ou aquele Espírito. A obsessão propriamente dita só existe quando o Espírito se impõe e afasta voluntariamente o outro, o que jamais é feito por um Espírito bom. Geralmente, o Espírito que se apossa do médium para dominá-lo não suporta o exame crítico das suas comunicações. Quando vê que elas não são aceitas, mas submetidas à discussão, não deixa o médium mas lhe sugere o pensamento de se afastar, e muitas vezes mesmo lhe ordena que se afaste. Todo médium que se aborrece com as críticas das suas comunicações faz-se eco do Espírito que o domina, e esse Espírito não pode ser bom, desde que lhe inspira o pensamento ilógico de recusar o exame.

O isolamento do médium é sempre prejudicial para ele, que fica sem a possibilidade de controle de suas comunicações. Ele deve não somente esclarecer-se através de terceiros, mas também estudar todos os gêneros de comunicações, para aprender a compará-las. Limitando-se às que recebe, por melhores que lhe pareçam, fica exposto a enganar-se quanto ao seu valor, devendo-se ainda considerar que ele não pode conhecer

tudo e que elas giram sempre num mesmo círculo de ideias. (Ver no número 192: Médiuns exclusivos)

249. Os meios de combater a obsessão variam, segundo as características de que ela se reveste. Não existe um perigo real para todo médium que esteja bem convencido de lidar com um Espírito mentiroso, como acontece na obsessão simples. Esta não será para ele mais do que um fato desagradável. Mas precisamente por lhe ser desagradável, o Espírito tem mais uma razão para insistir em aborrecê-lo. Duas medidas essenciais devem ser tomadas pelo médium nesse caso: provar ao Espírito que não foi enganado por ele e que será impossível deixar-se enganar; segundo, cansar-lhe a paciência, mostrando-se mais paciente do que ele. Quando se convencer de que perde o seu tempo, acabará por se retirar, como o fazem o importuno a quem não se escuta.

Mas isso nem sempre é suficiente e pode demorar bastante, porque existem os teimosos, para os quais os meses e os anos pouco significam. O médium deve, além disso, apelar fervorosamente ao seu bom anjo e aos bons Espíritos que lhe são simpáticos, suplicando-lhes assistência. No tocante ao Espírito obsessor, por mau que ele seja, é necessário tratá-lo com serenidade mas ao mesmo tempo com benevolência, vencendo-o pelo bom procedimento, orando por ele. Se for realmente um Espírito perverso, a princípio se divertirá com isso, mas submetido com perseverança a um processo de moralização, acabará por emendar-se. É uma conversão que se empreende, tarefas muitas vezes penosas, ingratas, mas cujo mérito está na própria dificuldade, e que uma vez bem realizada traz sempre a satisfação de se haver cumprido um dever de caridade, e frequentemente a de haver reconduzido ao bom caminho uma alma perdida.(9)

É também conveniente interromper as comunicações escritas quando se reconhece que procedem de um Espírito mau, que nada quer ouvir, para não se lhe dar o prazer de ser ouvido. Em certos casos, pode mesmo ser útil deixar de escrever por algum tempo, regulando-se isso de acordo com as circunstâncias. Mas se o médium escrevente pode evitar essas conversações abstendo-se de escrever, não se dá o mesmo com o médium audiente, que o Espírito obsessor persegue às vezes a todo instante com seu palavreado grosseiro e obsceno, e que não tem nem mesmo o recurso de fechar os ouvidos. De resto, devemos reconhecer que certas pessoas se divertem com a linguagem trivial dessa espécie de Espíritos, que os encorajam e provocam ao rir das suas tolices, ao invés de lhes impor silêncio e orientá-los moralmente. Nossos conselhos não podem aplicar-se a esses que desejam afogar-se.

250. Só há, portanto, aborrecimento e não perigo para todo médium que não se deixa enganar, de vez que ele não pode ser confundido. Exatamente o contrário se verifica na fascinação, porque então o domínio do Espírito sobre a vítima não tem limites. A única coisa a fazer é convencê-la de que foi enganada e reverter a sua obsessão ao grau de obsessão simples. Mas isso nem sempre é fácil, se não for algumas vezes impossíveis. O ascendente do Espírito sobre o fascinado é tal que o torna surdo a todo raciocínio. Pode mesmo chegar a ponto de fazê-lo duvidar do acerto da Ciência, quando o Espírito comete alguma grossa heresia científica.

Como já dissemos, o fascinado recebe geralmente muito mal os conselhos. A crítica o aborrece, irrita e faz embirrar com as pessoas que não participam da sua admiração. Suspeitar do seu obsessor é quase uma

profanação, e é isso o que o Espírito deseja, que se ponham de joelhos ante as suas palavras.

Um desses Espíritos exercia extraordinária fascinação sobre pessoa nossa conhecida. Evocamo-lo e após algumas fanfarrices, vendo que não podia lograr-nos quanto à sua identidade, acabou confessando que tomara um nome falso. Perguntamos porque abusava tanto daquela pessoa, e ele respondeu com estas palavras que revelam nitidamente o caráter dessa espécie de Espíritos: Eu procurava um homem que pudesse manejar, encontrei-o e ficarei com ele. – Mas se o esclarecermos ele o expulsará. – É o que veremos!

Como não há pior cego do que o que não quer ver, quando se reconhece a inutilidade de todas as tentativas para abrir os olhos do fascinado o melhor que se tem a fazer é deixá-lo com as suas ilusões. Não se pode curar um doente que se obstina na doença e nela se compraz.(10)

251. A subjugação corpórea tira quase sempre ao obsedado as energias necessárias para dominar o mau Espírito. É por isso necessária à intervenção de uma terceira pessoa, agindo por meio do magnetismo ou pela força da sua própria vontade. Na falta do concurso do obsedado, essa pessoa deve conseguir ascendente sobre o Espírito. Mas como essa ascendência só pode ser moral, só pode ser exercida por uma pessoa moralmente superior ao Espírito, e seu poder será tanto maior quanto o for a sua superioridade moral, porque então se impõe ao Espírito, que se vê obrigado a inclinar-se ante ela. Era por isso que Jesus possuía tamanho poder de expulsar os que então se chamavam demônios, ou seja, os maus Espíritos obsessores.

Só podemos dar aqui alguns conselhos gerais, porque não há nenhum processo material, nenhuma fórmula, sobretudo, nem qualquer palavra sacramental que tenham o poder de expulsar os Espíritos obsessores. O que falta em geral ao obsedado é força fluídica suficiente. Nesse caso a ação magnética de um bom magnetizador pode dar-lhe uma ajuda eficiente. Além disso, é sempre bom obter, por um médium de confiança, os conselhos de um Espírito superior ou do seu anjo da guarda.(11)

252. As imperfeições morais do obsedado são frequentemente um obstáculo à sua libertação. Eis um notável exemplo, que pode servir para a instrução de todos.

Desde alguns anos que várias irmãs vinham sendo vítimas de atos estranhos de depredação. Suas roupas eram continuamente espalhadas por todos os cantos da casa e até mesmo pelo telhado. Eram rasgadas, cortadas e crivadas de furos, por mais cuidados que tivessem em guardá-las sob chaves. Essas senhoras, isoladas numa pequena cidade provinciana, jamais tinham ouvido falar de Espiritismo. A primeira ideia que tiveram foi, naturalmente, a de estarem sendo vítimas de brincadeiras de mau gosto. Mas a persistência dos fatos e as precauções que tomavam afastaram essa ideia.

Só muito tempo depois, graças a algumas indicações, achou que devia dirigir-se a nós, procurando saber à causa desses transtornos e os meios, se possível, de lhes dar um fim.

A causa estava bem clara, mas o remédio era mais difícil. O Espírito que assim se manifestava era evidentemente malfazejo. Mostrou-se, na evocação, de grande

perversidade e inacessível aos bons sentimentos. A prece, porém, parecia exercer sobre ele uma boa influência. Mas após algum tempo de descanso, as depredações recomeçaram. Eis a respeito o conselho dado por um Espírito superior:

O que essas senhoras têm de melhor a fazer é rogar aos seus Espíritos protetores que não as abandonem. E eu não tenho melhor conselho a lhes dar do que o de mergulharem na própria consciência para se confessarem consigo mesmas, examinando se praticaram sempre o amor ao próximo e a caridade. Não me refiro à caridade que dá e distribui, mas à caridade da língua. Porque infelizmente elas não sabem contê-la, e por outro lado não justificam, por seus atos piedosos, o desejo de se livrarem de quem as atormenta. Gostam bastante de falar mal do próximo e o Espírito que as obseda tira a sua desforra, porque em vida foi para elas um bode expiatório. Basta-lhes sondar a memória para logo descobrirem com quem estão lidando.

Entretanto, se chegarem a melhor, seus anjos da guarda voltarão para elas e sua presença será suficiente para afastar o Espírito mau, que se apegou sobretudo a uma delas porque o seu anjo da guarda teve de afastar-se, diante dos seus atos repreensíveis ou dos seus maus pensamentos. O que elas precisam é de fazer preces fervorosas pelos que sofrem, e acima de tudo praticar as virtudes que Deus recomenda a cada um, segundo a sua condição.

À observação de que essas palavras nos pareciam um pouco severas, e que talvez se devesse abrandá-las para a transmitir o Espírito acrescentou:

Eu tenho a dizer isso que disse e como disse, porque as pessoas em causa acostumou-se a pensar que não fazem nenhum mal pela língua, quando na verdade o fazem e muito. Eis porque é necessário chocar-lhes o espírito de maneira que isso lhes sirva de séria advertência.

Disso resulta um ensinamento de grande alcance, o de que as imperfeições morais dão acesso aos Espíritos obsessores, e de que o meio mais seguro de livrar-se deles é atrair os bons pela prática do bem. Os Espíritos bons são naturalmente mais poderosos que os maus e basta a sua vontade para os afastar, mas assistem apenas aqueles que os ajudam, por meio dos esforços que fazem para melhorarem. Do contrário se afastam e deixam o campo livre para os maus Espíritos, que se transformam assim em instrumentos de punição, pois os bons os deixam agir com esse fim.

253. Mas é necessário evitar atribuir à ação direta dos Espíritos todas as nossas contrariedades, que em geral são consequência da nossa própria incúria ou imprevidência. Certo dia um lavrador nos mandou escrever que há doze anos todas as desgraças caíam sobre os seus animais. Ora morriam as vacas e deixavam de dar leite, ora morriam os cavalos, os carneiros ou os porcos. Fez muitas novenas que não remediaram o mal, o mesmo se dando com as missas que mandou rezar e com os exorcismos que mandou fazer. Acreditou, então, segundo as superstições do campo, que haviam feito algum mal para os seus animais. Julgando-nos sem dúvida com maior poder de conjurar que o padre da sua aldeia, pediu-nos um conselho. Eis a resposta que obtivemos:

“A mortandade ou as doenças dos animais desse homem provêm dos seus currais infectados, que ele não manda limpar porque isso custa”.

254. Encerraremos este capítulo com as respostas dos Espíritos a algumas perguntas, vindo em apoio do que dissemos:

1. Por que certos médiuns não podem livrar-se de Espíritos maus que a eles se ligam, e como os Espíritos bons que eles chamam não têm força suficiente para afastar os outros e comunicar-se por seu intermédio?

— Não falta poder ao Espírito bom. É o médium que quase sempre não está em condições de auxiliá-lo. Sua natureza é mais adequada a outras relações, seu fluido se identifica mais com um Espírito do que com outro. É isso o que dá tamanha força aos que querem enganá-lo.

2. Parece-nos, entretanto, que há pessoas bastante meritórias, de moralidade irrepreensível, e não obstante impedidas de comunicar-se com os Espíritos bons.

— Não é uma prova. E quem te pode dizer que não trazem o coração um tanto manchado de mal? Que o orgulho não controla um pouco essa aparência de bondade? Essas provas revelam ao obsedado a sua fraqueza e devem incliná-lo para a humildade. Há alguém na Terra que se possa dizer perfeito? Aquele mesmo que tem todas as aparências da virtude pode ter ainda muitos defeitos ocultos, um velho fermento de imperfeição. Assim, por exemplo, dizes daquele que não pratica o mal, que é leal nas suas relações sociais: É um homem bom é digno! Mas sabes se essas qualidades não estão manchadas pelo orgulho? Se não há nele um fundo

de egoísmo? Se ele não é avarento, invejoso, rancoroso, maledicente e muitas outras coisas que não percebes, porque as tuas relações com ele não te deram motivo a descobri-las? O meio mais poderoso de combater a influência dos Espíritos maus é aproximar-se o mais possível da natureza dos bons.

3. A obsessão que impede um médium de receber as comunicações que deseja é sempre um sinal de indignidade de sua parte?

— Eu não disse que se trata de um sinal de indignidade, mas que pode haver obstáculos a certas comunicações. Ele deve empenhar-se em vencer os obstáculos, que estão nele mesmo. Sem isso, suas preces e suas súplicas nada farão. Não basta a um doente dizer ao médico: Dá-me a saúde, quero passar bem. O médico nada pode, se o doente não faz o necessário.

4. A privação de comunicar-se com certos Espíritos seria uma espécie de punição?

— Em certos casos pode ser uma verdadeira punição, como a possibilidade de comunicar-se com eles é uma recompensa que deves procurar merecer. (Ver Pedra e suspensão da mediunidade, n° 220).

5. Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos orientando-os moralmente?

— Sim, mas é o que não se faz e não se pode deixar de fazer. Porque é frequentemente uma tarefa que foi dada e que devias cumprir caridosa e religiosamente. Por meio de bons conselhos pode-se levá-los ao arrependimento e apressar-lhes o adiantamento.

5. a . Como pode um homem ter mais influência, nesse caso, do que os próprios Espíritos?

— *Os Espíritos perversos se aproximam mais dos homens, que procuram atormentar, do que dos Espíritos, pois destes se afastam o mais possível. Nessa aproximação aos humanos, quando encontram quem os tenta moralizar, a princípio não lhe dão ouvidos e até riem-se dele, mas depois, se este soube prendê-los, acabam por sentir-se tocados. Os Espíritos elevados só podem falar-lhes em nome de Deus, e isso os apavora. O homem não tem, é evidente, mais poder que os Espíritos superiores, mas a sua linguagem é mais acessível à natureza inferior, e vendo a influência que podem exercer os Espíritos inferiores, compreende melhor a solidariedade existente entre o Céu a Terra. Além disso, o ascendente que o homem pode ter sobre os Espíritos está na razão de sua superioridade moral. Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem serem superiores, são bons e benevolentes. Mas pode dominar os Espíritos que lhe forem moralmente inferiores. (Ver nº 279).*

6. A subjugação corpórea, em seu desenvolvimento, poderia levar à loucura?

— *Sim, a uma espécie de loucura cuja causa é desconhecida do mundo, mas que não tem relação com a loucura ordinária. Entre os que são tratados como loucos há muitos que são apenas subjugados. Necessitariam de um tratamento moral, enquanto os tornam loucos verdadeiros com os tratamentos corporais. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão maior número de doentes do que o fazem com as duchas. (Ver nº 221).(12)*

7. O que se deve pensar dos que, vendo algum perigo no Espiritismo, julgam que o meio de evitá-lo seria proibir as comunicações espíritas?

— Se eles podem proibir a certas pessoas de se comunicarem com os Espíritos, não podem impedir as comunicações espontâneas a essas mesmas pessoas, pois não podem suprimir os Espíritos nem impedir que exerçam a sua influência oculta. Essa atitude se assemelha à das crianças que fecham os olhos e pensam que a gente não as vê.

Seria loucura, só porque os imprudentes podem cometer abusos, querer suprimir uma coisa que proporciona grandes vantagens. O meio de prevenir os inconvenientes é, pelo contrário, fazer que a conheçam a fundo. (13)

(1) A fascinação é mais comum do que se pensa. No meio espírita ela se manifesta de maneira ardilosa através de uma avalanche de livros comprometedores, tanto psicografados como sugeridos a escritores vaidosos, ou por meio de envolvimento de pregadores e dirigentes de instituições que se consideram devidamente assistidos para criticarem a Doutrina e reformularem os seus princípios. (N. do T.)

(2) Manias trejeitos, esgares, tiques nervosos e estados permanente de irritação provêm em geral de subjugações corpóreas. Conta-se por milhares os casos de cura obtida em sessões espíritas. Os médicos espíritas, hoje numerosos, geralmente conhecem essa causa e encaminham os clientes a trabalhos apropriados. Os médicos não espíritas continuam a dar de ombros e a rir do que não conhecem, como faziam os seus colegas do tempo de Pasteur a respeito das infecções. (N. do T.)

(3) A terminologia espírita como se vê, é específica e perfeitamente ajustada aos novos conceitos decorrentes das pesquisas mediúnicas. Alguns confrades costumam substituir essa terminologia por outra derivada das Ciências contemporâneas. Não vemos razão para isso nos quadros doutrinários. Cada Ciência possui a sua linguagem própria, e a Ciência Espírita se encontra bem aparelhada nesse sentido. Por outro lado, os conceitos espíritas nem sempre encontram expressão adequada na terminologia científica atual. (N. do T.)

(4) Perguntam algumas pessoas como Deus deixou a Humanidade tanto tempo sem recursos diante desse inimigo invisível. Mas a verdade é que a mediunidade sempre existiu e que as suas manifestações vêm de todos os tempos, como Kardec já explicou. Assim como sempre houve meios empíricos de combater os micróbios, mesmo quando não eram conhecidos, houve-os também de controlar a influência dos Espíritos, desde os tempos primitivos. O Espiritismo veio oferecer os meios racionais e portanto científicos de que a Humanidade necessitava. (N. do T.)

(5) Micoze antigamente muito difundida. Em francês se usa para designar pessoas más. Em português aplicamos ao Diabo: o Tinhoso. (N. do T.)

(6) Muitas pessoas aceitam com facilidade as comunicações assinadas por Jesus, Maria, João, Paulo e outras figuras exponenciais da Religião e da História, esquecidas das advertências doutrinárias. Mensagens com assinaturas dessa espécie são sempre suspeitas, pois Espíritos que habitualmente se comunicam conosco são, pela própria lei de afinidade, mais próximos de nós. (N. do T.)

(7) O argumento citado é hoje frequentemente usado pelos defensores de obras psicográficas dotadas de todas as características mencionadas acima. Claro que o mistificador tem de misturar joio e trigo, pois do contrário ninguém o aceitaria. (N. do T.)

(8) Muito comum este fato, que vem ocorrendo com espantosa intensidade no Brasil, em virtude da propagação da prática espírita sem o desenvolvimento paralelo do conhecimento doutrinário. Por toda parte aparecem publicações inoportunas, desviando a atenção do público dos problemas fundamentais do Espiritismo, excitando a imaginação e o orgulho de médiuns incultos que, ainda em desenvolvimento, se deixam empolgar pela vaidade pessoal, dando atenção aos elogios de companheiros menos avisados e sendo envolvidos por Espíritos pseudo-sábios, sistemáticos, imaginosos. Todo cuidado é pouco nesse terreno. (N. do T.)

(9) As instruções dadas neste item devem ser bem examinadas pelo leitor, pois ao mesmo tempo em que apresentam uma técnica de afastamento dos obsessores, mostram que tudo depende da vontade e persistência do médium. Psiquiatras, psicólogos e parapsicólogos endossariam hoje essas instruções, se quisessem dar-se ao trabalho de examiná-las, embora com restrições à intervenção de um Espírito. Trata-se do caso de obsessão simples, em que o paciente não se apresenta subjugado. A “conversão” se assemelha bastante aos processos de “sublimação” psicanalítica, ao “caminho da cura” de Jung, à busca a “ressonância” de Kunkel e assim por diante. E a verdade é que esse método tem dado resultados plenamente satisfatórios, o que mostra não ser prejudicial à presença do Espírito obsessor no tratamento. Nos casos mais graves essa presença, como

veremos, não pode ser esquecida, sob pena de não se obter a cura. (N. do T.)

(10) Estes casos são conhecidos de todos os clínicos como irrecuperáveis. Trata-se de ligações profundas entre o encarnado e o desencarnado, restando-nos orar por ambos, o que sempre é útil. (N. do T.)

(11) A ação magnética é hoje reconhecida e utilizada pela Ciência com outro rótulo: Hipnotismo. O conceito de força fluídica é cientificamente rejeitado, mas os Espíritos o sustentam e nada até hoje provou o contrário, apesar das hipóteses em curso. (N. do T.)

*(12) Existe uma teoria psiquiátrica espírita que ressalta claramente deste livro. A falta de sua formulação precisa, e a rejeição do Espiritismo grosso modo pelos psiquiatras e cientistas preconceituosos são responsáveis pelo atraso da Medicina nesse campo e pelos sofrimentos inenarráveis de milhares de vítimas. O médico Bezerra de Menezes, em *A Loucura Sob Novo Prisma*; o médico Ignácio Ferreira (*Sanatório Espírita de Uberaba*), com *Novos Ruídos à Medicina*; e o médico Karl Wikland, da *Faculdade de Medicina de Chicago (EUA)*, com *Trinta Anos Entre os Mortos*, provam, entre outros, a importância do tratamento psiquiátrico espírita. A parapsicologia favorece, atualmente, a compreensão do problema, pelo menos em termos anímicos. Vejam-se os livros de Jean Ehrenwald J. Eisenbud, A. Ellis e outros a respeito das influências parapsíquicas nas doenças mentais. (N. do T.)*

*(13) Em seu livro *O Novo Mundo da Mente* (publicado em português como *O Novo Mundo do Espírito*, o prof. Joseph Banks Rhine declara: “Da coleção existente na Universidade de Duke, de mais de três mil casos de*

ocorrências psi espontâneas, selecionou-se uma centena de casos que sugerem a ação de certo agente espiritual, com muito maior força que qualquer outra explicação”. A prof^a Louisa Rhine, em seu livro Os Canais Ocultos da Mente, esclarece melhor esse problema. O prof. Jan Ehrenwald propõe em seu livro já citado o aprofundamento das pesquisas sobre infiltrações telepáticas nas sessões psico analíticas aliás já verificadas e referidas pelo próprio Freud), e cita vários casos de sua experiência clínica, mencionando estudos de M. Ullman, Paderson-Krag, J Merloo, G. Booth, Hans Bender, H. J. Urbain e outros a respeito. A influência espírita, como vemos neste livro, é da mesma natureza e já está sendo admitida pelos parapsicólogos como necessária para explicação de muitos casos, pois oferece a única explicação possível. Os próprios cientistas já estão compreendendo, portanto que é preciso conhecer a fundo o problema colocado pelo Espiritismo. (N. do T.)

1.3 - RIQUEZA

Nem a riqueza nem a pobreza facilitam a eclosão da drogadição ou do alcoolismo na vida de um Espírito encarnado, pois, como dito, essa tendência já vem, normalmente, de encarnações passadas. Todavia, já se falou, com razão, que os Espíritos que tiveram a oportunidade de instruir-se mais na Cultura do mundo terreno têm mais condições de viver acima da realidade que os cerca. Se, portanto, além de cultos materialmente falando, tiverem tido a oportunidade da riqueza e forem inclinados à drogadição, existem maiores possibilidades ainda de se perderem pelos desvãos dessa dependência, uma vez que acreditarão estar acima das leis terrenas, da marginalização social e que não há barreiras que os impeçam de satisfazer seus mínimos desejos. Aqui cabe, evidentemente que sem nenhuma interpretação literal, mas com o bom senso que sempre se deve adotar, a afirmação de Jesus: *“É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus.”*

Por isso veem-se muitos intelectuais, muitos deles que são bafejados pela fortuna material, serem dominados pela dependência química.

A simples intelectualidade, voltada para as coisas e interesses materiais, não é suficiente para fazer com que alguém supere seus vícios e defeitos morais, pois é necessário que o Espírito já tenha adquirido um senso diferente, que pode ser chamado de “senso moral” ou, melhor dizendo, “senso espiritual”.

E a riqueza é uma das provas mais difíceis para o Espírito, uma vez que lhe dá poder.

1.4 - POBREZA

A pobreza, se por um lado, costuma obrigar o Espírito encarnado a trabalhar muito para garantir o próprio sustento material, o que é útil para resguardar-se de muitas quedas morais, por outro lado, costuma coloca-lo em contato com muitas mazelas, encontráveis nos meios mais pobres: no final das contas, tudo depende da índole de cada homem e cada mulher, pois suas opções morais são escolhidas livremente.

Ninguém se torna bom ou mau, ajuizado ou estroina por conta da influência alheia, mas por seu próprio livre arbítrio, salvo exceções muito especiais e, assim mesmo, por determinado tempo.

É importante ninguém debitar suas dificuldades morais à conta alheia, pois essa mentalidade desculpista não resolve o problema, mas sim cada um atender ao conselho do apóstolo Tiago, assumindo as próprias culpas, confessando-as e passando, em seguida, à fase da reparação: assim evoluirá realmente, ao invés de estar repetindo os mesmos erros.

2 – SOLUÇÃO

Não pretendemos, de forma alguma, retirar o mérito de todas as iniciativas que visam fazer o Bem, pois todas elas são abençoadas por Deus, mas é importante sempre irmos à raiz dos problemas, que está sempre no Espírito imortal e não no corpo, quando se trata de dependência química.

Sem considerarmos a existência do Espírito e sua evolução através das encarnações, estaremos correndo o risco de enxergarmos no ser humano encarnado apenas a ponta do iceberg, enquanto que há uma quantidade formidável de gelo submersa, mas que faz parte daquele monobloco: assim é o ser humano encarnado, ou seja, o resultado de toda a sua trajetória evolutiva, desde sua criação por Deus. Sua biografia não pode ser, impunemente, ignorada.

A terapia da regressão de memória nem sempre é aconselhável, mas, se ocorrem revelações confiáveis sobre vidas passadas, elas devem ser levadas em conta, e, se não ocorrem, há um meio infalível de cada um saber exatamente quem é espiritualmente falando: analisando suas boas e suas más inclinações, poderá calcular como era anteriormente e, quanto aos vícios e defeitos morais, deve investir na sua superação, e, quanto às virtudes, desenvolvê-las.

Aqui cabe a frase de Allan Kardec: *“Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua reforma moral e pelo esforço que empreende em domar suas más inclinações.”* Da mesma forma, reconhece-se a pessoa bem intencionada pelo esforço que emprega em domar suas más tendências e aperfeiçoar suas virtudes.

2.1 – DAR E RECEBER AMOR UNIVERSAL

Como sempre dissemos neste estudo, no tratamento para a cura dos vícios da drogadição e do alcoolismo, alguém passar a utilizar medicamentos ou submeter-se à psicoterapia tradicional, a qual não considera a existência do Espírito e suas encarnações anteriores, porque o vício continuará latente, com a possibilidade de eclosão a qualquer momento, portanto, simplesmente, em outras palavras, considerando o paciente como a ponta do iceberg, mas sem levar em conta a enorme massa de gelo submersa, invisível aos olhos de quem vê da superfície marítima.

A mudança íntima, tal como Allan Kardec afirmou quanto aos verdadeiros espíritas, é que vai significar a melhor terapêutica, ou melhor, a única verdadeiramente definitiva, mesmo que vá representar o trabalho continuado de sucessivas reencarnações, pois alguém somente se cura de vícios e defeitos morais na sucessão das muitas jornadas reencarnatórias e não através de tratamentos falsamente miraculosos.

A evolução de cada Espírito é lenta, superando condicionamentos negativos sedimentados no curso dos séculos por outros mais saudáveis: não há como mudar-se num passe de mágica. Todo tratamento que se proponha a ser miraculoso é enganador e irreal.

A auto reforma moral é a base de toda arrancada evolutiva, daí surgindo a cura dos vícios e defeitos morais. Aliás, os vícios são simples manifestações dos defeitos morais. Não são como uma roupa que se tira do corpo e substitui por outra, mas são partes do próprio corpo, que não podem ser arrancadas, mas aperfeiçoadas: esta é uma comparação que fazemos para mostrar que os defeitos morais e os vícios devem ser tratados como manifestações do Espírito ainda não de todo aperfeiçoado moralmente.

Sem essa compreensão, todo tratamento é incompleto, ilusório e fantasioso. Pensemos nisso e invistamos na forma segura da auto superação, contando com o apoio das demais

terapêuticas, que sempre ajudam, mas não são, por si sós, suficientes.

O Amor Universal representa a síntese de toda a auto reforma moral, pois nos faz cumprir, em prol das demais criaturas, os nossos deveres impostos pela Lei Divina. Quando Jesus falou: “*O Amor cobre a multidão dos pecados.*” Quis significar que é o Amor que faz o Espírito evoluir.

2.2 - EVANGELIZAÇÃO

Do livro “*Auto Amor – a procura da perfeição relativa*”, ditado ao médium por um dos membros da nossa equipe espiritual, extraímos o estudo sobre a Auto evangelização:

A Boa Nova, trazida por Jesus, é tão universal que Mohandas Gandhi, que durante toda sua encarnação foi hinduísta, apesar de aberto a todas as correntes religiosas, afirmou que, se todos os escritos religiosos se apagassem da Terra e somente sobrevivesse o Sermão da Montanha, a Religião estaria preservada.

Realmente, o Evangelho, no seu sentido espiritual, e não na literalidade das expressões humanas utilizadas pelos seus próprios redatores encarnados e pelas traduções nem sempre corretas ou isentas, representa a Verdade, ou seja, a Lei Divina na sua expressão máxima para a compreensão humana.

O próprio Divino Mestre prometeu enviar o Consolador, em época própria, para esclarecer os pontos obscuros, trazer novos esclarecimentos e reviver o que tivesse sido esquecido, o que ocorreu com o advento da Doutrina Espírita, consistente sobretudo nas revelações feitas pelos Espíritos Superiores, através de médiuns missionários.

Pelo fato destes últimos terem, pelas próprias limitações do corpo de carne, dificuldades muito grandes de acesso ao mundo espiritual, poucos missionários encarnados conseguiriam informar-se de maneira suficiente para esclarecer os encarnados, fazendo-se necessário que a Verdade viesse do mundo espiritual para cá pela via mediúnica, única realmente em condições de atingir maior grau de fidelidade.

Allan Kardec foi, dos encarnados, quem mais estava em condições de reunir aquelas informações e organizá-las, sob a supervisão deles, em um corpo doutrinário apto a satisfazer tanto a razão quanto o coração. Assim surgiu na Terra, no mundo material, a Doutrina Espírita, sob os

três aspectos de Filosofia e Ciência, na França, depois ganhando contornos de Religião, ao ser transplantada para o Brasil, conforme determinação de Jesus, narrados esses fatos no livro do Espírito Humberto de Campos, denominado “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”.

A missão evangelizadora, na Doutrina Espírita, parece ter sido dada principalmente ao Espírito Emmanuel, cuja dedicação e senso de organização foram responsáveis pelo reconhecimento do Espiritismo como corrente religiosa, contando atualmente com milhões de adeptos.

Hoje em dia quase nem se fala mais em Espiritismo como Ciência ou Filosofia, mas sim como Religião, no Brasil, pois, já considerados provados seus postulados pelas pessoas de boa fé e boa vontade, quase ninguém mais se preocupa em provar a existência do Espírito e outras realidades do início do Espiritismo da época de Kardec.

Para nós, o que importa é nossa auto evangelização, ou seja, nossa autorreforma moral.

Emmanuel, graças à mediunidade sublimada de Francisco Cândido Xavier, realizou o trabalho da evangelização no Brasil, no que pertine à área abrangida pela Doutrina Espírita.

Discípulo reconhecido de Paulo de Tarso, o grande divulgador do Cristianismo entre os “gentios”, Emmanuel nos aclarou o Evangelho principalmente partindo dos escritos daquele apóstolo, por ele comentado em diversas obras de estudo, que revelam o significado mais profundo dos ensinamentos contidos nas suas famosas epístolas.

Auto evangelizar-se deve ser a meta principal de cada espírita, segundo exemplo do próprio Emmanuel, que transformou-se de homem do mundo em verdadeiro apóstolo de Jesus. Vencendo todos os defeitos morais que

detectou em si próprio, pela autoanálise sincera e aprofundada, adquiriu as virtudes da humildade, desapego e simplicidade.

Para quem acredita que os Espíritos Superiores são empertigados como os nossos homens e mulheres do mundo, vai aqui um exemplo que bem demonstrará o contrário. Certa vez indagaram de Francisco Cândido Xavier como Emmanuel se apresentava perante Ismael, o Guia Espiritual do Brasil, e o médium missionário respondeu simplesmente: - De joelhos! Aí a demonstração clara de que essas Entidades primam pela humildade e as outras virtudes.

Conhecer a Doutrina de Jesus, para os espíritas, representa estudar, de forma organizada e metódica, nos grupos de estudo das Casas Espíritas, as obras da Codificação e, em seguida, as obras complementares, ou sejam, as psicografadas por Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco, Yvonne do Amaral Pereira, José Raul Teixeira e alguns outros, além de Léon Denis e demais renomados e conceituados autores encarnados.

Querer conhecer o Espiritismo simplesmente através dos romances pode-se comparar a pretender tornar-se médico lendo apenas relatos clínicos sem enfrentar os maçudos tratados teóricos, necessários para uma visão organizada das disciplinas como Anatomia, Fisiologia e as demais. Os romances de Emmanuel, André Luiz, Manoel Philomeno de Miranda e Victor Hugo, por exemplo, ao mesmo tempo que relatam histórias interessantes, nos levam a reflexões evangelizadoras, mas não dispensam o estudo da Codificação Kardequiana, sem a qual, comparativamente, nunca passaremos de “balconistas de farmácia que receitam remédios sem conhecimento da ciência médica”...

Espiritismo é Doutrina que exige estudo para seu conhecimento, sendo que, por exemplo, o Evangelho é tão profundo que uma encarnação a ele dedicada poderá nos

trazer algumas noções elementares do seu conhecimento, mas somente no mundo espiritual conheceremos a chave de vários detalhes intrincados, de maior complexidade, que dependem de respostas somente acessíveis aos Espíritos Superiores, que já realizaram a autorreforma moral.

Não basta conhecer os textos dos evangelistas de memória, sem auto reformar-se, para compreender a essência da Mensagem de Jesus.

Somente quem se auto reformou moralmente se pode considerar evangelizado, realmente.

2.3 - EXERCER TRABALHO DIGNO

Viver ociosamente é uma das piores opções de vida que alguém pode escolher, pois o trabalho é fonte de Felicidade, se, naturalmente, se reveste do ideal de servir.

Há muitas pessoas que trabalham simplesmente para garantir o pão de cada dia, quando, na verdade, a melhor recompensa que ele pode proporcionar é a satisfação de ser útil. Feliz de quem já alcançou esse nível de compreensão.

A recompensa do salário faz parte da realidade terrena, pois ninguém consegue viver sem o alimento, a moradia e outras realidades do mundo dos encarnados.

Sabe-se que no mundo espiritual também se trabalha, apenas que as regras são outras, pautadas no idealismo e não na cata de salário e, muito menos, da riqueza.

Qualquer pessoa que se reconheça dependente das drogas ou dos alcoólicos deve procurar, aliás, como todo mundo, um trabalho digno, do qual vá custear suas próprias despesas, além do caráter educativo de que se reveste.

A ociosidade não deve nos encontrar na caminhada terrena, sob pena de acrescentarmos problemas aos que já temos pela decorrência natural da nossa primariedade na escala evolutiva: bastam as dificuldades naturais da própria encarnação e não devemos nunca aumentá-las, inclusive, através do vazio das horas de repouso sem trabalho.

Como dito, além da nossa ocupação dever ser digna de chamar-se trabalho, devemos exercê-la com honestidade e idealismo, pois, em caso contrário, a tornaremos indigna.

2.4 - EXERCER ATIVIDADES FILANTRÓPICAS

Na atualidade terrena, relativamente poucas pessoas se dedicam às atividades filantrópicas, porque entendem que os governos é que devem se encarregar de fazer o Bem às pessoas. Todavia, se os governantes têm seus deveres junto ao povo, cada um de nós não fica isento de dar sua quota de contribuição.

Trabalhar, servir, realizar sem nenhuma expectativa de receber salário ou recompensa para o Bem realizado é apanágio das pessoas realmente idealistas, portanto, candidatas à verdadeira Felicidade.

Os dependentes químicos que realizam atividades filantrópicas vão reduzindo sua fragilidade à medida que se fortalecem no Bem: daí Jesus ter afirmado: *“O Amor cobre a multidão dos pecados.”*

Ninguém precisa fazer mais do que lhe permitem suas condições pessoais, valendo muito mais a intensidade da contribuição do que o tempo gasto no serviço voluntário. Aqui se pode enquadrar a regra da remuneração aos *“trabalhadores da última hora”*, cujo salário, que é a Paz da consciência, se dá não pela sua duração temporal, mas pela densidade do Amor empregado.

Quem faz o Bem a contragosto, mecanicamente, como quem se desincumbe de uma tarefa desagradável, acaba perdendo o melhor da tarefa, que é a felicidade de exercê-la.

Nenhuma recompensa há mais gratificante do que a felicidade de servir, ao maior número possível de pessoas, como asseverava Montaigne quando ainda encarnado.

O voluntariado é uma fonte de bênçãos, que, graças a Deus, ganha, a cada dia, mais adeptos no mundo inteiro.

3 – OS DEFEITOS MORAIS

Os defeitos morais são a causa de todos os males, acarretando os vícios e os desvios de várias naturezas. Infelizmente, a maioria das pessoas não se propõe a investir na superação dos seus defeitos morais, que demanda renunciar a muitos hábitos enraizados de muitos milênios, que elas preferem manter, mesmo à custa de sofrimentos físicos e morais.

Afinal, desapegar-se dos interesses materiais e investir em um novo estilo de vida parece uma verdadeira “perda” para a maioria dessas pessoas, que, basicamente, enxergam a vida material como compensadora, enquanto que, duvidando da continuidade da vida após a desencarnação, não pretendem trabalhar em favor da sua própria evolução espiritual.

É muito difícil para nós convenceremos essas pessoas a enxergar da forma que aqui propomos, pois “*a Natureza não dá saltos*” e uma árvore não dá frutos antes da sua maturidade como tal.

Os notáveis exemplos de mudança para melhor, realizados por Paulo de Tarso, Maria de Magdala e Zaqueu, são casos de Espíritos muito evoluídos, portanto, em condições de compreender as grandes verdades do Espírito imortal. Quando se trata de Espíritos medianos ou primitivos a dificuldade de realizar a mudança espiritual é muito maior, pois não têm a maturidade do senso moral, preferindo apegar-se ao que seus cinco sentidos percebem. Por isso é difícil arrancar alguém das garras dos vícios.

Um vício não é como uma infecção, que se pode curar com a ingestão de um antibiótico, mas sim mais um sinal de atraso espiritual em um Espírito que se caracteriza por vários outros pontos fracos, mas cuja raiz está nos defeitos morais do orgulho, egoísmo e vaidade, ou seja, os vícios são apenas exteriorizações de um mal muito maior, sendo apenas seus efeitos, cujas causas devem ser tratadas.

Cuidar dos efeitos, sem aprofundar o tratamento das causas, não resolve.

O que, no geral, se tem feito é cuidar dos efeitos, sem aprofundar o estudo e o tratamento das causas.

Somente a auto reforma moral proporciona a cura, assim mesmo a longo prazo.

As pessoas querem resultados imediatos, como se se tratasse de uma infecção comum, que, como dito, um simples antibiótico consegue sanar.

A doença está nas entranhas do psiquismo, causada pelo estilo de pensar, sentir e agir equivocado do Espírito.

Sem essa noção, todo tratamento não passa de paliativo, ilusório.

Jesus afirmou: “*Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.*” Eis aí uma das facetas da Verdade.

Basta informar-se e partir para a auto cura, naturalmente que com a ajuda de profissionais da área e outras formas de ajuda, que explicitamos neste resumido estudo. Todavia, a principal questão a ser tratada é a vontade sincera do Espírito de evoluir espiritualmente: sem esse fator determinante não há como alguém livrar-se dos vícios da drogadição e do alcoolismo.

3.1 – ORGULHO

Transcrevemos abaixo o que já consta de outro estudo, até para aproveitar o material exposto por outro membro da nossa equipe espiritual, constante do livro “*De Saulo a Paulo de Tarso – o salto qualitativo*”:

O orgulho representa uma visão distorcida da nossa própria individualidade. Somos seres em evolução, membros de uma hierarquia onde há um número infinito de seres mais e outros menos evoluídos que nós.

Podemos muito aprender com uns e outros e podemos muito ensinar também.

Fomos feitos para conviver em harmonia com todos, pois vigora na Natureza o sistema da colaboração.

Julgar-se feito de essência mais apurada é ignorar as próprias Leis Divinas, uma vez que Deus não ama mais um filho que outro.

A posição que ocupamos na sociedade representa mera diferenciação no tipo de trabalho que nos foi destinado na presente encarnação, isso sem contar que ora nascemos com missões socialmente destacadas ora com atribuições pouco valorizadas: tudo isso faz parte do nosso aprendizado.

Também é de se considerar que o que vale não é o posto, mas a forma como desempenhamos nosso trabalho, com ou sem a ideia de Amor Universal.

A autoanálise permanente nos ajuda a não nos orgulharmos dos destaques que venhamos a receber nem nos revoltarmos com as aparentes humilhações que venhamos a sofrer.

Paulo de Tarso, depois de experimentar o prestígio e o poder como Saulo, passou sob chuvas de humilhações no cumprimento da sua gloriosa missão de

Universalizador do Cristianismo. Todavia, tendo consolidado em seu íntimo a virtude da humildade, encarou aqueles reveses como necessários ao próprio progresso espiritual.

Ninguém consegue evoluir sem adquirir a humildade, que não significa andar andrajoso e sem higiene, mas sim saber da posição de simples colaborador no universo de servidores do mundo material e do mundo espiritual: somos meras engrenagens de u'a máquina imensa, não sendo ninguém insubstituível nem indispensável. Nem por isso deixaremos de dar nossa contribuição, grande ou pequena.

Madre Teresa de Calcutá dizia que sua atuação não passava de uma gota no oceano, mas sem isso o oceano seria mais pobre.

3.2 – EGOÍSMO

Sobre o egoísmo, nosso colega de trabalho afirmou:

O egoísmo representa todo excesso na concessão de vantagens a si próprio.

É normal que cada um invista em seu próprio desenvolvimento, mas se torna doentia a preocupação exagerada com sua pessoa.

A educação que muitos pais e mães dão aos próprios filhos é voltada para o egoísmo, centralizando-se nos interesses da família e esquecendo-se de ensinar-lhes, pela exemplificação mais do que pela palavra, que fazemos parte da Grande Família Universal, formada por toda a humanidade.

A estória de Romeu e Julieta aponta a triste rivalidade entre duas famílias, que, somente com a morte trágica de seus respectivos filhos, romperam o círculo vicioso do ódio recíproco.

O egoísmo representa a prevalência do instinto animal sobre a própria inteligência, pois, enquanto esta última mostra as vantagens da cooperação entre os seres, o primeiro instiga ao exclusivismo e às disputas irracionais.

O espírito André Luiz afirma que “quando cada um entender que vale a pena ser bom, vai ser bom até por interesse”, mostrando que a Fraternidade gera amizades sinceras e retorno compensador, enquanto que o egoísmo só produz disputas inúteis e produz as desavenças mais encarniçadas. A violência e a guerra são frutos, respectivamente, do egoísmo individual e coletivo.

O intercâmbio entre os povos aos poucos vai amainando o egoísmo, demonstrando que as trocas são

necessárias entre eles. A globalização induz à amizade entre as nações e os cidadãos dos diferentes países.

O próprio esporte ajuda a unir a humanidade, tendo começado sua missão gloriosa nas Olimpíadas da Grécia antiga, quando as cidades-estados participantes interrompiam até as guerras no período daquelas importantes e educativas atividades esportivas.

Se cada um desse de si o que sabe ou pode realizar e recebesse aquilo de que necessita, a realidade humana seria totalmente diferente.

Caminhamos nesse sentido, sendo exemplo nobilíssimo o trabalho voluntário, que aumenta a cada dia, multiplicando-se o número de voluntários e o de entidades filantrópicas e ONGs.

Saulo não manifestava qualquer tendência para o egoísmo, sendo que, por isso, ficou facilitada sua vida após a conversão ao estilo do homem novo, dividindo prazerosamente com todos seus poucos bens e seus grandes conhecimentos e generosidade.

Vencer o próprio egoísmo começa pelo desapego a uma série de vantagens materiais e cresce através da renúncia a outras tantas coisas, que funcionam peso no nosso voo rumo ao Infinito.

Devemos fazer como o baloneiro que vai desprendendo os sacos de areia amarrados ao balão para poder distanciar-se do solo e voar cada vez mais alto.

3.3 – VAIDADE

Sobre a vaidade ele disse:

O desejo de evidência retira o mérito de muitas realizações.

Quem procura o destaque através das obras sociais “já recebeu seu galardão” e nada tem a receber da Justiça Divina.

O desinteresse verdadeiro compõe o perfil psicológico do homem novo, enquanto que o homem velho realizar boas obras com o fito de projetar o próprio nome e ser homenageado pelos seus contemporâneos.

A vaidade é sutil e se esconde atrás das máscaras do falso idealismo.

Quanta gente vive em função da vaidade e sofre quando não recebe o reconhecimento que julga merecer!

Saulo não pecou pela vaidade, pois nunca pretendeu receber elogios e benefícios outros que não a aprovação da sua consciência. Mesmo quando enveredou pelo caminho da intransigência e da violência não estava movido pela vaidade, mas sim pelo orgulho, como dito linhas atrás.

Paulo de Tarso, o homem novo, era simples, desataviado, despretensioso, amigo da forma de viver sem formalidades desnecessárias.

Assim também deve ser o homem novo de hoje, acessível, cordial, afável e de trato fácil em relação a todas as pessoas, sem preocupação em querer uma projeção desnecessária em função do trabalho idealista que realiza. Sabe que os elogios em nada lhe ajudarão o progresso moral.

A vaidade é um defeito moral grave, que deve ser detectado e substituído pela virtude oposta, que é a simplicidade.

Os homens e mulheres realmente superiores são simples, como se veem em exemplos nobres de ontem e de hoje.

Os vaidosos assemelham-se aos pavões, que chamam para si o ridículo e a inveja de outros vaidosos menos bem sucedidos.

A vaidade a que nos referimos aqui nada tem a ver com a preocupação feminina de bem apresentar-se e enfeitar-se, mas sim apontamos apenas a vaidade-defeito moral.

4 – AS VIRTUDES

Podemos resumir as virtudes em três, apesar de outros enumerarem outras tantas, que acreditamos ser meros desdobramentos dessas três.

Continuaremos na linhas das transcrições do mencionado livro, a fim de evitarmos esforço desnecessário, que em nada beneficiaria os próprios prezados leitores.

4.1 – HUMILDADE

Afirmou sobre a virtude da humildade o que se segue:

A humildade não significa subserviência, mas sim o reconhecimento da nossa posição de meras engrenagens na imensa máquina do mundo, onde cada peça é, ao mesmo tempo, importante, mas substituível.

Os Espíritos realmente evoluídos são humildes, pois reconhecem que há outros muito mais evoluídos que eles e verificam que os menos evoluídos também são importantes no contexto geral.

O Espírito Emmanuel se apresenta ajoelhado diante do nobre Ismael. Francisco Cândido Xavier sempre se reconheceu mero verme perto da Personalidade Amorosa de Jesus. E assim por diante. São exemplos de homens novos.

Quando alguém se apresenta cheio de empáfia, já fica patenteado o homem velho, necessitado do Encontro Divino na sua particular “estrada de Damasco”.

O homem novo não se preocupa em ser valorizado exteriormente, pois sabe que seus méritos ou deméritos são um assunto entre ele e Deus, através da própria consciência. O prestígio ou desprezo exteriores não alteram essa realidade.

4.2 – DESAPEGO [3]

A respeito do desapego disse:

Há bens materiais essenciais à nossa sobrevivência e há outros que são, simplesmente, acessórios.

No entanto, essa valoração varia de pessoa para pessoa de acordo com seu nível intelecto-moral. Isso é evidente, dispensando maiores comentários.

Compensa ao homem novo desapegar-se dos acessórios na maior quantidade possível, para manter consigo apenas os essenciais.

O apego às coisas materiais e a qualquer coisa que dificulte a caminhada evolutiva é prejudicial.

Afinal, o objetivo maior da encarnação é o nosso desenvolvimento intelecto-moral: o que não ajuda nessa empreitada, por si só, já se torna um peso que carregaremos, gerando um esforço inútil.

A hora da partida para o mundo espiritual é desconhecida por nós. Se formos alcançados em situação interior desfavorável, estaremos levando para a nova realidade pendências mais ou menos graves, que terão de ser resolvidas.

Nas reuniões mediúnicas aparecem inúmeros Espíritos que sequer tomaram conhecimento de que já estão no mundo espiritual; muitos continuam apegados ao patrimônio material que tiveram; outros reclamam tratamento especial pelo nível social que ocuparam; outros continuam na perseguição a pretensos adversários; outros não se conformam em deixar a convivência com os entes queridos que continuam encarnados etc. etc.

As religiões, apesar de todo seu esforço, não entraram no íntimo mais profundo das pessoas,

principalmente no que pertine à continuação da vida após o decesso corporal. Grande número desses adeptos descrê da própria existência da alma, acreditando que só existe o corpo e tudo acaba com a morte.

Somente a Doutrina Espírita fornece informes mais detalhados sobre a existência do Espírito e a realidade da vida no mundo espiritual.

Poucos são os recém-desencarnados que se dão conta da nova realidade e sentem-se desorientados, requisitando ajuda nas reuniões mediúnicas.

Enquanto não mudar o quadro de desinformação quanto à realidade do mundo espiritual, os centros espíritas continuarão a ser um destacado pronto-socorro para recebimento e orientação das pessoas que viveram apegadas às coisas do mundo.

O Espírito André Luiz, informa, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, que a maioria das pessoas que desencarna vai para o umbral. Esse fato ocorre justamente pelo apego que essas pessoas mantêm pela materialidade, o que inviabiliza seu acesso a regiões melhores do mundo invisível.

A necessidade do desapego é questão séria e não deve ter sua solução adiada.

Jesus afirmava que “não tinha uma pedra onde recostar a cabeça”, demonstrando seu desapego absoluto.

Não estamos nesse nível, evidentemente.

Paulo de Tarso desapegou-se de quase tudo: até de muitas coisas essenciais à vida da maioria das pessoas.

O homem novo deve atentar para a diferença entre coisas essenciais e acessórias.

4.3 – SIMPLICIDADE

Disse sobre a simplicidade:

A simplicidade é a virtude oposta à vaidade.

A ideia de simplicidade merece algumas considerações esclarecedoras.

Alguém que ocupe elevada posição social não pode descuidar-se do cumprimento de algumas regras de etiqueta. Todavia, nem por isso, deixará de ser simples se, no seu íntimo, é uma pessoa desprovida de vaidade.

Não é o exterior que deve ser analisado, mas a índole de cada um.

Dom Pedro II era um homem de extrema simplicidade, mesmo ocupando o trono do Brasil durante seu profícuo reinado.

Uma pessoa do povo, vivendo em grande carência material, pode não ser dotada da virtude da simplicidade.

O homem novo sabe como se conduzir, optando pela simplicidade em todos os momentos de sua vida, com isso dando um belo exemplo a muitos, que procuram uma evidência que raia pelo risível e pelo ridículo.

Paulo de Tarso foi simples em todas as suas atitudes, despretensioso e sem intenção alguma de ganhar projeção, mas considerando-se apenas feliz de trabalhar como mais um divulgador da Boa Nova, honrando e destacando seu Divino Mestre.

5 - ORAÇÃO DO RECUPERANDO

Deus, nosso Criador, que nos Ama Infinitamente, mantendo nossa vida através do Seu Pensamento e Seu Desejo de que continuemos a existir e evoluir;

Jesus, Sublime Governador do nosso planeta, que, em Nome de Deus, se encarregou de nos encaminhar na nossa trajetória evolutiva desde que passamos a habitar este planeta, que nos acolhe como nossa residência desde tempos imemoriais;

Espíritos Superiores, que nos ensinam, em Nome de Deus e de Jesus, desde as primeiras lições, transmitidas nas antigas civilizações da Índia, China, Egito, Grécia e Roma, até as mais recentes informações, transmitidas em todos os pontos do globo, no sentido do nosso desenvolvimento intelectual e moral;

Na qualidade de Espíritos iniciantes na compreensão das Leis Divinas, que Jesus resumiu, há dois milênios, no “*Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos*”, ajudem-nos a praticar essa Regra Máxima da Felicidade e da Paz.

Que nossos dias sejam dedicados à vivência desse projeto de vida, que nos libertará dos defeitos morais do orgulho, egoísmo e vaidade, e, conseqüentemente, dos vícios, inclusive o da dependência de substâncias nocivas à nossa saúde física e psíquica.

Sabemos que essa dependência se deve ao hábito nocivo que viemos mantendo através dos tempos, por causa do desinteresse nosso em enfrentar nossos defeitos morais e preferirmos entregar-nos ao comodismo na irracionalidade, que acaba nos retardando o progresso intelectual e moral, pois que um depende do outro.

Que a cada vez que nos sentirmos desanimar nessa batalha interior, possamos nos lembrar daqueles a quem podemos servir e ajudar e recebamos a energia vital e o entusiasmo necessários a nos levantarmos e irmos à luta do dia a dia na procura da realização do Bem.

Não permitam que desfaleçamos no desânimo nem desacreditemos de que somos filhos de Deus e que Ele nos reservou a perfeição relativa, que conquistaremos dando um passo adiante todos os dias.

Sabemos que as reencarnações são oportunidades diversificadas de aprendizado e, por mais duras que sejam as condições exteriores ou interiores em que vivemos, são sempre aulas que Deus ministra a cada um de nós, a fim de nos tornarmos Espíritos Perfeitos, como Jesus e outros até Maiores que Ele.

Não permitam, por caridade, que nos esqueçamos destas verdades e abençoem-nos sempre.

Assim seja.

6 – A EVOLUÇÃO DE ENRIETTE

Cada Espírito evolui dentro do espaço reservado ao seu livre arbítrio, ou seja, seu direito de escolher os próprios rumos, todavia, quando estamos nas fases iniciais da evolução, não se trata de uma área muito ampla, uma vez que somente os Espíritos Superiores usufruem de grande liberdade, justamente porque a utilizarão no Bem.

Pouco adiantará estudarmos as questões da drogadição e do alcoolismo apenas teorizando: é importante os prezados leitores verem um caso real, não de um Espírito ligado a ela, mas cuja trajetória, “*mutatis mutandis*”, pode servir de referencial para quem pretende conhecer como se processa a evolução intelecto-moral, sempre orientada por Espíritos mais evoluídos do que os seus pupilos.

Todos os Espíritos evoluem, normalmente, deixando para trás todos os seus vícios e defeitos morais e adquirindo as virtudes. Quanto à drogadição e ao alcoolismo, a tendência é serem superados à medida que o Espírito que se lhe faz adepto vai se iluminando com a luz da compreensão espiritual. Todavia, melhor do que teorizarmos é tomarmos conhecimento deste caso verídico, que engloba o período que vai, praticamente, do século XVI até a atualidade deste início do século XXI.

Vejam, então, esta trajetória, contada pela própria Enriette, que poderá servir de esclarecimento para cada um, sendo que não deve cobrar demais de si próprio, pretendendo subir a escada da evolução aos saltos, o que é impossível, nem, por outro lado, justificando erros inescusáveis, que lhe prejudicam a saúde física e espiritual.

INTRODUÇÃO

Vocês, queridos leitores, podem estar se perguntando o porquê de eu ter escrito estas páginas.

Primeiro, quero explicar que não tenho a intenção de assumir ar professoral: espírito que ainda traz cicatrizes morais, altamente endividado, com uma ficha enorme de crimes, porém, atualmente “trabalhador da última hora”,

iniciei minha escalada ascendente na escura senzala, a partir daí me conscientizando do valor do Bem. Antes rebelde, criminosa, comecei a subida infinita no corpo de escrava, numa fazenda de café, no interior do Brasil. Tinha, então, por mãe uma mulher carinhosa (Joana), um amigo incondicional (Johnatan), um grande Amor (Joseph), alguém muito querida (Liz) e uma antiga benfeitora (Gertrude). Tive por grande benfeitor um desafeto (Richard), que, com seu chicote zunindo nas minhas costas descuidadas e orgulhosas, ensinou-me a ser mais humilde e a me calar nos momentos oportunos. A religião simples mas sincera, trazida da África pelos meus ancestrais, foi aos poucos me consolando o coração ferido e carente.

Pode-se concluir, sem fanatismo, que a religiosidade, seja ela sob qualquer coloração, sempre ajuda a evolução espiritual, pois leva o espírito à fé em Deus: assim aconteceu também no presente caso: depois de muitas encarnações sem o bálsamo da fé religiosa, foi vislumbrada a luz da crença em Deus e, assim, começou a evolução mais acelerada quanto ao aspecto moral.

O espírito já era desenvolvido na inteligência, mas faltava-lhe a outra asa: a da espiritualidade.

Atualmente, aqueles que me acompanham há séculos encarnaram, com diferença de poucos anos uns dos outros, alguns sob a forma de afetos e outros de desafetos, todos que foram sendo identificados por mim ao longo da encarnação como amores, companheiros ou perseguidores. Essas constatações foram confirmadas, gradativamente, pelo meu Orientador Espiritual.

Aprendi que, sempre que prejudicamos alguém, assumimos o compromisso da reparação a ele próprio ou a outrem, em nome dele, para tranquilização da nossa consciência; por tê-los feito chorar, teremos de derramar muitas lágrimas, até nosso coração estar completamente pacificado; se lhes tiramos a vida, teremos de dá-la de

volta, vindo como frutos do nosso ventre ou do coração; se fomos causadores da sua queda ou partícipes da sua derrocada moral, retornaremos para os ajudarmos a subir os degraus infinitos da evolução, mesmo quando nossos joelhos estiverem cansados e feridos.

Também aprendi que recebemos doce refrigério quando enxugamos prantos, e, então, ganhamos uma multidão de amigos, que, por sua vez, enxugarão as nossas lágrimas.

Agradeço a Deus, Pai de Infinita Bondade, por ter estabelecido Leis justas; a Jesus, Divino Amigo, Modelo e Guia, pela Companhia incessante em todas as vezes que eu O buscava pelo conduto da prece; a Joana, Mol, Gertrude, Robert, Johnatan, Joseph, Richard, Paul, Newton, Charles e às meninas Gil, Bel, Marie, Roli, Juni, Joice, Cristine e Liz, que sempre ficaram próximas de mim nesta última encarnação, comprovando, mais uma vez, que renascemos milhares de vezes.

Os nomes de todos os companheiros e o meu, é evidente, foram substituídos, para não gerar constrangimento a ninguém e, também, para que os personagens desta história, se e quando a lerem, não sejam prejudicados com sua identificação e, para facilitar a compreensão dos leitores, os nomes foram mantidos desde o primeiro capítulo.

Temos certeza de que todos concluirão pela imortalidade da alma, sua evolução através das sucessivas reencarnações e a justiça das Leis Divinas.

Enriette

CAPÍTULO I

FRANÇA – 1600 A 1650

O sol mal nascia quando Joana acorda, espreguiça cansada e as pajens vêm colocar-lhe as roupas para a festa que se daria ao final da tarde: seriam anunciados o seu noivado e o de sua irmã, ou melhor, meia-irmã, Gertrude.

As duas olham melancolicamente pelas enormes janelas de seus quartos, desejando que tudo aquilo acabasse logo.

Estamos em 1620, na França, e as meninas contam quinze e dezessete anos, respectivamente, tendo sido prometidas, desde o nascimento, a dois irmãos: Charles e Johannes.

Mal conheciam os noivos, pois só haviam se encontrado uma vez quando ainda eram crianças.

Joana estava irritada e alvoroçada, trajava lindo vestido azul, esvoaçante, com uma fita de veludo amarrada na cintura e outra no cabelo. Os lindos cabelos ruivos, com cacheados largos, caindo-lhe até o meio das costas. Era segura de si, agitada e falante. Não estava apaixonada pelo noivo, mas a ideia de casar não a desagradava totalmente, pois sair de casa era o seu objetivo. Não gostava do pai, por ele ter trazido para a convivência daquela família a bastarda Gertrude.

Sua meia-irmã era de origem germânica. O noivo prometido também.

Conhecia o noivo da irmã desde a infância e se amavam como irmãos.

Quanto a Gertrude era alta, elegante, de cabelos ruivos bem cacheados, trazendo-os sempre soltos, chegando à cintura. Era introvertida, pouco inteligente, tinha paixão pelas Artes em geral, mas aptidão lhe faltava.

Ambas estavam nervosas e irritadas, pois sabiam que a dança principal deveria ser com seus respectivos prometidos.

Joana tinha tido aulas com refinado professor, que lhe ensinara os passos de elaborada dança vienense. Ensaiaava incansavelmente, pois queria brilhar nos seus quinze anos. Não era bela como a irmã, mas muito simpática, alegre e inteligente, mas ciumenta e possessiva. Irritava-se com facilidade e detestava a meia-

irmã. Invejava seu porte e sua beleza de nobre de sangue, que ela era, por parte de pai.

Gertrude trazia uma “carta escondida na manga”, a qual apresentaria no momento certo.

A bela jovem olha melancolicamente pela janela e se lembra de uma menina de doze anos que conhecera há três anos: mestiça, cabelos e olhos negros, que dançava na praça principal, ao ritmo do banjo de seu irmão mais novo e vigiada pelo olhar felino de sua mãe.

Enriette, a jovenzinha dançarina, era suave no seu girar, rodopiando levemente na ponta dos pés descalços e delicados. As mãos pareciam duas asas de borboleta, que ela imitava no seu voar calmo e alegre. Amava esses seres belos e multicoloridos, de asas transparentes e se dizia ser uma delas.

Gertrude, quando a viu pela primeira vez, estacou no meio da praça, hipnotizada pela mestiça de olhos negros, pele morena, leve como uma pluma. Queria saber dançar como ela, voar bem alto, tirar os pés do chão e ir até as nuvens. Pensou: - Como podia uma frágil criança saber dançar assim?

Quanto tempo tinha ficado ali a olhá-la, não saberia dizer! Esperou o término da apresentação, aproximou-se e convidou-a a ir morar no seu castelo.

Contava Gertrude, então, quatorze anos. Sua pele clara contrastava com a da menina morena, miúda, dotada de poucos atrativos físicos.

Enriette muda-se sozinha para o castelo e as duas jovens passam a ser amigas inseparáveis.

Durante o dia a menina dançarina fazia o serviço de polir a prataria do castelo e, na calada da noite, ensinava Gertrude a dançar. Os enormes cabelos da jovem condessa roçavam o rosto da menina e aquele cheiro lhe inebriava os sentidos, pois o perfume era agradável, cheirando a jasmim.

Enriette amava aquele cheiro e trabalhava incansavelmente de dia para poder dançar nos braços da amiga à noite.

Foram três anos de aprendizado, risos e a alegria das duas meninas.

Gertrude volta ao presente entristecida com a lembrança, sente falta da amiga, cuja mãe, ela própria e o irmão tinham ido embora para onde pudessem ganhar mais dinheiro com o talento de Enriette. Na verdade, tinham recebido em doação uma pequena herdade, no sul do país, da generosidade da jovem condessa e para lá se mudaram na calada da noite, para não sentirem o peso do gesto ingrato, o qual mudaria o rumo das suas vida.

Gertrude se sentiu traída com o gesto inesperado e, daí para frente, se tornou amargurada e desconfiada.

Logo se aproxima o momento do grande baile e as duas irmãs são chamadas ao salão, onde cada uma fará sua apresentação de dança.

Joana dançou divinamente nos braços do noivo, e, apesar de não sentirem amor um pelo outro, sabem que as duas fortunas juntas os farão imensamente ricos.

Os convidados aplaudem, deliciados com a peça, e aguardam a vez de Gertrude se apresentar. Ela adentra o salão, com um vestido vermelho, ao som de afinado violino cigano, e dança um número solitário, sem o noivo. Dança com graça e leveza, encarnando uma prateada borboleta, deixando todos com o ar preso nos pulmões, encantados. Graciosa, leve, sustenta-se sobre os pés, girando os braços quais asas, elegante. Olha o horizonte, que se desenha por trás das enormes janelas que dão para o jardim, lembrando a menina mestiça, sua doce amiga Enriette e duas lágrimas rolam dos seus belos olhos.

Longe dali, já com algumas gramas de ouro no alforje, Enriette, sua mãe e o irmão Joseph se

encaminham para a propriedade rural, um chalé florido, cercado de jardins, tão cheirosos quanto os cabelos de Gertrude.

Instada pela mãe, Mol, a pequena Enriette, já com quinze anos, começa uma vida dissoluta, usando seus dons artísticos para enriquecer.

As duas escolheram o trabalho infeliz de captação de meninas mal saídas da infância para uma vida de noitadas intermináveis de desalinho moral, enquanto trabalhariam duro durante o dia. As meninas, instruídas por Enriette, extorquem dos clientes o máximo que podem e dão tudo à empresária do Mal, a qual, a essa altura, já tinha expulsado Mol e Joseph de sua casa, pois queria enriquecer sem concorrentes.

Naquela casa de desvios morais, agora frequentada por homens e mulheres dissolutos, mas ricos, as meninas terminam seus dias envelhecidas precocemente, pelo excesso de trabalho e quase nenhum repouso. Impedidas de conviverem com seus familiares, passam anos presas a Enriette, que as escraviza impiedosamente. Sufocam no peito seus amores, seus sonhos dourados e, crianças-mulheres, envelhecem prematuramente, num mar de noites insones, esgotadas pelas orgias e pelos dias trabalhosos.

Enriette livra-se facilmente daqueles frágeis fardos humanos, quando passam a lhe render pouco, dificultando-a de enriquecer mais rapidamente. Expulsa-as da casa e, normalmente, pelos costumes cruéis da falsa moral da época, não podendo mais voltar ao lar paterno, acabam seus dias mendigando pelas ruas. Facilmente substituíveis, as meninas são escolhidas a cada dia entre as mais jovens, até que um dia a mãe de uma pequena, de apenas seis anos, entrega a Enriette a filha Liz, que é filha bastarda de um nobre conhecido na região, porque sua mãe preferiu ficar livre da menina, por ser parecida demais com as outras irmãs, filhas dele.

Liz é bela, miúda, com o rosto enfeitado por grandes e melancólicos olhos, e faz Enriette sentir enorme atração por ela, que a separou das outras, tornando-se objeto de desejo da infeliz empresária do Amor desvirtuado.

Enriette ensina à menina tudo de melhor que conhece: cultura, Artes, guardando-a somente para si, como um pequeno tesouro, que cresce em beleza e viço.

Longe da vida de noitadas, a menina se torna fino cristal no meio do barro imundo. Diferente das outras, é a encarnação da nobreza que traz no sangue.

Á medida que cresce, Liz percebe o ambiente negativo onde foi colocada e se revolta. Sempre mantida sob vigilância dos escravos de Enriette, tem seus movimentos acompanhados dia e noite, pois a protetora tem medo de perder sua joia mais preciosa.

Mesmo sendo usada frequentemente pela sua “dona”, a menina recebe educação refinada e vive separada de todos. Não se apresenta em público e não vai ao salão à noite para atender os clientes do comércio infeliz.

Enriette tinha contratado professores particulares para ensinarem à sua joia toda sorte de regras de etiqueta que uma moça refinada deveria receber.

Liz se torna uma jovem instruída, mas tem os olhos azuis profundamente tristes, parecendo um oceano calmo na superfície, todavia, na verdade, escondendo em sua profundidade ondas de revolta e inconformação. Arquiteta um plano infeliz, que arruinará sua vida de espírito imortal, destinado por Deus à perfeição, como Jesus aconselhou: “Sede perfeitos, como vosso pai, que está nos Céus, é perfeito”: antecipa sua desencarnação, para ficar livre da protetora, sem saber que aquela logo partiria da vida terrena, pelos caminhos da morte natural e lhe deixaria, como herança, toda a fortuna, que amealhara manchando a consciência.

Reflitamos sobre alguns aspectos morais da história verdadeira que narramos: Enriette era um espírito irrequieto, inteligente, dotado de expressiva bagagem intelectual, acumulada no curso da sua evolução, todavia sem a necessária evolução moral para agradecer o benefício que tinha recebido de Gertrude, que muito a amava.

Usada para o Mal, desde cedo, pela mãe, Mol, não percebeu as bênçãos do Pai Celestial, que carregou para ela o benefício do trabalho digno e preferiu uma “profissão” negativa, desencaminhando-se e prejudicando a moralidade de outras pessoas, que ela poderia ter ajudado a evoluir pela Cultura e o trabalho digno.

Viu na nova amiga, a frágil menina, uma fonte de riqueza e, ao invés de redimir-se pelo Amor maternal, usou de todos os recursos enredá-la e desfrutar de sua beleza e atrativos.

No meio de tantos desvarios e más intenções, nasceu-lhe na mente a ideia de abandonar a mãe e o irmão à própria sorte, sabendo que, naquela época desumana, uma mulher de 35 anos, não teria como sobreviver sozinha, ainda mais tendo de sustentar um filho.

Enriette, ambiciosa e sem preocupações éticas, escravizou moralmente meninas, sem nenhuma piedade pelos seus sofrimentos morais, mas, por outro lado, ensinou-lhes uma profissão, o que lhes serviria nas encarnações futuras, preparando-as para terem uma profissão digna, na Dança e outras Artes nobres.

Verificamos, por esta história real, que todas as nossas aquisições ficam armazenadas em nosso psiquismo e servem de base para, nas posteriores encarnações, aflorarem como aptidões naturais, pois Deus transforma o Mal em Bem, mesmo que Seus filhos não o percebam, se olham uma única encarnação, e não

o conjunto delas, todas contribuindo para a evolução de cada espírito, criado para o Bem e a felicidade.

Enriette, sem saber por que, se enterneceu à vista da pequena Liz, menina frágil, abandonada pela mãe, todavia, que passou a ser tratada com imenso carinho por ela, recebendo cuidados diferenciados, o que fez com que a protetora lavrasse alguns pontos na própria evolução. Pela primeira vez tinha amado alguém e lhe deu, de coração, o que jamais tinha dado a pessoa nenhuma: seu coração. Devido ao seu Amor verdadeiro, não conseguiu conformar-se com a ausência presencial da menina, a quem tanto amava, e, dominada pela tristeza, acaba aos poucos provocando o encurtamento da própria encarnação. Aliás, sua saúde já estava, até então, muito prejudicada pelo estilo de vida que escolhera, pois a consciência responde aos estímulos do Bem ou do Mal que escolhemos.

Quanto a Liz, longe de ser grata à mão amiga que a tinha recebido, mesmo com as falhas morais que via na protetora, para esquecer suas infelicidades, viciou-se na inalação de substâncias tóxicas, provocando, primeiro prejuízos ao próprio cérebro e o organismo em geral, e, depois, cometendo o suicídio. Aquele gesto de revolta lhe seria cobrado anos depois, quando da próxima encarnação. Deveria encaminhar-se para o Bem, mesmo naquele ambiente intoxicado pelo Mal, inclusive tentando orientar a protetora, que, mesmo carente de moralidade, poderia ser recuperada pelo Amor que lhe dedicava do fundo da alma, pois quem Ama de verdade aceita as induções moralizadoras do ser amado.

Quanto aos casamentos arranjados eram muito comuns naquela época, em que meninas nobres eram entregues a maridos ricos, muitas vezes inescrupulosos, o que amargava suas vidas desde quando recém saídas da infância. Infelizmente, até hoje, muitos casamentos

acontecem sob o foco dos interesses materiais e não motivados pela afinidade dos espíritos.

Joana casou-se por mero interesse, diferente de Gertrude, que nutria pelo noivo um Amor de irmã.

O espírito só começa a evoluir mais rapidamente quando sente cansaço da vida equivocada que levou até então, sendo que assim aconteceu também quando Enriette conheceu a menina Liz, esta que relembrou instintivamente, para ela, o Amor do século anterior, quando tinham marido e mulher e tinham sido muito felizes em Paris. No momento exato em que a viu, passou a sentir indefinível bem estar, querendo sempre sua companhia e a intenção nobre de lhe dar seu coração.

Enriette, no final, parte da vida terrena muito triste, doente e só, na solidão de seu quarto dourado, sem ninguém para afagar-lhe a cabeça cheia de interrogações, que somente a prática do Bem incondicional teriam resposta. Todavia, algum progresso tinha realizado, tanto na inteligência quanto nos benefícios, não muitos, que tinha proporcionado a várias pessoas.

As boas obras sempre são computadas em favor de quem as realiza: assim Deus determina!

CAPÍTULO II

IRLANDA – 1700 A 1750

Estamos numa pequena vila, próxima a abismos escarpados junto ao mar, onde seu rugir furioso é ouvido por todo lugar e bate nas pedras como se quisesse quebrá-las.

A casa é baixa, de um andar só, encostada na montanha, protegida do vento inclemente, que parece querer carregar as pessoas.

Nossos jovens personagens são casados e apaixonados: ele é advogado, estudioso, trabalhador,

pouco afeito à religiosidade; ela é instruída, inteligente, muito afeita as Artes, e, igualmente, pouco ligada à fé em Deus.

Newton e Enriette se amam e levam uma vida calma e tranquila, mas ela guarda no seu coração um segredo, o qual dará, futuramente, início a uma tragédia.

Ela é poetisa clássica, porém, naquela comunidade conservadora, machista, seu talento não é reconhecido. Então, sem achar justo renunciar ao talento que lhe enriquece a inteligência, ela contrata um homem letrado, amigo do casal, Richard, para assinar seus poemas, cheios de sensibilidade e sonhos de felicidade.

Newton, na confiança sincera no Amor que julga merecer da jovem esposa, não desconfia do que ela carrega no íntimo do coração e, assim, nas viagens que tinha de realizar pelos condados próximos, ele se ausentava periodicamente do ambiente conjugal, deixando-a só.

Os anos se passam, os poemas se tornam famosos e Richard fica com o mérito de tê-los escrito, enquanto Enriette deverá auferir os lucros dos livros, mas, não podendo tomar posse do que lhe cabe moralmente, deposita sucessivas quantias em um banco do condado próximo, ocasiões em que trata conhecimento com o banqueiro Paul. Tendo de ir, com certa frequência, ao banco, desperta uma paixão arrebatadora no banqueiro, o qual a chantageia para que ceda aos seus caprichos de homem, dizendo-lhe que revelará seu segredo ao marido. Receosa de perder sua fonte de renda, cede aos caprichos de Paul, iniciando-se, a partir dali, um romance, que não ficaria escondido por muito tempo.

Sem tomar as devidas cautelas, engravida de Paul e, assim, vem ao mundo o pequeno Joseph, petiz inteligente, músico nato, muito apegado à mãe.

Pouco tempo depois nasce Liz, menina frágil, arredia e triste, que vivencia intermináveis crises de choro

e, já mais crescida, passa dias seguidos trancada no quarto.

Enriette é uma fonte inesgotável de poemas, trovas e romances, enquanto que Richard continua assinando suas obras, das quais ela guarda com carinho um exemplar de cada uma em sua biblioteca particular, sendo que, aliás, um dos poucos direitos autorizados às mulheres, vedada a leitura de livros científicos.

A aparente calma da família, todavia, é abalada quando Newton adoece e fica alguns dias hospitalizado, deixando Enriette sozinha em casa com os filhos e esta, displicentemente, inicia um relacionamento amoroso com Richard.

Aproveitando a ausência do marido, que começa a prolongar-se, e, para usufruir de maior liberdade, interna os filhos numa escola especializada na educação dos filhos da nobreza.

Passa a poetisa, esposa e mãe, então, a vivenciar a infidelidade conjugal, nas pessoas dos seus dois amantes, revezando-se entre a paixão pelo banqueiro e amor por Richard.

Apaixonada, procura olvidar completamente que ainda é casada com Newton, por quem passa a sentir uma acentuada animosidade.

Já de volta ao ninho doméstico, a amante se queixa a Paul sobre a pessoa do marido, que já se transformara, para ela, em tropeço para sua vida de infidelidades. O amante, com as reclamações constantes contra o esposo traído, passa a alimentar o desejo de eliminá-lo de qualquer jeito.

À medida que os filhos crescem, igualmente aumenta no marido de Enriette a suspeita quanto à conduta da esposa, porque é visível a nenhuma semelhança física com aqueles que ele julga serem seus filhos.

O pequeno Joseph nada tem do pai, pois seu porte atlético, elegante, os cabelos negros, olhos grandes e

castanhos o diferenciam muito de Newton, que é miúdo e magro.

A desconfiança quanto à esposa só aumenta com o tempo, porque se mostra sempre irritadiça, nervosa, muito diferente da doce Enriette com quem se casou. Desconfia de Richard, mas nada sabe quanto a Paul, que, aliás, ele nem conhece.

Certo dia, folheando os livros de poesia assinados por Richard, sai da desconfiança para um mordaz ciúme contra o amigo da família. Arquiteta, então, sozinho, no seu íntimo cheio de angústia, um meio de descobrir se aquelas crianças eram realmente seus filhos ou não: anuncia à esposa uma viagem, que, na verdade, não realiza e fica à espreita, acompanhando, sigilosamente, os passos da esposa, a qual, sem de nada desconfiar e feliz, pela ausência do marido, anuncia aos amantes, separadamente, a viagem do esposo e a distância dos filhos.

Alternam-se os dois amantes, um sem saber do outro, com ela, distraída e contente, passando céleres as semanas.

Certo dia, Paul, apaixonado e estando a serviço no mesmo condado da amada, resolve fazer-lhe uma surpresa e chega sem avisar, encontrando-a nos braços de Richard, sorridente, muito diferente do humor de quando estava com ele. Ali mesmo, Richard e Enriette sucumbem diante da arma que Paul descarregada neles e foge em seguida.

Newton, alarmado, entra na casa e, à vista dos corpos da esposa e de Richard, resolve dar fim àquela encarnação, se atirando das esarpas próximas do mar, desaparecendo nas águas furiosas.

Continuemos nossas reflexões sobre a evolução da nossa personagem:

Enriette tinha reencarnado com a programação de reencontrar Newton, com quem deveria ser feliz, cumprindo seus deveres de esposa e mãe, todavia, a aparente quietude dos primeiros anos significavam apenas uma época de preparação moral para ela solidificar seu idealismo como esposa e mãe, quando foi posta à prova ao reencontrar Paul e Richard, pois que ambos tinham sido participantes de seus equívocos morais em encarnações anteriores, voltando todos ao cenário terrestre para evoluírem intelectual e moralmente.

As missões de esposa e mãe são das mais importantes que um espírito pode trazer para a encarnação. Felizes as que cumprem bem esse mandato, pois evoluem muito em poucos anos, resgatando faltas passadas através das renúncias e dos desvelos em prol dos entes queridos do seu coração.

Enriette não cumpriu a contento essas tarefas, mas não falhou totalmente, pois poderia ter praticado dois abortos, mas não o fez. Infelizmente, não cuidou dos filhos, como devia, passando a ter de ressarcir esse dano moral no futuro: não foi uma mãe ideal.

Ao aceitar a posição de amante de Paul e Richard comprometeu-se moralmente, gerando contra si o compromisso de ter de sublimar essas afeições nas vidas posteriores.

Pode-se dizer que a evolução nessa encarnação foi reduzida na área moral, mas houve grande progresso intelectual, preparando-se para, no futuro, expressar-se no Bem através da palavra escrita, sobretudo, da Arte Poética, que tanto bem faz ao espírito: tornou-se, realmente, uma poetisa, que ainda muito iria contribuir para o progresso alheio através das palavras bem torneadas e consoladoras.

Verifica-se que ninguém estaciona, mesmo que, aos olhos alheios, parece que nenhum progresso houve para o espírito, criado por Deus para alcançar a perfeição.

CAPÍTULO III

IRLANDA – 1750 – 1800

Henri (Enriette) se apronta, pois logo dará início a mais uma aula na Universidade onde leciona. É inverno, lá pelos idos de 1760.

Ele dá aulas de Literatura, é muito conceituado e homenageado pelos colegas e alunos. Homem inteligente, poeta nato, mas nada afeito à religiosidade. Bebedor contumaz, passa longas horas com alunos e colegas, desperdiçando precioso tempo e prejudicando a própria saúde. Irrequieto, temperamental, irascível e dominador. Decidiu por não se casar, não para ser casto, mas para não ter de assumir compromisso com ninguém. Escreve poemas até altas horas da noite, sem se preocupar com a pouca claridade, arruinando, assim, a visão.

Na Universidade é conhecido dos alunos ligados à boêmia e à vida dissoluta. Participa de intermináveis festas com colegas e alunos sem se preocupar com eventuais consequências de ordem moral.

Tem um amigo inseparável, não das orgias universitárias, mas um inteligente rapaz, que o professor adotou como a um filho: Charles. Somente ele conseguia desviar Henri das suas noitadas, momentos em que lhe ensinava amoravelmente sobre a grandiosa Literatura Inglesa. O aprendiz parecia um arquivo ambulante, pois aprendia mais rápido que muitos alunos de Henri. Trabalhava durante o dia como entregador de mensagens, um assemelhado aos carteiros atuais. Morava no fundo de um casebre, um local mal cheiroso e pouco iluminado, mas gostava de ler, estudar e desenhava como com muito talento. Henri o tinha como amigo e lhe proporcionava um certo conforto material, ajudando-o o

mais que podia. O mestre, por levar vida desregrada, sobrava-lhe pouco dinheiro, mas, mesmo assim, ajudava seu protegido.

A Universidade respirava austeridade, na sua construção medieval de tijolos escurecidos pela umidade do ar e seu pátio era todo gramado, com a grama cortada bem rente, árvores frondosas, quase sem canteiros de flores.

O céu sempre nublado, de ar grosso e pesado, completava o ambiente soturno, segundo a maioria, mas Henri amava aquela atmosfera. Aquele ar de pouco sol, nevoento e fechado era semelhante ao seu coração. Era de pouca conversa, morava só, estava há muito tempo longe da família, com quem não se dava muito bem. Gostava de escrever no escritório de sua casa, perto da janela, ouvindo o ronco do mar ao longe, batendo nas rochas. Sentia-se exausto e solitário. Trabalhava sem paixão, escrevia compulsivamente e bebia muito.

Henri tinha três amigos que se amavam como irmãos: Johnatan (professor de Medicina), John (professor de Música) e Louis (Mol).

Louis (Mol, mãe de Enriette) dividia com Henri a paixão pelas Letras e os dois guardavam muitos segredos. Estavam sempre a cochichar pelos corredores. Louis era profundo conhecedor da Língua Inglesa. Irrequieto, falante, alegre, saltitante, parecia um pássaro. Miúdo, de cabelos ruivos e encaracolados. Diferente de Henri, que era alto, cabelos loiros, quase brancos, pele clara, olhos azuis profundos e tristes.

Estavam sempre juntos e algo se escondia atrás daquela dupla, que andava pela noite, depois que todos dormiam. O que escondiam e para onde iam, frequentemente, altas horas da noite? Qual paixão os movia, além das Letras, da Música e dos poemas?

Certa vez, cismarento Henri chama o amigo Louis e saem ambos madrugada a dentro, num dia

particularmente chuvoso e frio e saem falando quase aos cochichos e entram na carruagem que os esperava. Chegam a periferia do lugar onde moravam e vão a local bem conhecido deles onde duas jovens os esperam. Elas falam nervosas, gesticulam desesperadas, tentando se fazerem entendidas, em seus dialetos, pouco inteligíveis para ambos. Eles as acalmam e são colocadas na carruagem e o cocheiro, que já havia chegado antes, como combinado, as deixa em conhecido hospício em outra cidade, onde o que falassem não seria levado em conta, como era costume na época.

A verdade é que Henri e Louis haviam prometido casamento a elas, caso cederem aos seus caprichos masculinos.

Henri e Louis estavam comprometidos com duas irmãs, filhas de um colega muito conceituado da Universidade e que não perdoaria aquele deslize.

Desfizeram-se das jovens humildes com facilidade, apesar de as amarem e casaram-se com as jovens que não amavam.

Foi assim que Henri, já cismado e amargurado assume um casamento sem amor, tornando-se infeliz, afundando mais e mais no alcoolismo e terminando seus dias doente e só.

Continuando nossas reflexões, verificamos que Enriette tinha voltado à sua tão amada Irlanda, agora na personalidade masculina de Henri, junto a alguns espíritos que lhe eram caros ao coração, vivendo homem culto, de poucos amigos, amante das Letras, mas descompromissado com a religiosidade, o que o fez entregar-se ao alcoolismo e à devassidão.

Todavia, como sempre acontece, há sempre um progresso, mesmo nas encarnações aparentemente inúteis, pois mais se consolidou a intelectualidade naquele espírito, fazendo dele um ser inteligente,

preparado para o despertar moral, que ocorreria por força do tédio, que se instalara no seu coração sequioso de paz: o terreno estava pronto para receber a semente da fé religiosa.

Os equívocos morais cometidos seriam reparados no futuro, como veremos nos capítulos seguintes.

Aquele espírito necessitou nascer em corpo masculino para aprender sobre o respeito que se deve ter à sexualidade, sendo, aliás, o que acontece com todos os filhos de Deus, que nascem como homem e como mulher, de acordo com o aprendizado ou tarefa a realizar em determinada vida.

É preciso que as pessoas entendam essa realidade, a fim de não estigmatizarem aqueles ou aquelas que não se apresentam conforme os padrões nem sempre humanitários da sociedade terrena.

CAPÍTULO IV **SÉCULO XIX – REFELEXÕES NO** **MUNDO ESPIRITUAL**

Voltando à Pátria Espiritual, Enriette se vê perdida em imenso lamaçal. Blasfema, grita e chora. Fica por duas décadas a se debater no afã de sair dali, ser novamente rica, livre, usar suas joias e títulos de nobreza.

Vê, através do complexo de culpa, os pequenos rostos a fazerem-lhe caretas, escuta as meninas chorando e chamando por suas mães, saudosas do lar. Então ela chora: choro convulso, de raiva, no começo; depois de tristeza e, no final, de arrependimento. Grita por socorro e, mais uma vez, blasfema contra a Divindade.

Cansada de chorar, ajoelha-se na lama, e, já em farrapos, ergue os braços e ora, chorando baixinho e as lágrimas vão caindo pelas suas vestes imundas, lavando-as como por encanto. Vê frouxa luz se aproximando e pequeno séquito se faz visível. Trazem uma lanterna na mão e uma echarpe transparente, translúcida e vaporosa.

Colocam-na nos seus ombros e ela adormece: sono pesado após séculos de lutas e erros.

Aos poucos, acorda num cômodo simples, sem móveis, com pequena janela, alta, por onde entra tênue claridade. Tenta erguer-se, mas não o consegue.

Ao final de cada dia vem visita-la um homem negro, alto, atlético, de olhos negros e doces. Nada fala. Faz-lhe compressas no peito e no abdômen com gaze finíssima, branca, que, ao tocar-lhe o corpo, escurece.

Faz isso várias vezes ao longo de muitos dias, até que, em um determinado dia, aquele material diáfano não mais escurece. Dessa vez, dirige-lhe a palavra e explica-lhe o que tinha realizado e o significado daquele tratamento espiritual. Transfere-a para um cômodo mais amplo, com janelas grandes e baixas, em frente a um extenso jardim, onde consegue passeia pela primeira vez. Sentam-se ambos num pequeno banco pintado de branco, rodeado de grades azuis.

Ela se lembra de sua casa na Irlanda, a delicadeza de seus jardim e chora: choro de arrependimento e saudade.

Ele explica-lhe a necessidade de voltar a novo corpo, mas, desta vez, em país iniciante, selvagem, para aprender o valor da humildade e do trabalho. Tudo, nesse país, era movido a braços escravos, de negros em débito com a Providência Divina, necessitados de limpar a lama que cobria seus corpos espirituais.

Nascerá numa senzala escura, com a presença contínua de espíritos endividados, como ela, para aprenderem as virtudes, através do trabalho incessante, desumano, sem descanso.

Ela aprenderá o valor do Amor materno, sendo que, para tanto, sua mãezinha lhe será doce alento, assim como dois amigos, que terá ao seu lado para a consolarem e lhe dar apoio.

Ele, Johnatan, renascerá um pouco antes para a esperar e será seu amparo, como escravo também, mas já evoluído nas coisas do espírito, pois será como um pai espiritual daquelas almas. Irá ensiná-la, no dia a dia, a rezar e agradecer a Deus as bênçãos que Ele concede a todos, indistintamente.

Ela será uma negra forte, saudável, porte de princesa e índole difícil de se dobrar.

Ela chora novamente com medo de falhar na encarnação, mas ele lhe promete uma ajuda extra para não cair em tentação: será na figura de um “feroz auxiliar” na tarefa educadora: Richard, jovem feitor, seu antigo amigo da Irlanda, que, com seu chicote, amansará seus espírito rebelde.

Richard, que não lhe perdoou o que julgava ser uma traição, pois que também era traidor, uma vez que desrespeitou o lar do amigo, agora será o “remédio amargo”, que ela teria de tomar para se curar. Ele não lhe dará um minuto sequer de paz, o que, para ela, será de enorme valia, pois aprenderá a humildade, a paciência, o autodomínio e outras virtudes que ainda não tinha conseguido adquirir até então.

O Mentor abraça-a amorosamente e ela adormece em seus braços, vindo a acordar no pequeno corpo negro, numa senzala, no interior do Brasil.

Aqui começou o maior desenvolvimento moral daquele espírito até então vinculado ao intelecto sem Amor.

Seu Mentor Espiritual prometeu reencarnar pouco antes dela, a fim de servir-lhe de guia, principalmente pelo exemplo de honestidade, humildade e religiosidade.

A partir daquele momento, com a alma despertada para os bons propósitos, estava aberto o caminho da evolução moral.

Assim costuma acontecer com quase todos os espíritos vinculados a este mundo de provas e expiações, sendo Jesus o único que descreveu sua trajetória evolutiva sem erros.

Louvado seja o Divino Governador da Terra, Nosso Senhor Jesus Cristo!

CAPÍTULO V

INTERIOR DO BRASIL – FAZENDA DE CAFÉ SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Após noite chuvosa, cheia de raios e tempestade impiedosa, vem ao mundo a pequena Enriette, robusta mestiça, choro alto, que, logo ao nascer, é separada da mãe, que trabalha na lavoura.

Passa o dia entregue aos cuidados das crianças maiores, que cuidam dela como podem.

Desde cedo, revela seu temperamento forte, é inteligente, aprende tudo muito rápido. Sua beleza logo é notada pelos outros escravos e os brancos senhores da fazenda.

Terá a beleza contra si mesma, pois é odiada pelas outras escravas, tem de suportar os olhos de desejo dos homens brancos e negros e as senhoras a odeiam, por conta do seu porte elegante, misto dos traços finos do “pai branco” com riscos fortes da mãe negra.

Ainda criança, seu jeito fino, elegante e a fala mansa a levam à casa grande, onde deveria servir às sinhazinhas Liz e Gertrudes.

Joana, sua mãe, não aprova a escolha da filha para o serviço da casa, pois adivinha que algo ruim poderá acontecer.

Foi escolhida pela senhora, pois Enriette é qualificada para poder ficar à disposição das patronhas nas suas pequenas exigências de meninas ricas e acostumadas a serem servidas pelas negras da senzala.

A idade delas é próxima, pois Gertrudes tem quinze anos e Liz dezesseis. São meninas bonitas, finas, muito ricas, mas perdiam para Enriette em beleza e inteligência.

A escrava altiva a princípio se revolta ao contato com as mil facilidades e o conforto à disposição das meninas e deseja que aquilo tudo fosse dela também. Faz um esforço hercúleo para não se desesperar, mas logo pensa que um pouco de comodidade seria bem vinda. Ali teria cama, com lençóis simples, mas limpos, assim como roupas mais decentes, que eram constantemente trocadas.

Enriette nada sente por Gertrude, que lhe passa quase despercebida, diferente da pequena Liz, em seu corpo claro e miúdo. Sua alma se rejubila ao contato da querida menina, numa reminiscência inconsciente da França do século XVII.

Liz é quieta, fica horas presa no quarto, fala pouco, tem crises de choro quando vê a escrava, causando enorme constrangimento aos pais da menina, que começam a achar que a escrava lhe teria feito algum mal.

Os negros eram tidos como feiticeiros e só alguns senhores sabiam ou faziam algum esforço para compreendê-los em sua religião, tão diferente da deles, com todos seus rituais, cânticos e incensos.

Os pais das meninas, assim, acharam que talvez a escrava tivesse feito algum feitiço contra a menina Liz, pois esta adoecia ao contato constante de Enriette, a qual acabou sendo reconduzida à senzala, o que aumentou a revolta em seu jovem coração.

A escrava foi tida como demoníaca pelos próprios outros escravos, que presenciavam as crises nervosas da menina pálida e triste, que se tornava, então, mais arredia, medrosa, colérica, quase histérica.

Ficou mais triste depois de afastada do seu maior tesouro, aquela que conseguia amansar sua rebeldia. Por ela poderia se tornar mais doce, calma e aceitaria qualquer coisa, contanto que pudesse ficar perto de Liz.

Depois de acostumada ao luxo da casa grande, em que, apesar de escrava, tinha seu quarto privativo, ter de voltar ao duro e sujo chão da senzala era demais para ela! Chora muito e teme enlouquecer. Aquele, decididamente, não deveria ser o seu mundo. Onde estaria seu doce mundo, cuja falta sente e dorme porque quer acordar daquele pesadelo e voltar para a sua “casa”.

O trabalho duro na lavoura, machuca suas delicadas mãos e seu coração “dói”. À noite não consegue dormir, tamanha a revolta que lhe corrói as fibras da alma. A mãe, carinhosa, apesar de também cansada, lhe afaga a cabeça e faz o que pode para consolá-la.

Aos 18 anos conhece Richard, jovem feitor da senzala, seu novo algoz. Ele se apaixona por Enriette, mas ela o repudia ferozmente, o que lhe ferirá profundamente o coração, tornando os dias dela quase insuportáveis.

Ele passa a atormentá-la, pois se sente rejeitado e trocado por Joseph, escravo da mesma senzala que ela.

Ela humilha Richard, o que o torna mais irascível e violento, chicoteando-a constantemente.

Denuncia-a aos senhores, mente, inventa histórias sobre Enriette, aumentando mais a ira deles, por acharem que tinham uma feiticeira entre seus escravos, e deram poderes plenos ao feitor sobre a presa desejada.

Nasce, então, no coração de Richard o desejo de possuí-la e se enfurece ao descobrir que ela já se entregara a Joseph, que ela ama. Enorme furor se apossa do coração do feitor, por se sentir ludibriado pela sua presa.

Longe de tentar cativar-lhe o coração solitário, faz dos próximos anos de vida da escrava um verdadeiro tormento. Traz outros capatazes e feitores de outras senzalas para possuírem-na, e, assim, ela traz muitos

espíritos à reencarnação, todos separados dela logo ao nascer.

Enriette se desespera, pois não lhe é dado o direito nem de tocar nas crianças, o que para ela se torna um tormento. Passa longas horas chorando, sozinha, agora separada dos outros.

Nesse meio tempo conhece Johnatan, escravo como ela, de olhar doce, calmo, “pai espiritual de todos”, que consegue dar a ela momentos de quase paz. Ensina-lhe a religião de seus ancestrais e apazigua seu coração.

Profundo conhecedor das ervas medicinais, ele ensina a ela seu preparo e utilidades e transmite-lhe tudo quanto sabe sobre as beberagens, banhos e compressas, dando-lhe fugidios momentos de paz.

Sua alma, antes revoltada, se torna mais tranquila, mesmo quando lhe desencarnam a mãe e a doce Liz. Só não se revolta mais por causa da presença amiga de Johnatan, que a cobre de mimos.

Richard se cansa da sua teimosia e se afasta, deixando-a sozinha, agora sem Johnatan também, que é levado dali, por não render como deveria.

Nos dois últimos anos de vida, se torna mais calada, já não trabalha na lavoura, fica a preparar as ervas do “pai espiritual” e, ao final, volta ao Mundo Maior com alguns pontos positivos a seu favor, pois conseguiu se superar.

Enriette tinha começado a evoluir moralmente, aprendendo importantes virtudes, como a humildade, a paciência, mas, sobretudo, a religiosidade, através da qual passou a enxergar os valores do espírito em vez de apenas considerar seus interesses materiais.

A presença do Mentor Espiritual durante grande parte da sua encarnação foi primordial para seu desenvolvimento.

Também é de se notar que começou a aprender um outro ramo do Conhecimento: a Ciência da Saúde, que desenvolveria na encarnação seguinte, aumentando, inclusive, seu cabedal intelectual.

Verifica-se que, mesmo quando um espírito passa por uma encarnação onde parece nada ter desenvolvido intelectualmente, mesmo ali aprende muita coisa, até mesmo iniciando seu desenvolvimento em uma área nova: foi o que aconteceu com ela.

Os castigos físicos, as humilhações, os abusos sexuais que sofreu, tudo isso representou progresso, pois teve a oportunidade, quanto a esses últimos, de redimir-se quanto à maternidade desprezada e outros equívocos morais semelhantes.

Foi uma encarnação altamente proveitosa para ela e para aqueles que a ajudaram e os que tentaram fazer-lhe mal, pois todo Mal se converte em Bem.

O Amor que passou a nutrir pelos miseráveis, pelos abandonados, pelos negros e por todos os infelizes começou ali, sob a orientação do Mentor encarnado e da mãe, mostrando que ninguém está desamparado na sua escalada evolutiva.

CAPÍTULO VI

ALEMANHA – 1ª METADE DO SÉCULO XX

A neve cai pesada, a tempestade ameaça derrubar as janelas da casa, onde a família de classe média acompanha o noticiário do final da 1ª Grande Guerra.

Enriette, ainda criança, falava que seria enfermeira, profissão pouco usual Alemanha.

Era melancólica, solitária, gostava de dançar e cantar, mas, como membro da classe média, seria difícil de concretizar esses sonhos.

Tinha pais carinhosos e irmãos que a amavam. Trabalhava numa padaria próxima da sua casa e era querida pelos patrões por ser muito responsável.

Ela era irrequieta, estava sempre a procurar por algo que não sabia bem o que era, pois sentia que algo lhe faltava.

Seu olhar era distante e parecia estar a buscar algo no horizonte, causando preocupação à família.

O que lhe faltava? Sentia dor? Não era. Não sabia o que, mas precisava fazer algo.

Enriette ficava longas horas a cismar, olhando pela janela do quarto, no sótão, de onde via todo o vilarejo onde morava.

Ficava pensativa, na busca de algo que lhe trouxesse paz e curasse a dor interior, que a torturava, qual se fossem punhais afiados a lhe rasgarem a carne.

Por mais que seus pais fizessem, ela continuava calada, sozinha e quase não tinha amigos. Manteve o firme propósito de se tornar enfermeira.

Em 1939, para desespero de sua família, foi para o front, pois sentia que ali estava a resposta para suas perguntas intermináveis.

Como ainda não fizera 25 anos, pode ir como enfermeira, com um grupo de moças e, em lá chegando, sentiu a dimensão do que são o abandono, a solidão, o medo e o desconsolo que alguém pode sentir.

Todo aquele conhecimento acumulado na senzala e, depois, no Mundo Espiritual, vieram à tona e então Enriette desabrocha e trabalha muito.

A menina franzina, triste, amargurada dá lugar a mulher forte, “mãe de todos” aqueles meninos tornados homens à força. Estava seguindo o exemplo do escravo “pai de todos”.

Seu passado de crimes, todas as pessoas que maltratou se materializavam naqueles rostos dilacerados. Parecia vê-los a pedir-lhe amparo e socorro.

Cada curativo que fazia, cada bandagem que envolvia uma ferida: tudo era como se curasse a si

própria. Tratava a todos com carinho, curando aos poucos a própria consciência.

Revê, em espírito, os inúmeros crimes que cometera e se sente quase feliz, porque agora tudo parece ter lógica, as peças se encaixam como um enorme quebra-cabeças.

Numa noite, em que, por raros momentos, descansava, senta-se do lado de fora da barraca dos feridos e olha o céu. Tem o ímpeto de se ajoelhar ali mesmo e agradecer a Deus, porque, pela primeira vez, por irônico que possa parecer, sente paz.

Sua alma está leve em um lugar onde todos choram e blasfemam. O céu estava salpicado de estrelas, já não nevava mais e parecia que elas lhe beijavam o rosto.

Estava com esses pensamentos calmos, quando vê chegar jovem um soldado de uns vinte anos de idade, alto, de cabelos muito loiros e curtos, de olhos de um azul profundo, parecendo duas estrelas caídas do céu. Sente uma onda de sentimentos fortes, uma certeza inexplicável de que o conhecia. Onde o vira antes? Será que era do vilarejo dela, por isso a sensação de conhecê-lo? Era Joseph, que voltava para dar a ela a certeza de que vivemos mais de uma vez. Era seu irmão caçula da França do século XVII, seu filho na Irlanda no século XVIII, seu grande amor na senzala no Brasil do século XIX.

Lá estava ele com seu sorriso único, o carinho infinito por ela, amigos que se vêm e se unem em espírito, sem se tocarem, sem necessidade de se falarem.

Ela era alta, cabelos claros e cacheados, mãos longas e finas, ágeis e firmes, silhueta magra.

Sorriram um para o outro, de uma alegria infinita, de quem não se vê há milênios ou que nunca esteve separado.

Toda noite ele vinha conversar com ela, olhavam as estrelas e sentiam-se quase felizes, se não estivessem em meio a uma guerra.

Era o presente de Deus para ela, mostrando-lhe que, se fazemos o melhor, somos agraciados com a presença de amigos queridos, que nos adoçam a vida, mesmo que estejamos em meio a uma floresta de espinhos.

Numa dessas noites, em 1940, escuta-se um forte zumbido no ar e sem que ninguém tivesse tempo sequer de pensar, uma bomba cai próxima dos dois, que partem de volta para a Vida Maior, com a promessa de que se reencontrariam.

.....
Enriette tinha retornado à Europa, que tanto ama, respirando de novo aqueles ares que lhe fazem enorme bem.

É quieta, melancólica, nasce numa família simples e amorosa, mas seu coração sofre e ela suspira longamente e procura algo no horizonte.

Quando vai para a Guerra, sente-se feliz porque pode curar suas próprias feridas, é doce quando trata os doentes e agonizantes.

Encontra o jovem médico de nome Robert, que lhe fala ao coração solitário.

Os dois se encontrarão novamente, no Brasil, na próxima encarnação.

Ela resgata muitos crimes, sendo a “mãe” daqueles soldados tristes e solitários.

Retorna ao mundo espiritual já com muitos de seus crimes resgatados, todavia, necessitando conviver com alguns desafetos, que voltará a encontrar na próxima encarnação.

Além das vitórias espirituais, visíveis e palpáveis, adquiriu nova competência intelectual na Ciência da Enfermagem, que desenvolveria no futuro, em outras vidas ou então iniciaria seus estudos em outras áreas do Conhecimento.

Não há como pensar-se tristemente sobre os acontecimentos humanos, pois todos eles são permitidos

por Deus para a evolução das Suas criaturas: “não cai uma folha de uma árvore sem a Vontade de Deus”.

E: “nascer, morrer, renascer novamente e progredir sempre: Tal é a Lei.”

CAPÍTULO VII

BRASIL – 2ª METADE DO SÉCULO XX

Renasce Enriette no interior do Brasil ao lado daqueles que a amam e também dos desafetos que não conseguiu diluir.

Sabemos que o único objetivo das reencarnações é o progresso do espírito imortal, que chega e parte milhares de vezes, deixando e carregando consigo, no atual estágio evolutivo, pedras pontiagudas ao lado de pétalas de rosa.

Assim aconteceu também com esta “trabalhadora da última hora. Durante os cinquenta anos que viveu pela última vez na Terra, teve vida simples, casou aos 18 anos com um homem honesto, carpinteiro de profissão e trouxeram ao mundo sete filhos.

Ela não teve chance de estudar e praticar tudo que aprendeu em suas vidas passadas. Moravam numa casa cercada de jardim, pois ela amava as flores, que lhe lembravam sua Irlanda querida. Não estava próxima ao mar, como desejava, mas o cheiro misturado das flores lhe davam enorme paz e tranquilidade.

Ela e o marido fundaram e mantiveram um pequeno Centro Espírita na periferia da cidade, onde assistiam mães e os filhos. O carinho com essas pessoas foi aos poucos curando as feridas que ainda trazia na alma.

Enriette ainda tinha um longo caminho a percorrer, mesmo porque sua “folha corrida” era muito extensa. Ainda teria que ir e voltar muitas vezes, pois a evolução é infinita, mas, entremeado com as pedras que jogou no caminho alheio, ao longo das reencarnações, semeou também várias árvores frutíferas e roseiras perfumosas.

As pétalas lhe lembrariam a Infinita Bondade de Deus, lhe recordando que ao filho pródigo é reservado um banquete, quando ele se cansa dos próprios equívocos e resolve voltar à Casa Paterna.

Agora tornara-se uma “trabalhadora da última hora” no sentido mais nobilitante da palavra, pois, trabalhando na Seara Espírita, junto com seu marido, já tinha consolidado o propósito de servir no Bem, renunciando à vaidade intelectual e aos interesses puramente materiais para dedicar-se a fazer o melhor possível em favor das pessoas que lhe cruzaram o caminho, principalmente os miseráveis, marginalizados, carentes de todos os tipos.

NOTAS

[1] Apesar de não partilharmos de todas as colocações da Ciência materialista, vale a pena, para os prezados leitores, saber o que ela, na pessoa dos seus profíctos mais destacados, concluiu até o presente momento. Em uma época posterior, quando passar a levar em conta a existência do Espírito, ou seja, que os seres humanos são Espíritos, suas conclusões deverão, em muitos casos, ser totalmente diferentes. Feitas estas considerações necessárias, passemos à transcrição da nota constante do seguinte endereço da Internet: http://pt.wikipedia.org/wiki/Droga#cite_note-4

Conceito

Droga é toda e qualquer substância, natural ou sintética que, uma vez introduzida no organismo, modifica suas funções.

As drogas naturais são obtidas através de determinadas plantas, de animais e de alguns minerais - a cafeína (do café), a nicotina (presente no tabaco), o ópio (na papoula) e o THC ou tetraidrocanabinol (da Cannabis).

As drogas sintéticas são fabricadas em laboratório, exigindo para isso técnicas especiais. O termo droga, presta-se a várias interpretações, mas ao senso comum é uma substância proibida, de uso ilegal e nocivo ao indivíduo, modificando-lhe as funções, as sensações, o humor e o comportamento.

No Brasil, a legislação define como droga "as substâncias ou produtos capazes de causar dependência, assim especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União" segundo o parágrafo único do art. 1.º da Lei n.º 11.343, de 23 de agosto de 2006 (Lei de Drogas). Instituiu o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas -

Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Isto significa dizer que as normas penais que tratam do usuário, do dependente e do traficante são consideradas normas penais em branco. Atualmente, no país, são consideradas drogas todos os produtos e substâncias listados na Portaria n.º SVS/MS 344/98 do Ministério da Saúde.

Tipos de drogas

O termo "droga" envolve os analgésicos, estimulantes, alucinógenos, tranquilizantes e barbitúricos, além do álcool e substâncias voláteis. As psicotrópicas são as drogas que tem tropismo e afetam o Sistema Nervoso Central, modificando as atividades psíquicas e o comportamento.

Quanto ao efeito

Quanto ao tipo de efeito no sistema nervoso podem ser classificadas como:

- *Depressora (psicodislépticas)- diminuem a atividade do sistema nervoso atuando em receptores (neurotransmissores) específicos.*

Exemplos: álcool, barbitúricos, diluentes, quetamina, cloreto de etila ou lança perfume, clorofórmio, ópio, morfina, heroína, e inalantes em geral (cola de sapateiro, etc.).

- *Psicodistrópticas ou psicodislépticas (drogas perturbadoras/modificadoras) – têm por característica principal a despersonalização ou modificação da percepção (daí o termo alucinógeno para sua designação) em maior ou menor grau.*

Exemplos: Algumas espécies de cogumelos, LSD, maconha, MDMA ou ecstasy e o DMT.

- *Psicolépticas ou estimulantes - produzem aumento da atividade pulmonar (ação adrenérgica), diminuem a fadiga, aumentam a percepção ficando os demais sentidos ativados.*

Exemplos: cocaína, crack, cafeína, teobromina (presentes em chocolates), GHB, metanfetamina, anfetaminas (bolinha, arrebite) etc.

Essas drogas podem ser absorvidas de várias formas: por injeção, por inalação, via oral ou injeção intravenosa.

Quanto à forma de produção

Quanto à forma de produção classificam-se como:

- *Naturais - aquelas que são extraídas de plantas*

Exemplo: tabaco, cannabis, ópio.

- *Semissintéticas - são produzidas através de modificações em drogas naturais.*

Exemplo: crack, cocaína, heroína.

- *Sintéticas - são produzidos através de componentes ativos não encontrados na natureza.*

- *Exemplo: anfetamina, anabolizante, queratina.*

- *Tipos de usuários de drogas*

É comum distinguir o abuso de drogas (dependência) do seu consumo experimental, ou já em fase de risco de dependência. Esta classificação refere-se à quantidade e periodicidade em que ela é usada. Os usuários podem ser classificados, segundo CID 10 rev., em:

- *experimentalador*

- *usuário ocasional*
- *habitual*
- *dependente*

Outra classificação se refere ao uso das drogas em desvio de seu uso habitual, como por exemplo o uso de cola, gasolina, benzina, éter, dentre outras substâncias químicas, para provocar um estado de euforia ou torpor.

Efeitos

Sob o efeito de determinadas drogas, o indivíduo parece ver além do comum em objetos, em gestos ou até mesmo no vazio, daí a utilização de termos como despersonalização, alucinação ou sintomas paranoicos e psicóticos na descrição do seu comportamento. Sob o efeito de drogas, algumas pessoas tendem a parecer mais introspectivas ou mais extrovertidas e agressivas, a depender do tipo de substância consumida, assim como do contexto de utilização e dos próprios traços de personalidade individual.

A dependência de drogas está relacionada tanto ao prazer produzido, usualmente designado como euforia, sensação de bem estar, estimulação ou entorpecimento (analgesia), como à compreensão deformada de seus efeitos nocivos (tóxicos) ao organismo, além dos mecanismos químicos ou crise de abstinência induzidos pela ausência da substância após um período de uso continuado. Ademais, ao adquirir drogas no mercado negro, o indivíduo se expõe a outros riscos - agressão, roubo, consumo involuntário de outras substâncias nocivas misturadas às drogas, violência policial e prisão.

Sobre a "fuga da realidade", expressão usada para descrever a sensação de prazer derivada do uso de certas drogas, Sigmund Freud (1856-1939) escreveu, 1930:

O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupações’, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. Sabe-se igualmente que é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos. São responsáveis, em certas circunstâncias, pelo desperdício de uma grande quota de energia que poderia ser empregada para o aperfeiçoamento do destino humano.

[2] Da mesma forma que dissemos na nota anterior, apesar de não partilharmos de todas as colocações da Ciência materialista, vale a pena, para os prezados leitores, saber o que ela, na pessoa dos seus profitentes mais destacados, concluiu até o presente momento. Em uma época posterior, quando passar a levar em conta a existência do Espírito, ou seja, que os seres humanos são Espíritos, suas conclusões deverão, em muitos casos, ser totalmente diferentes. Feitas estas considerações necessárias, passemos à transcrição da nota constante do seguinte endereço da Internet:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcoolismo>

O alcoolismo é geralmente definido como o consumo consistente e excessivo e/ou preocupação com bebidas alcoólicas ao ponto que este comportamento interfira com a vida pessoal, familiar, social ou profissional da pessoa e pode potencialmente resultar em condições (doenças) psicológicas e fisiológicas, assim como, por fim, na morte. É um dos problemas mundiais de uso de drogas que mais

trazem custos. Com exceção do tabagismo, o alcoolismo é mais custoso para os países do que todos os problemas de consumo de droga combinados.

Características

Além dos prejuízos na vida acadêmica, profissional, social e familiar o abuso de álcool por tempo prolongado pode causar câncer na cavidade oral, esôfago, faringe, fígado e/ou vesícula biliar; hepatite, cirrose, gastrite, úlcera, danos cerebrais, desnutrição, problemas cardíacos, problemas de pressão arterial, além de transtornos psicológicos. Durante a gestação, causa má formação fetal.

Apesar do abuso do álcool ser um pré-requisito para o que é definido como alcoolismo, o seu mecanismo biológico ainda é incerto. Para a maioria das pessoas, o consumo de álcool gera pouco ou nenhum risco de se tornar um vício. Outros fatores geralmente contribuem para que o uso de álcool se transforme em alcoolismo. Esses fatores podem incluir o ambiente social e cultura, a saúde psicológica e a predisposição genética.

Terminologia

Muitos termos são aplicados para se referir a uma pessoa alcoólica e ao alcoolismo. Existe muita controvérsia a esse respeito, entretanto é consenso que:

- 1. O alcoolismo pode levar a morte.*
- 2. 'Alcoolismo' é uma doença, um transtorno psicológico sério, que precisa de tratamento multiprofissional.*
- 3. O alcoólico pode apresentar prejuízos relacionados com o uso de álcool em todas as áreas da vida (Prejuízos físicos, mentais, morais, profissionais, sociais, entre outros).*

4. *O alcoólico perde a capacidade de controlar uma quantidade de bebida que ingere, uma vez que vence uma ingestão. Abuso, uso pesado, vício e dependência são todos rótulos comuns usados para descrever os hábitos de consumo, mas o real significado dessas palavras muito podem variar, dependendo do contexto em que são usadas. Mesmo dentro da área de saúde especializada, uma definição pode variar entre as áreas de especialização. Muitas vezes a política e a religião ainda confundem o problema e agravam uma ambiguidade.*

Uso refere-se ao simples uso de uma substância. Uma pessoa que bebe qualquer bebida alcoólica está usando álcool.

Desvio, problemas com uso e uso pesado são termos que sugerem que o consumo de álcool tem causado problemas psicológicos, físicos, sociais, ou seja, prejuízos ao bebedor. Os danos sociais e morais são altamente subjetivos e, portanto, diferem de indivíduo para indivíduo, o que dificulta a identificação desses usuários.

A expressão abuso de substâncias tem uma variedade de significados possíveis. No campo da saúde mental, o uso do DSM-IV por psicólogos e psiquiatras traz uma definição específica, que envolvem um conjunto de circunstâncias da vida que acontecem por causa do uso da substância. No direito, o abuso é freqüentemente usado para se referir ao uso ilegal de qualquer substância. Dentro do vasto campo da medicina, o abuso, por vezes, refere-se ao uso de medicamentos prescritos em excesso da dose prescrita ou a utilização de um medicamento que exige prescrição médica sem receita. Dentro da religião, o abuso pode se referir a qualquer uso de uma substância considerada inadequada. O termo algumas vezes é evitado por profissionais pela variabilidade em sua definição.

A dependência é simultânea à tolerância, ou seja, necessidade de doses cada vez maiores para obter o mesmo efeito. A dependência será tanto mais intensa quanto mais intenso for o grau de tolerância ao álcool. O diagnóstico de dependência de álcool não necessariamente indica uma presença de dependência física, ela pode ser apenas psicológica e estar associada com influência de amigos e família ou com poucas habilidades sociais. Dependência está associada a dificuldade em resistir a uma substância.

A definição precisa de vício é debatida, mas em geral se refere a qualquer condição que faz uma pessoa continuar a demonstrar comportamentos nocivos mesmo sofrendo prejuízos sociais, profissionais e pessoais. Pode ser causado por dependência física e psicológica.

Remissão é, segundo a Associação Psiquiátrica Americana, uma condição em que os sintomas físicos e mentais do alcoolismo não estão mais evidentes. A remissão pode ser parcial, quando breve, ou persistente, quando dura mais de um ano. Outros (principalmente Alcoólicos Anônimos) usam o termo recuperação para o usam descrever aqueles que cessaram completamente o consumo de álcool.

Diagnóstico

Um diagnóstico de dependência pelo CID-10 pode ser feito somente se três ou mais dos seguintes requisitos tenham sido experimentados ou exibidos em algum momento durante um período de 12 meses:

- Um forte desejo ou senso de compulsão para consumir a substância;*
- Dificuldades em controlar o comportamento de consumir a substância em termos de seu início, término ou níveis de consumo;*

- *Um estado de abstinência fisiológico quando o uso da substância cessou ou foi reduzido, como evidenciado pela síndrome de abstinência característica para a substância ou o uso da mesma substância (ou de uma intimamente relacionada) com a intenção de aliviar ou evitar sintomas de abstinência;*
- *Evidência de tolerância, de tal forma que doses crescentes da substância psicoativa são requeridas para alcançar efeitos originalmente produzidos por doses mais baixas;*
- *Abandono progressivo de prazeres ou interesses alternativos em favor da substância psicoativa, aumento da quantidade de tempo necessário para obter ou tomar a substância ou para se recuperar de seus efeitos;*
 - *Persistência no uso da substância, a despeito de evidência clara de conseqüências manifestamente nocivas, tais como dano ao fígado por consumo excessivo de bebidas alcoólicas, estados de humor depressivos consequentes a períodos de consumo excessivo da substância ou comprometimento do funcionamento cognitivo relacionado à droga; deve-se fazer esforços para determinar se o usuário estava realmente (ou se poderia esperar que estivesse) consciente da natureza e extensão do dano.*

Efeitos fisiológicos do alcoolismo

O consumo excessivo de álcool leva a uma degradação do etanol em etanal pelo fígado, fato que consome NAD^+ formando NADH . Na segunda reação para a formação de acetato também há consumo de NAD^+ e formação de NADH , dessa forma o ciclo de Krebs (dependente de NAD^+) é diminuído pela falta de NAD^+ , aumentando portanto o metabolismo anaeróbico das células, o que irá produzir mais ácido láctico no organismo. Esse excesso de ácido láctico no organismo compete com a excreção de

urato contribuindo para o aumento de ácido úrico no sangue, o qual irá precitar em articulações gerando uma doença conhecida como gota.

O conjunto de efeitos fisiológicos sentidos após excessivo consumo de álcool é conhecido como veisalgia, popularmente chamada de "ressaca".

[...]

Prevalência

No Brasil os índices variam muito entre as diversas regiões, mas os estudos indicam que a média nacional está em torno de 3 a 6% da população, sendo cerca de 5 vezes mais comum em homens. Tanto em Salvador quanto em Ribeirão Preto a média foi de 6,2%, sendo de 11% entre os homens e de 1,5% entre as mulheres. A proporção de indivíduos maiores de 13 anos que consomem álcool no Brasil está em torno de 52%, o que é bastante inferior ao relatado em diversos países: 90% nos EUA, 87% na Austrália, 83% no Canadá e 75% no Equador. O índice brasileiro é semelhante ao índice da Colômbia e México (51%). O nível de alcoolismo é muito menor que a média americana (10-12%) e europeia (5 a 20%).^[5] A maior proporção de consumidores de álcool e de alcoolistas é entre homens de 30 e 49 anos.

Associação com cigarro

Entre alcoolistas, 67% também são fumantes. Os alcoolistas tendem a iniciar-se no consumo tabágico mais cedo, fumam durante mais tempo, fumam um maior número de cigarros por mês e apresentam fluxo expiratório mais baixo do que os abstêmios.

Tratamentos

Os tratamentos para o alcoolismo são bastante variados porque existem múltiplas perspectivas para essa condição.

Aqueles que possuem um alcoolismo que se aproxima de uma condição médica ou doença são recomendados a se tratar de modo diferentes dos que se aproximam desta condição como uma escolha social. Não se deve confundir o tratamento do alcoolismo com o tratamento apenas da síndrome de abstinência. O tratamento do alcoolismo é complexo, multiprofissional e longo dependendo da persistência do paciente e sua rede social de apoio para o processo de cura.

A maioria dos tratamentos busca ajudar as pessoas a diminuir o consumo de álcool, seguido por um treinamento de vida ou suporte social de modo que ajude a pessoa a resistir ao retorno do uso de álcool. Como o alcoolismo envolve múltiplos fatores que incentivam a pessoa a continuar a beber, todos estes fatores devem ser suprimidos para que se previnam com sucesso os casos de recaídas. Um exemplo para este tipo de tratamento é a desintoxicação seguida por uma combinação de terapia de suporte, atendimento em grupos de auto-ajuda, etc. A maioria dos tratamentos geralmente preferem uma abstinência de tolerância zero; entretanto, alguns preferem uma abordagem de redução de consumo progressiva.

A efetividade dos tratamentos para o alcoolismo varia amplamente. Quando considerada a eficácia das opções de tratamento, deve-se considerar a taxa de sucesso daquelas pessoas que entraram no programa, não somente aqueles que o completaram. Como o término do programa é a qualificação para o sucesso, o sucesso entre as pessoas que completam um programa é geralmente perto de 100%. Também é importante se considerar não somente a taxa daqueles que atingiram os objetivos do tratamento, mas também a taxa daqueles que tiveram recaídas. Os resultados também devem ser comparados

com a taxa aproximada de 5% de pessoas que abandonam os programas por conta própria.

A desintoxicação trata os efeitos físicos do uso prolongado do álcool, mas na verdade não trata o alcoolismo. Após a desintoxicação estiver completa, as recaídas são propensas de ocorrer se não houver um tratamento subsequente. A desintoxicação pode ou não ser necessária dependendo da idade, estado de saúde e histórico de ingestão de álcool da pessoa. Por exemplo, um homem jovem que quando consome álcool o faz em quantidades excessivas em um curto período de tempo, e busca tratamento uma semana após seu último uso de álcool, pode não precisar de desintoxicação antes de iniciar o tratamento para o alcoolismo.

Psicoterapia

Após a desintoxicação, diversas formas de terapia em grupo ou psicoterapia podem ser usadas para lidar com os aspectos psicológicos subconscientes que são relacionados à doença do alcoolismo, assim como proporcionar a aquisição de habilidades de prevenção às recaídas como assertividade e técnicas de relaxamento mais saudáveis.

O aconselhamento em grupo através de ajuda mútua é um dos meios mais comuns de ajudar os alcoólicos a manter a sobriedades. Muitas organizações já foram formadas para proporcionar esse serviço, como os Alcoólicos Anônimos.

A terapia cognitivo comportamental é feita individualmente, mas pode convidar familiares e amigos para participar caso o paciente aceite, e tem como objetivos:

- *Desenvolver aprendizagem e prática de novos comportamentos substitutos para o comportamento de*

beber através de treinamento de habilidades intrapessoais (auto-identificação) e interpessoais (sociais);

- *Ensinar estratégias de enfrentamento que podem ser usadas para lidar com situações de alto risco (internas e externas) que poderiam levar ao comportamento adictivo;*
- *Estabelecer estratégias gerais de mudanças no estilo de vida que ajudem o paciente a atingir seus objetivos acadêmicos, profissionais, sociais e familiares de forma mais eficiente;*
- *Desenvolver estratégias que favoreçam a manutenção do processo de mudança nos hábitos produzidos pelo tratamento.*

Psicólogos cognitivos comportamentais também fazem planos emergenciais para uma variedade de situações de estresse que podem surgir de maneira inesperada e planejam com o paciente estratégias para resolvê-las.

Durante a terapia é comum que outros transtornos como fobia social, depressão maior, transtorno bipolar, hiperatividade, transtorno de personalidade limítrofe, transtorno de ansiedade generalizada, anorexia nervosa ou outro transtorno de humor, ansiedade ou alimentar sejam identificados como a causa do alcoolismo.

Racionamento e moderação

Os programas de racionamento e moderação do uso do álcool não forçam uma abstinência completa. Apesar de a maioria dos alcoólicos serem incapazes de limitar o seu consumo através destes programas, alguns passam a beber moderadamente. Muitas pessoas se recuperam do alcoolismo. Um estudo realizado em 2002 nos Estados Unidos mostrou que 17,7% das pessoas que tinham sido diagnosticadas como dependentes do álcool a mais de um

ano (anteriormente à pesquisa) retornaram ao consumo de baixo risco de álcool.

Medicamentos

Embora não sejam necessários para o tratamento do alcoolismo, diversas medicações podem ser prescritas como parte do tratamento. Algumas podem facilitar a transição para a sobriedade, enquanto outras podem causar dificuldades físicas quando do uso do álcool. Na maioria dos casos, o efeito desejado é fazer com que o alcoólatra se abstenha da bebida.

- O dissulfiram previne a eliminação de acetaldeído, um composto químico que o corpo produz quando quebra o etanol. É o acetaldeído que causa os diversos sintomas da "ressaca" após o uso do álcool. O efeito geral do medicamento é um grande desconforto quando o álcool é ingerido: uma "ressaca" desconfortável extremamente rápida e de longa duração. Isso desencoraja o alcoolista a beber quantidades significativas de álcool enquanto ele está tomando o medicamento. O consumo excessivo de álcool associado com o dissulfiram pode causar doenças severas e até a morte.*
- A naltrexona é um antagonista competitivo para os receptores opióides, bloqueando efetivamente a habilidade do corpo em usar as endorfinas e opiáceos. Ele também parece agir na ação da neurotransmissão do glutamato. A naltrexona é usada em duas formas muito diferentes de tratamento. O primeiro tratamento usa a naltrexona para diminuir os desejos pelo álcool e encorajar a abstinência. O outro tratamento, chamado extinção farmacológica, combina a naltrexona com o hábito normal de ingestão de álcool de forma para reverter o condicionamento das endorfinas que causam o vício ao álcool. A naltrexona é apresentada em duas formas. A naltrexona oral é uma pílula que deve ser*

tomada diariamente para ser eficiente. Vivitrol é uma formulação que é injetada nas nádegas uma vez ao mês.

- *Acredita-se que o Acamprosato (também conhecido como Campral) estabiliza o equilíbrio químico do cérebro prejudicado pelo alcoolismo. O FDA aprovou esta droga em 2004, dizendo "Embora seu mecanismo de ação não seja perfeitamente compreendido, acredita-se que o Campral atue nas vias químicas do cérebro relacionadas ao abuso do etanol. O Campral mostrou-se efetivo em manter a abstinência por um curto período de tempo.^[13]" Embora seja efetivo sozinho, é comumente ministrado com outros medicamentos como a naltroxetona com grande sucesso.*
- *Oxibato de sódio é o sal de sódio do ácido gama-hidroxibutírico (GHB). Ele é usado para a abstinência aguda do álcool e para a desintoxicação a médio e longo prazo. Essa droga melhora a neurotransmissão do GABA e diminui os níveis de glutamato.*
- *Baclofeno tem mostrado em estudos em animais e em pequenos estudos em humanos que melhora a desintoxicação. Esta droga atua como um agonista do receptor GABA B e isto pode ser benéfico.*

Extinção farmacológica

A extinção farmacológica é o uso de antagonistas opióides como a naltrexona combinados com o hábito normal de ingestão de álcool para eliminar o desejo intenso pelo álcool. Essa técnica obteve sucesso na Finlândia Pensilvânia, e Flórida, e é às vezes citada como o Método Sinclair.

Terapia nutricional

O tratamento preventivo das complicações do álcool incluem o uso a longo-prazo de multivitaminas além de vitaminas específicas como B12 e folato.

Apesar da terapia nutricional não ser um tratamento propriamente para o alcoolismo, ela trata as dificuldades que podem surgir anos após o uso intenso de álcool. Muitos dependentes de álcool tem a síndrome da resistência à insulina, um distúrbio metabólico no qual a dificuldade do corpo em processar açúcares causa um suprimento desequilibrado na corrente sanguínea. Apesar do distúrbio poder ser diminuído com uma dieta hipoglicêmica, ele pode afetar o comportamento e as emoções, efeitos colaterais que freqüentemente são observados entre os álcool-dependentes em tratamento. Os aspectos metabólicos desta dependência são freqüentemente negligenciados, gerando resultados ruins para os tratamentos.

Prognóstico

Sem acompanhamento profissional aproximadamente 90% dos alcoólatras voltam a beber nos 4 anos seguintes a interrupção. A principal causa de recaída apontada pelos usuários são emoções negativas (35%), pressão social(20%), brigas (16%), incapacidade de resistir ao desejo (11%) e teste de auto-controle (9%). Esses dados ressaltam a importância de acompanhamento psicológico prolongado e persistente em qualquer abuso de substâncias.

O fato de serem diagnosticados outros transtornos psicológicos associados ao uso do álcool nesse caso é sinal de bom prognóstico, pois o tratamento desses transtornos costumam resolver a raiz do alcoolismo e fatores que manteriam o consumo.

Outro fator de bom prognóstico é quando amigos e familiares também param de beber e oferecer bebidas ou já não tinham o hábito de beber. Quanto maior o apoio de amigos e familiares, melhores as chances de cura definitiva.

[3] A irmã Tereza ditou, através do médium, um estudo muito interessante e profundo intitulado “*Desapego de tudo e apego a Deus*”, que vale a pena ser conhecido pelos nossos irmãos e irmãs que estão lutando para se descincular da dependência da drogadição e do alcoolismo, sem contar as demais pessoas. Transcrevemos uma parte do texto, em que mantivemos a forma original para facilitar sua leitura:

INTRODUÇÃO

Quando o Espírito alcança o grau de compreensão de que é um ser imaterial e que suas encarnações visam apenas seu progresso intelecto-moral e nada mais que isso - sendo passageiras as construções no mundo material, tanto assim que das civilizações do passado, no máximo, restaram alguns poucos vestígios, como se fossem “material de demolição”, reaproveitado em realizações novas, pois, por outro lado, também “na Natureza, nada se perde, nada se cria, tudo se transforma” – então, apesar de continuar cumprindo suas obrigações como cidadão, profissional e pai ou mãe, passa a priorizar seus investimentos espirituais, preparando-se para a vida no mundo espiritual, que é nossa pátria definitiva.

Para tanto, o desapego é uma virtude imprescindível, devido à sua abrangência, como veremos neste estudo, não se restringindo à mera doação de alguns bens materiais que já estão gastos pelo uso, que passamos às mãos dos momentaneamente mais necessitados que nós mesmos. Normalmente, quem pratica essa “caridade” incompleta está simplesmente repetindo indefinidamente, sem se decidir pelo passo seguinte, o primeiro degrau da virtude do desapego, que vai ao infinito, tendo Jesus como Modelo,

mantendo-se esses principiantes do desapego, na verdade, ligados pelo coração aos bens materiais, renunciando a algumas coisas supérfluas ainda a contragosto, pagando, perante Deus, o tributo da escravidão mental da observação criteriosa de Jesus: “Onde estiver teu tesouro aí estará o teu coração.” O coração desses estará em sobressalto pelo medo das perdas e em pânico pelas efetivas “aparentes” perdas que Deus determinar na sua vida, inclusive com a desencarnação compulsória, que a todos aguarda inúmeras vezes durante a trajetória dos Espíritos.

O desapego deve ser interpretado de forma muito mais ampla que a relacionada a coisas, como os queridos irmãos podem depreender, já de início, sendo que, na sua forma ampla, é praticado por poucos, cuja compreensão já amadureceu, enquanto que a maioria retrata o estágio atual de cristianização apenas iniciante da humanidade do nosso orbe, caracterizado pelo descompasso entre a teoria da religiosidade formal e a prática cotidiana das Leis Divinas, ficando os primeiros restritos ao cumprimento de uma obrigação incômoda aconselhada pelas correntes religiosas em geral.

Desapegar-se foi uma das Lições mais importantes que Jesus procurou inculcar na mente e no coração dos Espíritos ligados à Terra, porém, até o momento, alcançaram-se resultados comparáveis à construção da base de um grande edifício, mas a incompreensão ainda é muito grande, principalmente entre os encarnados, que aferram-se às posses e interesses materiais, às pessoas a quem se ligam em simbiose extenuante e a quem costumam querer tiranizar afetivamente, além de

outros itens abrangentes, que iremos abordar neste estudo.

Grande parte dos Espíritos encarnados sofre pelos bens, interesses e pessoas que gostariam de ter à sua disposição, demonstrando incompreensão quanto aos objetivos primordiais da Vida, enquanto que há Espíritos que estão no plano espiritual saudosos das objetividades puramente materiais, sendo-lhes recomendado, por isso, reencarnar com a brevidade possível, pois não se adaptam ao mundo verdadeiro, em que nada importa a não ser as virtudes e conquistas do Espírito.

O presente estudo representa o trabalho conjugado entre o aprendizado pessoal do médium - sob nossa orientação e de outros Espíritos que por ele se interessam, o qual necessita realizar seu desenvolvimento espiritual, para melhor servir à Causa de Jesus, para a qual recebeu a bênção da reencarnação - tanto quanto o nosso, do lado espiritual, procurando levar aos que habitam presentemente o mundo material as informações que os prepararão para viver melhor a ascensão moral mesmo durante a encarnação: são duas realidades que se interpenetram, como deve acontecer em benefício geral, antecipando a realidade do mundo de regeneração, às cujas portas se encontra a humanidade terrestre, quando não haverá mais barreiras entre encarnados e desencarnados, mas sim o intercâmbio permanente e consciente entre as duas faixas vibratórias, a exemplo do que acontece aí no mundo material entre pessoas que se comunicam pelos modernos recursos da telefonia, internet e outros.

Fazemos, aqui, remissão a alguns ensinamentos de Lao Tsé, no que diz respeito ao apego a Deus, numa homenagem aos esforços daquele Espírito de grande elevação, os quais remontam à velha China, mas que se resumem, no conjunto da sua pregação, ao “Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, afirmado com outras expressões, o que, infelizmente, não foi compreendido por muitos dos seus seguidores, até hoje, que se apegaram a rituais e exterioridades inúteis para a evolução espiritual, como, aliás, acontece com muitas Lições nobilitantes das várias correntes religiosas e filosóficas, cuja missão é de iluminar o caminho da humanidade, sobretudo, a encarnada.

Este estudo deveria ser do interesse de todos, mas sabemos que poucos estão dispostos a ouvir alguém falar em desapego, pois é uma das virtudes mais difíceis de consolidar-se nos Espíritos.

O símbolo desenhado neste livro mostra a estrela, que é o Espírito, ascendendo em direção ao Olho, que é Deus, o que se concretiza com a diminuição do peso perispiritual, pelo desapego, fazendo-se mais leve, até não ter peso algum, e, nessa fase, estando em condições de vivenciar a felicidade, a paz da consciência, a serenidade, o Nirvana, não da inatividade, mas da prática do Amor Universal.

Que Jesus nos abençoe nesta tarefa de tentar contribuir com os nossos irmãos para passem a investir mais consciente e intensamente no desapego no seu sentido mais amplo, e, em contrapartida, se apegando ao Pai Celestial, que deve constituir-se na

meta de Amor mais importante, como ensinaram Jesus, Lao Tsé e outros missionários, cada um na sua época e no contexto humano próprios, segundo criteriosa programação do Sábio Governador da Terra.

1 – A VIRTUDE DO DESAPEGO

O egoísmo é uma das chagas da humanidade, sendo-lhe a virtude oposta correspondente o desapego, que significa a capacidade de renunciar a tudo que não seja realmente essencial, não se restringindo aos bens materiais, mas também a qualquer outro tipo de benefício.

O nível de desapego de cada Espírito revela sua estatura espiritual, podendo-se considerar como referencial máximo Jesus, que no-lo ensinou quando disse: “Não tenho uma pedra onde descansar a cabeça.”

Por ter ciência de que o mundo espiritual é nossa verdadeira pátria, sendo a vida terrena mera passagem temporária necessária, principalmente para quem ainda se encontra nos degraus inferiores da evolução moral, os Espíritos Superiores não se apegam às coisas e interesses materiais.

Assim, quem pretende evoluir moralmente necessita desapegar-se, o máximo que conseguir, de tudo que não possa carregar para o mundo espiritual, ou seja, o que não sejam suas próprias aquisições intelecto-morais. Tudo o mais, inclusive o corpo físico, como se sabe, fica para trás na passagem para a pátria verdadeira.

Exemplifiquemos, para melhor compreensão, por que compensa desapegarmo-nos desde já.

O Espírito André Luiz descreve a cidade espiritual de Nosso Lar e as regras que ali vigoram, podendo-se entender que regulamentos semelhantes se aplicam às demais urbes espirituais de igual categoria.

Ali cada habitante ou família pode possuir apenas um imóvel para a própria moradia, não havendo a mínima possibilidade de alguém, mesmo os dirigentes, monopolizarem a área imobiliária e, muito menos, explorarem a necessidade dos demais.

Quanto ao salário, é idêntico, em tese, para todos, seja um trabalhador braçal, seja o governador da cidade.

As necessidades básicas são atendidas sem distinção do nível evolutivo, não havendo ninguém colocado à margem da assistência que a Caridade recomenda.

Considerando esses fatores, ainda mais depois da enorme divulgação que o filme *Nosso Lar* deu a esses aspectos e outros da vida no mundo espiritual, não se concebe como muitos de nós ainda vivamos apegados de forma obsessiva aos ganhos materiais, ao poder temporal e a inúmeras questões que nada acrescentam à evolução intelecto-moral.

É necessário atentarmos para o que fazemos dos bens que chegam às nossas mãos, principalmente se lhes estamos dando uma destinação útil aos nossos irmãos em humanidade. Em caso contrário, acordemos para a realidade que nos aguarda, porque podemos ser chamados, a qualquer momento, a “prestar contas dos talentos que recebemos”, na certa quando assumimos o compromisso de realizarmos o Bem.

Quem vive apegado aos bens e interesses terrenos revela, mesmo que afirme o contrário, pouca certeza quanto à vida espiritual, pois, em caso contrário, não tergiversaria em renunciar a muitas coisas do mundo pelas riquezas espirituais, que se traduzem, basicamente, nas conquistas interiores da inteligência e da moralidade.

O tempo urge e não há como adiarmos mais a reflexão sobre o quanto já nos desapegamos de tudo que

nos mantém atrelados ao passado primitivista, que nos jungia até ao próprio corpo em estado de putrefação, após a morte.

A consciência age automaticamente, apesar do Amor Divino nos conceder sempre novas chances de refazimento moral.

1.1 – DESAPEGO DOS BENS MATERIAIS

Pedimos licença aos prezados confrades para refletirmos juntos sobre o dinheiro na vida de alguns personagens do Cristianismo e na nossa própria vida.

Zaqueu, que viveu muitos anos apegado às riquezas, acumuladas por meios que sua consciência condenou tão logo caiu em si, depois de dialogar com Jesus, abandonou tudo que tinha amealhado e foi viver do próprio trabalho como professor e servidor braçal, conforme lhe foram surgindo as oportunidades, assim, gradativamente, redimindo-se e seguindo adiante na escalada evolutiva, até transformar-se no missionário do Cristo Bezerra de Menezes. Maria de Magdala, vítima da própria luxúria e do apego aos bens materiais, deixou tudo para trás e seguiu Jesus, após receber d'Ele Sua Bênção, passando a dedicar-se ao amparo aos leprosos do corpo e da alma, subindo, nas sucessivas reencarnações, pelos degraus da evolução até chegar a Madre Teresa de Calcutá, a Grande Mãe dos que nunca tiveram mãe que os acalentasse.

Paulo de Tarso, que nasceu em família rica e auferia polpudos salários no malsinado trabalho de perseguidor cruel dos adeptos do Cristo, depois que O encontrou às portas de Damasco, renunciou ao poder material e à fonte de renda da Maldade, passando a manter-se com o trabalho de manufactureiro de tendas, progredindo ético-moralmente pelo futuro afora até o

estágio espiritual do *sadu* Sundar Singh, pregando o Evangelho de Jesus entre os tibetanos, na sua última encarnação, no século XX.

E nós, como temos garantido nossa sobrevivência material?

Podemos realmente olhar-nos no espelho da própria consciência e sentirmos a tranquilidade do dinheiro ganho com honestidade e com desapego ou ele nos queima as mãos e teremos de devolvê-lo à comunidade ou às pessoas, através das doações espontâneas ou escoará por entre nossos dedos com os gastos médicos e medicamentos, tentando, em alguns casos, curas impossíveis?

O desapego aos bens materiais é uma das virtudes mais difíceis para os seres humanos da atualidade, fascinados que ainda vivem pelo consumismo e pelo desejo de mais gozarem de facilidades que cheguem ao ponto de não precisarem sequer exercer algum trabalho...

Não há como amarmos a Deus e a Mamom ao mesmo tempo, já advertia Jesus, ensinando-nos o desapego aos bens materiais, os quais devem cingir-se ao necessário, enquanto habitamos um corpo de carne, pois na vida espiritual, de nada careceremos a não ser da própria consciência em harmonia com as Leis Divinas.

Pensem no papel que o dinheiro tem representado na nossa vida!

Quando temos uma situação financeiramente confortável na posição de encarnados, isso significa que pedimos a Deus a oportunidade de servir na Causa da Fraternidade, proporcionando benefícios para nossos

irmãos e não o resultado puro e simples dos nossos méritos, como se Deus recompensasse Seus filhos com a fortuna material: trata-se de um compromisso que prometemos cumprir, para nossa própria evolução.

Ninguém precisa de tantos bens para viver, sendo Jesus o Modelo mais significativo também nesse aspecto, pois nada tinha de Seu em termos materiais, mas tinha todos os poderes do Espírito, onde reside a verdadeira potência, onde está concentrado o foco do interesse dos seres evoluídos e não no número de propriedades, títulos, renome na sociedade, prestígio de família e outras realidades temporárias.

O aprendiz do Evangelho, dentro do possível, deve guardar para seu uso, apenas o indispensável para bem cumprir suas tarefas, passando a outras mãos, mais necessitadas no momento, tudo que lhe seja dispensável, até como exercício de desapego. Em caso contrário, seu coração estará preso aos bens que “as traças roem e os ladrões desenterram e roubam”.

1.2 – DESAPEGO DOS INTERESSES MATERIAIS

O ideal de realizar grandes feitos é natural e louvável. Todavia, o desapego ao poder é virtude que poucos alcançaram. A maioria, aliás, não faz empenho algum em adquirir essa virtude e só se desliga do poder contra sua vontade...

Um louvável exemplo foi dado por **Lúcio Quinto Cincinato**

(www.sobiografias.hpg.ig.com.br/LuciusQu.html):

*[ou Lucius Quinctius Cincinnatus] (519 - 438 a. C.)
Guerreiro romano de trajetória parcialmente lendária.
Homem simples chegou a cônsul e ditador e, depois de salvar a cidade, tornou-se um dos personagens mais*

importantes da história de Roma. A república romana atravessava então momentos difíceis por causa de um iminente ataque de volscos e équos, duas tribos tradicionalmente inimigas dos latinos. Um destacamento romano comandado por Minúcio (458 a. C.) enfrentou os équos no monte Álgido, mas ficou acuada num desfiladeiro. Diante da desesperada situação dos sitiados e da própria cidade, os cônsules decidiram recorrer a Cincinato, experiente general que comprovara sua habilidade militar em confrontos anteriores com os volscos. O oficial que procurou Cincinato para entregar a nomeação encontrou-o lavrando a terra. Com dificuldade, conseguiu convencê-lo a aceitar o cargo de ditador, título que lhe outorgava, em caráter provisório, poder absoluto. No comando de um poderoso exército, ele foi ao encontro do inimigo e o venceu, segundo a lenda, em apenas um dia. De posse de vultoso butim, regressou a Roma, renunciou ao cargo e voltou à vida simples de lavrador.

Temos que Cincinato:

- a) não procurou o poder e sim foi convidado para exercê-lo;
- b) foi-lhe outorgado poder absoluto, mas não consta que tenha agido de forma indevida contra alguém ou em benefício próprio;
- c) cumprida sua missão, renunciou ao poder.

Numa época em que grandes disputas ocorrem pelos postos de comando; em que abusos dos mais graves são praticados por muitos que exercem o poder; em que tudo se faz para continuar em situação de evidência - fica parecendo surrealista o idealismo de um Cincinato.

Mas, o antídoto para essa fúria desenfreada pelo poder está na compreensão de que somente o povo detém o poder.

Em caso contrário, acreditando cada um que o

exercício do poder significa a recompensa aos bem dotados, seres superiores que merecem dirigir os destinos dos menos aquinhoados, estaremos utilizando-o, mesmo que minimamente, com desvio ou excesso de poder.

Pensando de forma incorreta e em desacordo com as luzes atuais de valorização do povo, quando chegar a época de deixar o poder, estarão desarvorados, como quem perde um patrimônio pessoal...

Os benefícios terrenos servem apenas enquanto o Espírito está vestido com um corpo de carne, para ter as condições de sustentar-se com a dignidade do trabalho útil e honesto. Todavia, há um limite para se obedecer, a partir do qual se ingressa na faixa do supérfluo, do desnecessário, do perigoso para a própria serenidade do Espírito.

Se alguém nasce com a tarefa do exercício do poder, deve exercê-lo para o bem comum, como Pedro II, o grande e humilde servidor do povo brasileiro; se a tarefa é na área financeira, como Henri Ford ou Bill Gates, que sejam criados postos de trabalho, mas não uma vida dedicada à usura; se a força é o intelecto, como Einstein e Albert Sabin, que seja empregado em favor da Ética e não da imoralidade, da violência e da competição desenfreada.

Cada um tem de prestar contas a Deus dos recursos que d'Ele recebeu, como na parábola dos talentos.

1.3 – DESAPEGO DOS OUTROS ESPÍRITOS

Transcrevemos aqui uma reflexão do livro “Luz em Gotas”, psicografado pelo irmão, então encarnado,

Gilberto Pontes de Andrade, intitulada “Para que servem os Amigos”:

Quando o homem pretende ser querido pelos demais, passa a adotar a gentileza e a doçura como formas de conduta. Porém, logo que se apropria da confiança dos seus pares, passa a adotar uma atitude inversa, ignorando as mais mezinhas normas de Fraternidade. Isso tem sido uma realidade no cenário humano.

E não acrediteis que os deslizes, relacionados às regras da gentileza, devam ser atribuídos ao “modus vivendi” atual das coletividades humanas. Pois, embora seja razoável asseverar que não há mais tempo para as pequeninas normas de etiqueta, devemos saber que uma palavra de amizade, uma expressão delicada, um gesto de meiguice, um sorriso ou um aceno cordial sempre encontram guarida, mesmo naqueles que pareçam indiferentes às boas maneiras.

O gesto amável é o passo para sedimentar uma amizade nascente e, também, para apagar uma suspeita infundada, uma informação infeliz uma inspiração negativa.

Não aguardeis, porém, que os outros tomem a iniciativa de serem gentis para convosco: a iniciativa deve ser vossa.

Sejam os vossos hábitos de culto da gentileza um modo de equilíbrio, que deveis impor a vós mesmos como disciplina de auto burilamento da vontade e do comportamento.

E, agindo assim, estareis preparados para viver nas Colônias Espirituais – para onde transferireis, mais tarde, vossa residência, em cujo ambiente preponderam o respeito e a cordialidade, a gentileza e o afeto.

Como ninguém tem a obrigação de vos amar, antes deveis amar os outros.

Respeitai nos ásperos, nos ingratos e nos frios do vosso caminho criaturas infelizes, a quem deveis maior cota de gentileza, pois isso também é Caridade. E deveis agir assim, principalmente, em vosso próprio lar e em relação aos vossos parentes.

Para a vitória sobre vós mesmos, imprescindível será vos submeterdes a eficiente programa de ação nesse sentido, que não pode ser negligenciado.

São necessárias autoanálise, trabalho sincero, prece constante e sadia convivência com os mais infelizes.

Recordai que a vida física é breve, por mais longa pareça.

A oportunidade abençoada que vos chega não é casual: aproveitai-a, gerando simpatia e fazendo o bem, porque o vosso objetivo agora é o aprimoramento espiritual.

Dignificai a vossa Fé, traduzindo-a em serviços aos vossos semelhantes – como a fonte que se confia ao próprio curso, guardando a Bondade por destino.

Grandes e pequenas ocorrências desfavoráveis sobrevirão, induzindo-vos a declarar, no mundo íntimo, a revolução da revolta incontida, qual se devêsseis quebrar, em crise de ira, a escada que a Vida vos destinou à escalada para o Mais Alto.

Entretanto, quando ainda tendes de comprar o vosso equilíbrio a preço de lágrimas, deveis suportar o tributo da conquista que realizareis na direção da vossa elevação.

No claro caminho que vos foi reservado, encontrareis o lamento, as injúrias e as injustiças daqueles que acreditaram na elevação sem trabalho – e, por isso mesmo, viram-se esbulhados pela própria rebeldia, na vala do desencanto. E encontrareis, também, os que transformaram a própria liberdade em

passaporte para a Demolição, angustiados na descrença que geraram para si mesmos.

Prossigui sem esmorecer, auxiliando e construindo, e sereis, por vossa Fé, o alento dos que choram, a Esperança dos tristes, o raio do sol para os que atravessam a longa noite da penúria, o apoio dos amargurados, abnegação que não teme estender o braço providencial aos caídos e o bálsamo dos que tombaram e se feriram no caminho.

Seja a vossa Fé a armadura e o crisol. Com ela defender-vos-eis das arremetidas da Sombra e purificar-vos-eis através da lealdade ao Bem Eterno, marcada, quase sempre, pelo fogo do sofrimento.

Seja a vossa Fé, enfim, o guia para o ingresso na Suprema Redenção, mas, para semelhante vitória, exige-se vossa disposição para abençoar incessantemente e servir sem esmorecer.

Que as bênçãos de Jesus iluminem os vossos caminhos e solidifiquem o vosso Espírito nos trabalhos de cada dia.

Todavia, até quanto aos amigos devemos ser desapegados, para não dificultar sua liberdade de escolha, seu crescimento intelectual e moral, em outras palavras, sua evolução e sua felicidade, querendo submetê-los, mesmo que suavemente, às nossas vontades e critérios de interpretar e viver a Verdade.

Muitas vezes, sob o manto e a aparência de Amar, na verdade, estamos coarctando os voos dos nossos afetos mais caros e sinceros. Devemos aprender o desapego quanto a eles, libertando-os e nos libertando, pois somente o Amor do Pai Criador e Sustentador da Vida detém a Perfeição Absoluta e leva sempre ao Bem, sem jaças.

Amar e ser Amado é o ideal de todos os Espíritos, mas devemos Amar com desapego, Amar libertando, Amar com respeito à individualidade dos outros.

1.4 – DESAPEGO DO CORPO ALHEIO

A visão materialista principalmente de grande parte dos Espíritos encarnados faz cobiçar o corpo alheio, como objetivo de satisfação egoística, muitas vezes sob o pretexto de Amar, mas, na verdade, sendo a intenção secreta a de utilizar maliciosamente os implementos orgânicos, colocados por Deus sob o comando do outro, para fins educativos. Principalmente no relacionamento afetivo a nível de convivência íntima, costuma-se desvirtuar o Amor, tentando explorar a afetividade alheia através do abuso sobre o corpo do ser que se diz Amar.

A falta de verdadeiro respeito à dignidade do outro, que também é filho de Deus, é que leva muitos casais ao rompimento, porque tanto fizeram um contra a honradez do outro, que, no final de algum tempo, o Amor e a admiração iniciais se contaminam com as mágoas e o ressentimento provocados pelos atentados morais que um cometeu contra o outro.

Emmanuel afirma: “Há Espíritos que se Amam profundamente e nunca se tocaram.” As necessidades corporais devem ser colocadas sob o controle ético, para que não se convertam em fonte de desapontamento e decepção, quando não de crimes.

Os implementos orgânicos representam sagrado material que Deus concede aos Seus filhos para evoluírem e nunca para de comprometerem com o Mal.

O limite entre o justo e o injusto, o conveniente e o desarrazoado deve ser estabelecido por cada um, atentando para o alerta de Paulo de Tarso: “Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém.”

As uniões entre pessoas que se dizem Amar deve ser muito mais de almas que de corpos, embasadas na proposta de trabalho no Bem, para que sejam gratificantes e duradouras, fonte inesgotável de felicidade, quando escudadas no desapego um em relação ao outro, no seu sentido mais elevado, e no apego a Deus. Trata-se de um aprendizado de muitas encarnações, que somente se perfectibiliza quando o Espírito já está purificado pela dedicação ao Bem, passando a merecer a luz interior, que passa a iluminar seu exterior como já clareou todos os refolhos do seu psiquismo.

É importante começar a investir nessa conquista espiritual, para ser feliz desde agora, e não aguardar algum dia no futuro para começar a respeitar a dignidade de quem está ao nosso lado para evoluirmos juntos, pelo tempo que a Justiça Divina autorizar, pois, do Amor restrito devemos aprender o Amor Universal, como quer nosso Pai.

1.5 – DESAPEGO DA PRÓPRIA INTELIGÊNCIA

A inteligência é uma conquista de cada Espírito, inegavelmente, todavia, se há o mérito individual, resultado do esforço persistente em aperfeiçoar-se, temos de considerar dois fatores nessa situação: a programação amorosa e dedicada dos Orientadores Espirituais, que colocam cada Espírito no contexto

exato para mais evoluir, tanto quanto a contribuição de todos os demais seres no crescimento intelectual de cada um. Com razão Ralph Waldo Emerson afirmou, em outras palavras, que somos o resultado feliz da humanidade inteira, pois ninguém deve arrogar-se o mérito da sua intelectualidade somente a si próprio.

Os Espíritos Superiores já aprenderam a gratidão a Deus e a todos os seus irmãos em humanidade, vivendo em constante harmonia com eles, praticando a gentileza e a doçura, ao lado da caridade e da fraternidade, agindo com igualdade e respeitando a liberdade de todos.

Desapegar-se das próprias conquistas intelectuais é aprender a humildade, pois há muitos que se perdem nos desvãos do orgulho pelos títulos intelectuais que adquiriram e, com isso, cortam o elo da intuição, que só beneficia aqueles que nada pretendem além de servir a Deus e à humanidade.

Quem se faz orgulhoso pelo seu cabedal intelectual passa a viver a horizontalidade dos conhecimentos do mundo, mas não aprende a Ciência Divina, que só é revelada aos ‘pobres de espírito’, quer dizer, aos realmente humildes.

As aquisições culturais terrenas são fragmentárias, pois a Cultura dos encarnados é materialista na sua generalidade, e, mesmo as informações mais avançadas em termos de espiritualidade repassada aos encarnados, são parciais, limitadas, pois que a Verdade, no seu significado mais profundo, vive na pátria espiritual, acessível aos Espíritos desvestidos do corpo físico e gozando da

plenitude das suas conquistas evolutivas de muitas encarnações, as quais eles conhecem e valorizam.

Desapegar-se da vaidade intelectual é imprescindível para apegar-se a Deus, cuja Luz somente penetra profunda e integralmente em quem não traz em si a couraça vibracional do apego aos interesses mundanos.

Há quem se envaideceu tanto da própria acumulação cultural que se castigou com a perda da memória, sendo que alguns casos são verificáveis entre os encarnados, vítimas da falta de humildade. “Quem se humilha será exaltado, e quem se exalta será humilhado”, assim afirmou Jesus.

O desapego à aparente superioridade, por causa da cultura, deve fazer parte do esforço diário de cada candidato a aprendiz do Evangelho de Jesus.

1.6 – DESAPEGO DOS INTERESSES ALHEIOS

É importante regozijarmo-nos com as conquistas salutares dos nossos irmãos em humanidade, mas devemos sempre nos colocar, nesses casos, na posição de meros coadjuvantes, parceiros com atuação meramente auxiliadora, mas deixando que eles assumam a responsabilidade pelo próprio progresso, sem o que ficarão eternamente dependentes e frágeis.

A evolução é individual, mesmo que muito amemos nossos afetos mais caros ao coração. Eles é que têm de palmilhar a escalada da própria evolução: compete-nos acompanhar-lhes os passos, ao seu lado, mas não à sua frente, como o guia do corredor cego, que não pode

arrastá-lo para a frente, mas apenas avisá-lo sobre algum perigo do percurso.

Os objetivos são individuais tanto quanto os louros. “Cada um está sozinho consigo próprio”, quer dizer, com a própria consciência, portanto, com Deus. A estrada evolutiva é uma vasta e ampla avenida, onde todos seguimos adiante, rumo a Deus, todavia, o que se passa no coração e na mente de cada caminhante somente ele próprio sabe e responde por suas preferências e escolhas.

Participar da vida dos nossos afetos ou daqueles que ainda não conseguimos conquistar é de lei, mas como companheiros de algum tempo, segundo o Planejamento Divino, que, em última instância, programou o Amor entre todos os seres e não apenas entre poucos irmãos, isolados dos demais.

Se nossa intenção é ajudar a evolução alheia, nunca, por outro lado, devemos invejar suas conquistas justas ou injustas, pois, na verdade, somente Deus sabe por que cada um deve deter nas próprias mãos determinados benefícios. Nosso presente significa apenas um espaço de tempo, diminuto, da nossa viagem para o futuro, tanto quanto acontece com os demais Espíritos. Aquilo que a Justiça divina nos confiou é diferente do que entregou aos demais, cada um devendo olhar apenas para o seu próprio prontuário de deveres a cumprir e não julgar o trabalho alheio, nem nele tentar interferir. Podemos comparar à situação dos trabalhadores da Vinha, referidos na parábola dos trabalhadores da última hora, porque não devemos questionar o salário que cada um venha a receber, uma

vez que somente o Pai sabe quanto cada um deve ganhar.

Que nossos “olhos sejam bons”, não cobiçando o salário de ninguém, mas contentando-nos com o nosso, como Jesus ensinou, Ele próprio não tendo “uma pedra onde assentar a cabeça.”

1.7 – DESAPEGO DO PASSADO

Ao reencarnar, cada Espírito é submetido a um processo hipnótico realizado por especialistas nas ciências psíquicas, com a finalidade de adequar-se-lhe o patrimônio mnemônico às necessidades do reinício, que deverá transcorrer, assim, com maiores chances de sucesso. Na verdade, sem esse esquecimento temporário, seria inviável a reabilitação da maioria dos encarnados, que teriam presentes na memória atual seus erros praticados contra os outros e contra si próprios, além das injustiças reais ou supostas que teriam sofrido. André Luiz afirma que quase ninguém suportaria uma vida longa demais na atual realidade terrena, de planeta de provas e expiações, em que preponderam os defeitos morais, porque as lembranças amargas sobrepujariam as cariciosas. Yvonne do Amaral Pereira afirmava que tinha o triste privilégio de recordar-se de várias encarnações anteriores. Todavia, sua situação era especialíssima, porque as lembranças eram necessárias para o sucesso do trabalho doutrinário que lhe competia, inclusive na elaboração dos seus livros.

Há pessoas que gostariam de ter acesso ao próprio passado remoto, o que, todavia, pode lhes prejudicar a

atuação na atual encarnação, pois, olhando para trás, correm o risco de se perturbarem. O presente é que importa e os orientistas têm razão quando aconselham a valorização do “aqui e agora”. Existe quem conserva com excesso de apego papéis, objetos, relíquias e outras lembranças nem sempre convenientes para eles próprios, bem como para eventuais desencarnados que têm a ver com aqueles pertences. Imagine-se a angústia dos personagens históricos com a idolatria de admiradores fanatizados; dos que foram canonizados como santos sem merecimento; dos que criaram em seu redor da sua pessoa uma aura de superioridade ou negatividade, que pode influenciar indefinidamente as personalidades desequilibradas... Há casos de parentes desencarnados que não conseguem se equilibrar pela emissão mental descontrolada dos encarnados saudosos, vítimas da inconformação ou da revolta...

O passado simplesmente passou e não deve ser perenizado, conforme lição da Mãe de Jesus a Francisco Cândido Xavier ao lhe enviar por Bezerra de Menezes uma frase aparentemente simples, mas de imensa profundidade e digna de reflexão permanente: “Isso também passa.” O pensamento desequilibrado pode atingir seu alvo; a saudade doentia pode desestruturar aquele que precisa de paz; os objetos impregnam-se com o magnetismo de quem os possuiu e quer esquecer o passado para se reformar moralmente.

Recomeçar sempre em bases mais saudáveis e elevadas: esse o caminho, desvinculando-se do que prejudique a paz e a reforma moral. O apego ao

passado é prejudicial, tanto que as reencarnações significam recomeços.

Somente os Espíritos Superiores têm condições de suportar as lembranças de um período muito largo de sua existência. Os encarnados que guardam uma tendência ao saudosismo deveriam rever sua forma de pensar, para não estagnarem enquanto tudo chama para a renovação e o crescimento intelectual e moral.

1.8 – SUPERAÇÃO DAS POSTURAS INCONVENIENTES

É de grande utilidade cada um analisar suas posturas para verificar se não estão sendo categorizadas pelos outros como inconvenientes. Francisco Cândido Xavier, por exemplo, era frequentemente importunado por um conhecido que, sempre que o via, achava que o alegraria lhe contando anedotas picantes... Quantos adoram falar o tempo todo do próprio sucesso e outros das suas infelicidades reais ou imaginárias! Outros utilizam um vocabulário chocante a cada passo da conversação, a qual se torna torturante... Outros ainda alugam por horas a fio os ouvidos alheios na narrativa de episódios deprimentes. Há quem fale e não deixe oportunidade de ninguém falar...

A falta de respeito à individualidade alheia, à privacidade dos outros, ao direito de cada um pensar como lhe apraz, tudo isso representam inconveniências que devem ser evitadas, sob pena de se criarem indisposições em todos os ambientes e em relação às pessoas em geral.

Quantas vezes se veem personalidades públicas dizendo despautérios quando poderiam estar

contribuindo para o equilíbrio, a paz, a harmonia e o bem-estar geral, infelizmente inclusive no próprio meio religioso, criando situações lamentáveis!

As inconveniências são o retrato do desalinho interior, enquanto que as posturas equilibradas falam em favor de quem as adota. Jesus nunca foi inconveniente, sendo o Modelo que devemos adotar sempre, dentro das nossas possibilidades.

2 – APEGO A DEUS

Não foi por acaso que Jesus colocou em primeiro lugar o Amor a Deus, acima de todas as coisas, valores e pessoas, pois, se, realmente, invertermos essa sequência de prioridades, estaremos errando, com graves consequências para nossa própria vida.

Os Espíritos menos evoluídos têm dificuldade em entender o Pai, justamente porque aprenderam a enxergar apenas com os olhos materiais e não sabem ainda utilizar o pensamento, pelo qual se conhece o Pai e se relaciona com Ele.

Para muitos Deus é uma abstração e há quem Lhe negue a própria existência, apesar de não haver base racional para acreditar que o Universo, regido por Leis perfeitas, tenha surgido do Acaso e que a Vida seja mero acidente da Natureza.

Lao Tsé canta um poema de Amor ao Pai Celestial, homenageando-O e ensinando às gerações que o sucederam a fazer o mesmo.

Jesus nos ensinou o “Pai Nosso”, que é o mais importante legado que a humanidade recebeu, acima

mesmo do Sermão da Montanha, porque diz respeito a Deus e não às Suas criaturas.

Apegar-se a Deus significa cumprir-Lhe os Mandamentos, que podem resumir-se no Amor a Ele, a nós próprios, no sentido de evoluirmos, e ao próximo, englobando todos os seres, do mais primitivo ao mais evoluído.

Devemos ensinar nossos irmãos em humanidade também a reverenciar a Deus, orando em Seu louvor e agradecendo-Lhe a benção da vida e não apenas expor-Lhe um rosário de pedidos, muitos até injustos.

O azul do céu, o brilho das estrelas, a claridade do luar, a beleza das paisagens naturais, a saúde do corpo, a inteligência, os afetos mais puros, os sofrimentos físicos e morais, tudo são bênçãos de Deus, para nossa evolução, pelo que devemos agradecer.

Deus quer que sejamos irmãos de verdade uns dos outros e não adversários: por Amor a Ele aprendamos essa Lição, que a recompensa será a felicidade.

O apego a Deus não implica em excluirmos nossos irmãos, mas abraçá-los, pelo pensamento, se possível, abarcando a humanidade toda: isso é apego a Deus, que Ele quer que aprendamos.

Aqueles que ainda não adquiram a humildade não conseguem orar a Deus como quem se dirige confiantemente ao Pai Celestial e, por mais que tentem encarar com naturalidade esse relacionamento, seu orgulho os impede de acercarem-se do Criador com o Amor e que Ele quer dos Seus filhos, entregando-se de corpo e alma a quem nos Ama Infinitamente. Os prepotentes veem nessa entrega uma humilhação, que

não se permitem e pagam caro com os sofrimentos que carregam para si próprios com sua impenitência.

A ignorância dos tempos mosaicos, por exemplo, fez com que se tivesse no Pai um Senhor Rude e Severo, quase igual a Júpiter, que oscilava entre a bondade e a maldade, como um ser humano impaciente, inconstante e cioso de poder. Somente com Jesus vimos mais claramente Deus como Pai Amoroso, apesar das afirmações consoladoras de um Lao Tsé sobre Tao, Senhor do Universo.

Não há Amor mais completo e puro que o do Pai, que grande parte da humanidade da Terra, infelizmente, ainda não tem condições de compreender, justamente porque lhe faltam as virtudes, única porta aberta para ingressarmos na faixa mental da Superioridade e Felicidade dos que procuraram, em primeiro lugar, “o Reino de Deus e Sua Justiça.” Essa porta somente se abre para quem se desapegou de tudo que é incompatível com as Leis Divinas. Felizes dos que já têm Deus no coração e na mente, porque podem repetir, mesmo que em escala infinitamente menor: “Eu estou no Pai e o Pai está em Mim.” Isso representa apego a Deus, que Jesus, Lao Tsé, Francisco de Assis, Sócrates e alguns outros fizeram por merecer.

2.1 – O TAO TE CHING

Neste ponto, transcrevemos o texto intitulado “*O Tao Te Ching na Visão Espírita*”, que representa o encantamento diante da presença de Deus, reconhecida pelo missionário de Jesus naqueles tempos recuados da evolução da humanidade:

INTRODUÇÃO

Colhemos o texto do seguinte endereço da Internet: http://pt.wikisource.org/wiki/Tao_Te_Ching, todavia nele introduzimos algumas correções, pois a digitação e a própria gramática são ingratas, além de que mudamos o estilo para a prosa e selecionamos apenas os excertos referentes a Tao, que, acreditamos, tenha sido a expressão utilizada com o principal significado de Deus, porém, não antropomórfico, mas Imaterial, Invisível, Perfeito, Infinito, a quem se deve Amar acima de todas as coisas. Não concordamos com a afirmação de alguns de que se trata de uma doutrina panteísta, como podemos deduzir pelas suas expressões sobre Tao. Quando fala em “Tao do homem” presume-se que seja por simples pobreza vocabular daqueles tempos remotos, em que o número de palavras era reduzido, principalmente para expressar as realidades imateriais.

Jesus, como se sabe, nunca deixou de enviar Seus emissários a todos os povos, para ensinar-lhes a Verdade, ou seja, as Leis Divinas. Lao Tsé foi um dos missionários que o Divino Governador da Terra determinou que encarnasse na velha China, a fim de instruir o povo sobre a Verdade. O que se nota é que o texto é um misto de ensinamentos que se podem resumir no “Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”. Aliás, essa é a essência de quase todas as correntes religiosas.

Em seguida a cada trecho do livro de Lao Tsé, colocado em itálico, estarão nossos breves comentários:

O Tao sobre o qual se pode discorrer não é o eterno Tao; o Nome que pode ser dito não é o eterno Nome; o não-ser

nomeia a origem do céu e da terra. O ser nomeia a mãe das dez-mil-coisas. Por isto, no não-ser contempla-se o deslumbramento; no ser contempla-se sua delimitação. Ambos, o mesmo com nomes diversos, o mesmo diz-se mistério. Mistério dos mistérios, portal de todo deslumbramento.

Deus é Infinito e sobre Ele não há palavras do vocabulário humano adequadas para descrevê-l’O, justamente por estar acima de qualquer concepção humana. Por isso Jesus chamou-O simplesmente de Pai, considerando que não haveria melhor expressão para nos informar sobre Ele, pois, comparando-o com os pais terrenos, que reproduzem corpos, o Pai Celestial é o Criador dos Espíritos, ou seja, de tudo o que existe. Deus é um “não-ser”, que tudo criou, diferente do nosso “ser”, que modifica o que já existe. Grande foi o esforço de Lao Tsé procurar dar a noção de que Deus é Espírito, ao contrário do Deus antropomórfico da maioria das correntes religiosas da época. Utilizou, por falta de termos melhores, as expressões: “Eterno”, “Nome”, “Não-Ser”, “Mistério” e “Deslumbramento”.

O Tao é um vaso vazio cujo uso nunca transborda. Abismo! Parece o ancestral das dez-mil-coisas, abrandando o cume, desfaz o emaranhado, modera o brilho, une o pó. Profundo! Parece existir: eu não sei de quem é filho, parece ser o anterior ao Ancestral.

Abarca o Universo. Profundidade Infinita. Criador de tudo que existe. Detém o Poder Absoluto. É o Incriado.

O bem supremo é como a água. A água beneficia as dez-mil-coisas sem conflito, habita os lugares que os homens abominam: por isto aproxima-se do Tao.

Para aproximar-se conscientemente de Deus, que é o Bem Supremo, é preciso ser como a água, que faz o Bem a tudo e a todos, indistintamente. Aqui está uma das afirmações do Amor ao próximo.

Ao concluir a obra deve-se afastar-se: este é o Tao do céu.

Apesar de filhos de Deus, a Obra pertence a Ele, que nos honra com a oportunidade de trabalhar na Sua Vinha, mas devemos ter consciência de que somente nosso próprio interior nos pertence e não o que ultrapassa os limites de nós mesmos. O desapego é uma das virtudes, reflexo da noção de que nada nos pertence. Assim Jesus afirmou: “Eu não tenho uma pedra onde assentar a cabeça.”

Olhamos e não vemos: esse se chama J; escutamos e não ouvimos: esse se chama H; tocamos e não sentimos: esse se chama V: estes três não podem ser decompostos, entrelaçados constituem um. Seu alto não é luminoso, seu baixo não é escuro, contínuo... não se pode nomear: retorna ao não-ser. Isto é chamado: forma sem-forma, imagem da não-coisa; isto é chamado: claro-escuro. Ao encontrá-lo não se vê rosto, ao segui-lo não se vê as costas. Voltando ao caminho antigo poderemos reger o presente e conhecer a origem da antiguidade. Isto é: o fio condutor do Tao. Na antiguidade os que atuavam o Tao estavam sutilmente penetrados no místico, tão profundamente que eram irreconhecíveis e, por serem irreconhecíveis, força-se a descrever seu aspecto exterior.

Não há como descrever o Indescritível e, somente pela visão espiritual, Ele é perceptível. Os missionários que antecederam Lao Tsé estavam sintonizados com Jesus, Representante de Deus para os habitantes da Terra, sendo que tais missionários, por sua elevação

intelecto-moral, estavam muito acima da humanidade terrena.

Quem guarda o Tao não deseja o muito e, por não buscar o muito, pode renovar-se.

Quem pensa, sente e age segundo as Leis Divinas tem tudo que é importante para sua evolução intelecto-moral. Por isso Jesus afirmou: “Procurai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e Sua Justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo.”

Ao haver o céu há o Tao. Ao haver o Tao há duração.

O Céu é a representação da perfeição relativa, resultado da evolução intelecto-moral, conforme as Leis Divinas. A continuidade da evolução vai em direção ao infinito.

Quando o grande Tao se retrai, surgem o amor humano e a justiça. Quando a sabedoria e a crítica prosperam surgem as grandes mentiras. Quando os laços familiares se rompem surgem o dever filial e paternal. Quando as nações estão em desordem surgem os funcionários leais.

Deus concede o livre-arbítrio aos seres que já alcançaram a razão, ou seja, a inteligência, na fase humana. Assim, uns optam pelo Bem e outros pelo Mal.

O conteúdo da grande virtude provém inteiramente do Tao. O Tao gera todas as coisas de modo tão ofuscante que obscurece. Obscuras e ofuscantes são suas imagens. Ofuscantes e obscuras, nele estão as coisas. Tenebrosa e insondável, nele está a semente. E esta semente é a verdade e no seu interior está a autenticidade. Da antiguidade até hoje temos de usar nomes para se examinar todas as coisas, mas como sei como surgem todas as coisas? - Justamente por sua semente.

Deus plantou na intimidade de cada ser a consciência, a qual orienta sua evolução rumo à perfeição relativa.

Portanto, quem segue o Tao é um com o Tao, quem segue a virtude é um com a Virtude, quem segue a perdição é um com a perdição. Quem se une ao Tao, o Tao o acolhe alegremente. Quem se une à virtude, a virtude o acolhe alegremente. Quem se une à perdição, a perdição o acolhe alegremente. Onde há pouca fé não se encontra fé. Ao colocar-se na ponta dos pés não se obtém firmeza. Com as pernas abertas não se pode andar. Quem aparece não pode brilhar. Quem se afirma não pode figurar. Quem se gloria não terá méritos. Quem se enaltece não pode perdurar. Para o Tao ele soa supérfluo, parasita, coisas que todos abominam. Por isto, quem está no Tao nelas não cai. Há uma coisa indefinida, mas perfeita, que existe antes do Céu e da Terra. Silenciosa e separada, fica sozinha e imutável: tudo permeia, mas nada põe em risco. Pode ser chamada de Mãe sob o céu. Não sei seu nome: escrevo Tao; forçado a nomear, chamo de Grande. Grande significa além, além significa longe, longe significa retorno. Por isto, o Tao é grande, o Céu é grande, a Terra é grande, o Homem é grande. No Universo há quatro grandes: o Homem é um dos quatro. O Homem segue a terra, a Terra segue o céu, o Céu segue o Tao, o Tao segue a si mesmo.

Jesus, que atingiu elevadíssimo grau de perfeição relativa, como Espírito Puro, afirmou: “Eu e o Pai somos Um”, informando-nos sobre Sua sintonia com Deus. Também disse: “A cada um segundo as suas obras” e “Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo que eu faço e muito mais ainda.” Como visto, os antigos chineses tiveram acesso à Verdade, através de

missionários que a afirmaram, desde tempos imemoriais.

Coisas que necessitam de reforço constante logo envelhecem: isto é chamado sem Tao. Sem Tao logo não há Tao atuante. Armas não são instrumentos de boa-sorte: são coisas que todos odeiam. Portanto, quem está no Tao com elas não se ocupa.

A não-violência estava, assim, aconselhada há milhares de anos, pois a Paz é de Deus, como consequência do Amor ao próximo.

Tao... o intocável e inominável, embora muito pequeno, o mundo não o pode controlar.

Por que Deus é pequeno? – Por que, pelo estado de ignorância da maioria dos Espíritos, não recebe deles o reconhecimento que deveria ter, todavia, “o mundo não o pode controlar”, mas Ele é quem controla tudo.

Uma similaridade do Tao no mundo: os riachos das montanhas e águas dos vales indo para o rio e o mar.

A água, desde seu surgimento na superfície, passando ao regato e, depois, aos rios, sempre encontra um caminho para chegar ao oceano, e, nesse trajeto, fertiliza as terras por onde passa: assim é Deus, que a tudo e a todos sustenta com Seu Pensamento de Amor Paterno e não há quem ou o que não Lhe receba a influência fecundante.

O grande Tao é transbordante: está à direita, está à esquerda. As dez-mil-coisas provêm dele e ele não as rejeita. Realiza a obra e não as chama de propriedade. Ele veste e alimenta as dez-mil-coisas e não se assenhora

delas. Não tem desejos e por isto é pequeno, mas, como tudo depende dele, chamamos grande.

Deus preenche o Universo, por Ele criado. Dá as potencialidades evolutivas a cada ser e a cada um sustenta com Seu Pensamento de Amor Paterno. Seu único objetivo é a Felicidade dos Seus filhos e filhas. É pequeno, inexistente até, para quem não O reconhece como Pai, mas, na verdade, é a Origem de tudo.

Música e iguarias fazem o peregrino estagnar, mas o Tao surge da boca sem som e sem sabor. Olha-se e nada se vê, ouve-se e nada se escuta, usa-se e nunca se esgota. Para comprimir deve deixar expandir, para enfraquecer deve deixar fortalecer, para destruir deve deixar desabrochar, para retirar deve dar: isto é chamado conhecer o invisível.

Os Espíritos encarnados, muitas vezes, se deixam enganar pelo apego às coisas e interesses materiais, esquecendo-se de que são Espíritos em cumprimento de tarefas programadas no mundo espiritual, que visam sua própria evolução intelecto-moral. O mundo espiritual é a verdadeira pátria do Espírito e a realidade que lá encontramos costuma ser quase o oposto da material, sendo seus únicos valores as virtudes.

O Tao é eterno não-fazer e nada fica por fazer. Se reis e príncipes o preservarem, as dez-mil-coisas por si se transformam.

A força do Espírito está no pensamento e, assim, os Espíritos Superiores, mesmo quando encarnados, atuam muito mais através das suas vibrações mentais do que na azáfama diária, no corre-corre atrás das

realizações materiais. Mais importante que mudar a realidade exterior é mudar o interior das pessoas, para tanto primeiro mudando a própria.

Portanto, perdendo-se o Tao, eis a virtude; perdendo-se a virtude, eis o amor humano; perdendo-se o amor humano, eis a justiça; perdendo-se a justiça, eis a moralidade. A moralidade reduz a fé e a fidelidade, sendo a origem de toda desordem. O saber prematuro é mera aparência do Tao e o começo de toda loucura. Por isto, o homem maduro atém-se ao real e não à aparência; atém-se ao palpável e não ao impalpável; afasta o ali e agarra o aqui.

Aqui também se aplica a Lição de Jesus: “Procurai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e Sua Justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo.” As realizações sem Deus são como “construir a casa sobre a areia”.

O retorno é o movimento do Tao, suavidade é a operação do Tao. Sob o céu as dez-mil-coisas nascem do ser e o ser nasce do não-ser. Quando uma pessoa superior escuta o Tao, ela pratica zelosamente. Quando uma pessoa mediana escuta o Tao, ela o segue alguns momentos e em outros não segue. Quando uma pessoa inferior escuta o Tao, ela ri às gargalhadas. Se não rir alto, então não é o Tao. Por isto existem as sentenças: O Tao claro parece escuro. O Tao progressivo parece retrógrado. O Tao plano parece escabroso. A Virtude suprema parece um vale. A Virtude firme parece vazia. A Virtude sólida parece vacilante. O grande quadrado não tem cantos. O grande talento não termina cedo. A grande música não se ouve. A grande imagem não tem definição. O Tao se oculta no sem-nome e só o Tao pode bem atuar, dando a si mesmo. O Tao gera o um, o um gera o dois, o

dois gera o três, o três gera as dez-mil-coisas. As dez-mil-coisas tem atrás de si escuridão, à sua frente elas abraçam a luz e o vazio lhes dá a harmonia.

Deus é o Criador, outorgando às Suas criaturas o poder de atuar no Universo. Os Espíritos Superiores pensam, sentem a agem conforme as Leis de Deus; os medianos oscilam entre o Bem e o Mal; os rebeldes às Leis Divinas riem dessas Leis, desacreditando do próprio Pai.

Quando o Tao reina sob o céu, usamos corcéis para puxar esterco. Quando o Tao não reina sob o céu, cavalos de batalha procriam nos pastos verdes.

Quando as criaturas são obedientes às Leis Divinas, tudo é harmonia. Em caso contrário, multiplicam-se as rivalidades.

Saber bastar-se no que basta é o bastante. Sem sair de casa conhece-se o mundo. Sem olhar pela janela vê-se o Tao do céu. Quanto mais longe se vai menos se conhece. Por isto, o homem santo não viaja e conhece, não olha e sabe, não age e realiza. No estudo a cada dia se cresce mais, no Tao a cada dia se decresce mais e decresce, decresce, até chegar-se à não-ação. Na não-ação nada deixa de agir.

A força do Espírito está no pensamento e quanto mais se sintoniza com as Leis Divinas mais se adquire força mental.

O Tao dá vida, a virtude cultiva, o ambiente molda, as influências desenvolvem. Por isto as dez-mil-coisas honram o Tao e dignificam a virtude. O Tao é honrado e

a virtude dignificada: isto não se ordena, mas vem espontaneamente.

A evolução intelecto-moral de cada Espírito se processa naturalmente, cada um a seu tempo. Deus concede a vida; devemos aprender, cultivar e ensinar as virtudes; o meio onde vivemos propicia o aprendizado; as boas influências auxiliam. Todas as circunstâncias, positivas e negativas são planejadas por Deus como impulsionadoras da evolução intelecto-moral.

O Tao dá vida, a virtude cultiva e o crescimento se aprimora e a proteção amadurece e a manutenção se renova. O mundo tem uma origem, que se pode chamar Mãe do mundo.

Deus é o Criador, mas pode ser chamado de Pai ou de Mãe.

Se eu tivesse o conhecimento de como agir de acordo com o grande Tao justamente temeria a atividade. O grande Tao é plano, mas o povo prefere atalhos onde a corte é rígida, mas os campos enchem-se de ervas daninhas e celeiros ficam vazios.

Novamente se fala na potência mental. A desconsideração das criaturas pelas Leis Divinas as faz cair nas garras dos Espíritos encarnados e desencarnados voltados para o Mal.

Isto se chama ostentar rapina; não, mas isto não é o Tao. Isto se diz sem-Tao e, quando sem-Tao, não há Tao.

O Mal não é criação de Deus, mas sim consequência da má aplicação do livre-arbítrio pelos seres rebeldes às Leis de Deus.

Fechar as entradas, trancar as portas, abrandar o cume, desfazer o emaranhado, moderar a luz, reunir o pó: isto se chama união misteriosa com o Tao.

Quem evolui intelecto-moralmente adquire cada vez maior poder mental, resultado da gradativa união consciente com Deus.

Raiz profunda, fundamento sólido, o Tao da existência eterna e da visão perpétua.

A evolução intelecto-moral concede poderes inimagináveis aos Espíritos que a conquistam.

Quando o mundo é governado pelo Tao, os mortos não se passam por espíritos.

Quando os encarnados compreendem as Leis Divinas, os desencarnados são encarados com naturalidade, pois tanto uns quanto outros são Espíritos, apenas que vivendo em contextos diversos, mas interligados pelo pensamento.

O Tao é o refúgio das dez-mil-coisas, tesouro dos bons, refúgio dos não-bons.

Deus ampara todas as Suas criaturas, sejam boas ou não-boas, bem como provê às suas necessidades evolutivas.

Mas empunhar o cetro de jade e desfilar em um cortejo festivo não se iguala a assentar e adentrar no Tao. E qual

a razão dos antigos apreciarem o Tao? Não é por que se diz: "Quem pede recebe, quem errou evita a perversão?" Por isto o Tao é o bem mais precioso do mundo: agir o não-agir, ocupar o não-ocupar, saborear o não-saborear, engrandecer o pequeno, retribuir rancor em virtude, planejar o difícil quando ainda é fácil, fazer o grande do que é pequeno.

Conhecer as Leis Divinas e praticá-las é a mais importante realização da vida humana e esse estilo de vida proporciona todos os poderes e benefícios úteis à evolução dos Espíritos.

Na antiguidade os que bem atuavam no Tao não buscavam a iluminação do povo, mas sim a sua simplicidade.

A instrução simplesmente enriquece o cérebro de informações, mas as virtudes proporcionam a evolução moral, que mais vale que a primeira. Assim Emmanuel falou: “Aquele que Ama está à frente do que simplesmente sabe.”

Sob o céu todos dizem que meu Tao é grande e, por isto, é anormal. Por ser grande, parece anormal; porque, se fosse normal, há muito teria ficado pequeno.

Deus é Infinito em todos os aspectos, por isso sendo rejeitado pelos orgulhosos, que não admitem nada nem ninguém que lhes seja superior.

O Tao do céu: sem lutar, é hábil em vencer; sem falar, é hábil em responder; sem sinalizar, vêm por si; passo-a-passo, é hábil em planejar.

Deus está acima de todas as Suas criaturas e detém todas as faculdades.

O Tao do céu, como lembra o armar de um arco!

O Poder de Deus é Infinito.

O Tao do Céu tira do mais e completa o menos. O Tao do homem é o contrário: tira do menos para dar ao mais. Mas quem tem a mais para dar ao mundo? - Só o possuidor do Tao.

Jesus disse: “Quem se humilhar será exaltado e quem se exaltar será humilhado.”: assim a Pedagogia Divina ensina Suas criaturas sobre a Igualdade. Enquanto isso, o egoísmo humano costuma expoliar os que pouco ou nada têm. Todavia, somente tem muito, em termos espirituais, os Espíritos Superiores, os quais dão muito de si aos que lhes estão abaixo na escala evolutiva, auxiliando-os na evolução intelecto-moral.

O Tao do céu não tem sentimentos, mas sempre está com o homem bom.

Deus não distingue entre Seus filhos e filhas uns dos outros, sejam bons ou não-bons, mas recompensa os primeiros para mostrar aos outros que vale a pena serem bons.

O Tao do céu beneficia sem prejudicar, o Tao do homem santo age sem lutar.

Deus somente beneficia, mesmo quando parece castigar. Os Espíritos Superiores nunca castigam a ninguém. Aliás, na “parábola do trigo e do joio”, Jesus afirmou, em outras palavras, que somente Deus

“separaria” o joio do trigo. Também disse: “Eu a ninguém julgo.” e “Não Julgueis para que não sejais julgados, pois, com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos.”